

Milton Marques Júnior - 1

# Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

---

Livro I: Eneas na Líbia

**Pesquisa e Organização** Prof. Dr. *Milton Marques Júnior*  
**Supervisão** Prof. Dr. *Juvino Alves Maia Junior*

**Pesquisadores Colaboradores e Coautores**

*Alcione Lucena de Albertim*

*Érika Pinheiro Araújo*

*Felipe dos Santos Almeida*

*Juvino Alves Maia Junior*

*Maria da Conceição Gomes da Silva Dério*

*Nathália Pinto do Rêgo*

*Raphaella Barbosa Belmont*

*Vanessa Lima da Cunha*

Milton Marques Júnior - 3

# Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

---

Livro I: Eneias na Líbia

Milton Marques Júnior

Ideia / Zarinha  
João Pessoa  
2011

4 - Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

Todos os direitos e responsabilidades do autor.

Editoração/Capa  
Magno Nicolau

Ilustração da capa  
Eneias chegando ao Lácio. Detalhe da Ara Pax - Roma.  
Arquivo do autor.

---

M357d Marques Junior, Milton.  
Dicionário da *Eneida*, de Virgílio - livro I: Eneias  
na Líbia / Milton Marques Junior. - João Pessoa:  
Ideia/Zarinha, 2011.

149p.

1. Literatura

CDU: 869

---



EDITORA LTDA.  
[www.ideiaeditora.com.br](http://www.ideiaeditora.com.br)



[www.zarinha.com.br](http://www.zarinha.com.br)

Foi feito o depósito legal  
Impresso no Brasil

## Sumário

---

Sobre o Dicionário, 7

Eneias, Herói Piedoso e Civilizador, 13

Estrutura Narrativa do Livro I, 25

Livro I: Eneias na Líbia, 33

Apêndice - Texto em Latim, 105

Índice Onomástico, 135

Referências, 147

6 - Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

## Sobre o Dicionário

---

A leitura frequente da *Eneida*, para ministração de aulas na graduação e na pós-graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba, fez-nos constatar a necessidade de um texto de apoio, de uma obra de referência – de que somos tão carentes no Brasil –, para a compreensão desta obra virgiliana. Complexa na sua estrutura, complexa na sua linguagem, a *Eneida* é também complexa pela variedade e abundância de informações de toda sorte: histórica, filosófica, geográfica, religiosa... Apenas para estabelecer uma característica da *Eneida*, que nos parece bem nítida, é impossível ler e compreender este poema épico sem o conhecimento da história de Roma, de seus primórdios à época de Augusto.

Foi pensando na dificuldade que encontra o leitor não iniciado, e mesmo alguns iniciados, nas obras clássicas, sem acesso ao texto em latim, que intentamos a realização de um dicionário da *Eneida*. Trata-se de trabalho lento e complexo, que faz jus às dificuldades que o texto nos apresenta a todo o instante. À frente do **GREC** – *Grupo de Estudos Clássicos e Literários*, da Universidade Federal da Paraíba –, o professor Juvino Alves Maia Junior e eu reunimos um grupo de pesquisadores, que conta com professores do curso de Letras e com estudantes da graduação e da pós-

graduação, e começamos um trabalho que, a princípio, parecia de Sísifo, pois se rolar o rochedo ao cume do monte já é bastante difícil, rolar o rochedo sem saber que caminho tomar torna bem pior esta empreitada. Contudo, uma vez traçado o caminho, a pesquisa pôde avançar, e se o rochedo não chegou ao cume, pelo menos não rolou mais montanha abaixo.

Com a publicação deste Livro I da *Eneida – Enéias na Líbia* –, finalizamos a quarta parte deste momento da pesquisa, pois se os Livros II, III e IV já se encontram verbetizados, ainda estão em fase de revisão. A publicação do Livro I é, para nós, um teste, esperando que o público a quem o dicionário se destina – inicialmente, os estudantes do curso de Letras – dê o seu retorno de leitura, sem o que não poderemos corrigir as falhas, com o intuito de tornar melhor esta obra de referência.

A primeira decisão que tomamos, que nos parecia óbvia, foi no sentido de realizar a verbetização a partir do texto em latim e não a partir de uma tradução. Embora nem sempre nosso público seja o aluno de Línguas Clássicas, entendemos que uma obra que tem intenção elucidativa, como um dicionário, não pode confiar senão no texto lido na sua língua de origem. Além do mais, nossa experiência com traduções nos mostra que o que se traduz e se coloca no mercado não é exatamente o que se encontra no texto. Pode ser na sua essência, mas não nos seus detalhes. Como nosso trabalho objetiva um estudo da *Eneida*, o viés analítico se impõe, obrigando-nos a ir aos detalhes do original em latim.

O que verbetizar foi decidido ao longo do rolar a pedra montanha acima. Inicialmente, pensamos nos personagens – heróis e divindades –, depois verificamos que era necessário ampliar a verbetização para os espaços e

acidentes geográficos, além de determinadas plantas e expressões. Como compreender a viagem *terra marique* de Eneias, no Livro III da *Eneida*, sem a preocupação de verbetizar cada local por onde o herói passa? E as várias expressões de relação metonímica, como um *velho Baco* (*ueteris Bacchi*, Livro I, verso 215), por um vinho envelhecido? Ou expressões estereotipadas como *juízo de Páris* (*judicium Paridis*, Livro I, verso 27)? Deste modo, acreditamos ter dado mais substância ao nosso trabalho.

Uma vez que o texto latino naturalmente se impôs, restava-nos escolher que texto seguir. Para um trabalho como este, torna-se evidente e imperioso o uso de um texto estabelecido filologicamente, por ser o mais confiável para o estudo. Optamos, pois, pela lição filológica de Jacques Perret, de 2006, procurando sempre confrontar com o texto estabelecido por Henri Goelzer e traduzido por André Belessort, de 1952. Em ambos os casos, a edição é da Les Belles Lettres de Paris. Tais textos encontram-se devidamente referenciados na bibliografia.

O uso de um texto crítico, estabelecido filologicamente, é de suma importância, pois nos aproxima das sutilezas do texto virgiliano, o que não encontramos em outras edições do texto latino. Por exemplo, fiéis ao texto estabelecido, mantivemos todas as formas arcaicas de Virgílio, como os acusativos plurais da terceira declinação em *-is*, como nos versos "*gens inimica mihi Tyrrhenum nauigat aequor/Ilium in Italiam portans uictosque Penatis.*" (*A gente minha inimiga navega o mar Tirreno, levando Ílion e os Penates vencidos*. Livro I, versos 67-68); ou as formas em *-uom* e *-um*, do genitivo plural da segunda declinação, como *diuom pater* (*pai dos deuses*, Livro I, v. 65) e *pater optime Teucrum* (*excelente pai dos Teucros*, Livro I, v. 555), e outras formas semelhantes.

As entradas no dicionário mostram o verbete em sua tradução portuguesa, mantendo, entre parênteses, a forma latina, no caso em que a palavra aparece no texto original. Quando o vocábulo vem acompanhado da conjunção enclítica *que*, como em *Albanique* (Livro I, verso 7), consideramos apenas a parte lexical (*Albani*) e não a conjunção coordenativa aditiva (*-que*).

Como verbetizar os nomes foi outra grande dificuldade. Decidimos pela simplificação, para tornar a consulta mais rápida. Os nomes latinos ou gregos serão traduzidos para o português e aproximados, até onde for possível, da língua original. Em todo caso, simplificamos o *y* para *i*, o *ch* para *c* ou *qu*, conforme o caso; o *th* para *t* e assim por diante. Acreditamos que os problemas de tradução de nomes sempre existirão, mas eles nos parecem minimizados, pelo fato de que eles se encontram em sua forma original dentro dos parêntesis, que acompanham o verbete, e no *índice onomástico*, ao final do dicionário. Um caso à parte foi com relação a *Júpiter*. Optamos pela verbetização das duas formas, *Jove* e *Júpiter*, mesmo sabendo que a forma *Jove* é o desdobramento em outros casos do nominativo *Júpiter*. No entanto, na tradição poética da língua portuguesa, tanto permaneceu o caso lexicogênico *Jove* (*louem*), como o nominativo *Júpiter* (*Iuppiter*).

Já os nomes acompanhados dos epítetos, como *Pio Eneias*, ou apenas os epítetos, como *Pai dos deuses e dos homens*, foram verbetizados, pois são comuns, frequentes e estruturais na poesia épica.

Com relação aos patronímicos, quer apareçam isolados, como *Troianos* ou *Argivos*, quer acompanhando um substantivo designando a descendência de um herói, como *Anquises Dardânio*, isto é, descendente de Dárdanos, quer como um adjetivo ligado a um substantivo comum, eles serão sempre grafados com maiúscula inicial. Por outro lado,

agrupamos todos os patronímicos iguais num mesmo verbete, quando se trata das formas de masculino, feminino, singular e plural – *Argivo, Argivos, Argiva, Argivas*. Cumpre-nos, ainda, dizer que procuramos observar ao máximo o texto original e manter o uso de *Argivos, Aqueus, Dânaos e Graios*, em lugar de Gregos, tradução corrente, mas que não se coaduna com o espírito do texto, que remonta a uma época em que não havia a Grécia, mas cidades-reino, que funcionavam independentemente, unindo-se contra o inimigo comum, quando necessário.

Por fim, mas não por último, temos consciência de quanto é extensa a tradição mitológica, tanto de poetas, quanto de mitógrafos, não sendo possível, portanto, exaurir nos limites deste trabalho. Faremos, no entanto, todas as relações transtextuais que nos forem possíveis fazer, de Homero aos tragediógrafos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides –, chegando até os contemporâneos de Virgílio.

Entendendo o texto literário como um tecido que se compõe de outros textos, vemos como, por exemplo, o poeta latino Ovídio (43 a. C. – 18 a. D.) se torna uma fonte importante para a leitura da *Eneida*, embora suas obras sejam posteriores à obra-prima de Virgílio. Mesmo sendo as *Metamorfoses* do ano 1 a. C. e os *Fastos* do ano 3 a. D., podemos ver como alguns mitos que estão em Virgílio são desenvolvidos por Ovídio nessa duas obras, ajudando o leitor que conhece ambos os autores a entender melhor o complexo tecido da *Eneida* – uma das fontes de Ovídio – e a perceber a influência do mantuano sobre o poeta de *Arte de amar*.

Milton Marques Júnior  
Professor de Literaturas Clássicas  
Universidade Federal da Paraíba

12 - Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

## Eneias, Herói Piedoso e Civilizador

---

Um dos mais importantes poemas épicos da literatura ocidental, a *Eneida* foi escrita por Virgílio entre 29 e 19 a. C., a pedido do imperador Otávio Augusto César. Publicada postumamente, em 17 a. C., a partir da intervenção pessoal do imperador<sup>1</sup>, a *Eneida* tem como objetivo louvar a glória imperecível de Roma, senhora do mundo, império sem fim, conforme o preconizado dentro do poema pelo próprio Júpiter (Livro I, verso 279). Dividido em 12 Livros, este poema apresenta uma estrutura triádica, em que os quatro primeiros livros se referem às provações por que Eneias, seu personagem principal, deve passar, de modo a se mostrar merecedor do destino benfazejo que os deuses lhe reservaram; os quatro livros seguintes dizem respeito aos ritos, necessários à formação do herói piedoso, e os últimos quatro livros tratam das lutas, em que o herói piedoso, sendo vencedor, deverá se tornar o pai da pátria, segundo o que determinam os destinos.

Referido nominalmente vinte e oito vezes neste Livro

---

<sup>1</sup> A morte prematura de Virgílio não lhe deu o tempo suficiente para dar a obra como acabada. Em razão disso, alguns versos não correspondem ao hexâmetro, característico do poema épico. Neste Livro I, por exemplo, três versos se encontram nessa situação de inacabados: o verso 534, o 560 e o 636.

I, Eneias comanda, como herói e personagem principal, as ações da narrativa. O epíteto de *pius Aeneas* (versos 220, 305 e 378) destaca-se como o mais importante no poema, conferindo ao herói a condição de temente aos deuses, aquele que lhes oferece sacrifícios e que respeita os ritos sacrificiais, por isto mesmo, por eles escolhido para fundar uma nova Troia. Tal caracterização de Eneias já se encontra, na *Ilíada*, Canto XX (versos 292-308), quando Posídon age em seu favor, tirando-o do confronto direto com Aquiles, para que o destino possa se cumprir. Eneias e seus descendentes reinarão sobre os Troianos, após a destruição da Troia de Príamo. Esta nova Troia será a futura Roma.

Para que entendamos a construção heroica do personagem, alguns fatos precisam ser recuperados. Logo no início, a narrativa da *Eneida* nos apresenta apenas a referência a uma ação de um herói (*uirum*, verso 1), em fuga determinada pelo destino, e a uma qualidade desse herói – *insigne pela piedade* (*insignem pietate uirum*, verso 10). A ação consiste em o herói ter saído de Troia destruída para chegar à Itália e lá fundar as bases da futura Roma, com a aquiescência dos deuses, conforme sintetiza e antecipa a *Proposição* (versos 1-7). As duas referências iniciais são importantes para introduzir o argumento do poema e aquele mais característico epíteto de Eneias – *piedoso* (*pius Aeneas*). O herói, no entanto, só será designado pelo seu nome, a partir do verso 92 do Livro I – *Aeneae*.

Já na primeira intervenção direta de Eneias na narrativa (verso 92), ele se lamenta diante da tempestade, enviada por Éolo, a mando de Juno, que o persegue (versos 94-101). O lamento não é pela tempestade em si, mas pela possibilidade de morrer naufragado, o que seria desonroso diante de sua condição guerreira. Eneias preferiria ter morrido diante de Troia e ante os olhos dos pais, como

Heitor, diante dos olhos de Príamo (*Ilíada*, Canto XXII), e Sarpédon, diante do olhar de Zeus (*Ilíada*, Canto XVI). O lamento do herói é semelhante ao de Odisseus (*Odisseia*, Canto V), quando o rei de Ítaca enfrenta uma tempestade desencadeada contra ele por Posídon. Mais do que um lamento, encontra-se aí a caracterização da busca pela bela morte, a morte gloriosa no campo de batalha, que tipifica todo grande herói<sup>2</sup>. Salvo da tempestade por Netuno, Eneias se refugia na costa da Líbia, protegendo seus navios na morada das Ninfas (v. Canto XIII da *Odisseia*, na chegada de Odisseus a Ítaca), gruta aprazível que guarda água doce (versos 166-171), para poder procurar por seus companheiros. Em os encontrando, Eneias faz um discurso exortativo, lembrando, a um só tempo, os perigos passados e a missão de reerguer o reino de Troia nas terras do Lácio (versos 198-207). É a primeira referência que o herói faz ao próprio destino, anunciado quando da destruição de Troia, por Heitor, Vênus e, sobretudo, por sua esposa Creúsa (v. *Eneida*, Livro II). Como sabemos, no Livro II da *Eneida*<sup>3</sup>, Eneias se vê impedido pelos deuses de morrer defendendo Troia, pois para si está guardado um destino maior: construir outra Troia, agora com a anuência dos deuses. Para tanto, é preciso fugir dali.

Outro momento a se destacar no Livro I é o da reafirmação do destino de Eneias, que Júpiter faz a Vênus.

---

<sup>2</sup> Ver os ensaios de Jean-Pierre Vernant, “La tragédie d’ Hector” e “La belle mort d’Achille”, publicados como prefácio à edição de bolso da *Ilíada*, Paris, Les Belles Lettres, 2002 (referência completa na bibliografia).

<sup>3</sup> No Livro II da *Eneida*, em flash-back, numa narrativa autodiegética, em nível hipodiegético, Eneias conta a história da destruição de Troia a Dido e de como foi compelido a fugir para cumprimento do fado.

Percebe-se aí a primeira demonstração do seu caráter de mito fundador e civilizador, com o herói destinado a fazer grande guerra na Itália para a destruição dos povos ferozes, dando, em seguida, leis e cidades aos homens (*bellum ingens geret Italia populosque ferocis/contundet moresque uiris et moenia ponet*, versos 263-264). Eneas, após derrotar Turno, rei dos rútuos<sup>4</sup>, que habita as terras itálicas, reinará por três anos no reino Lavínio, por ele construído (versos 258-267). De Lulo, seu filho, surgirá Alba Longa; de seu descendente mais ilustre, Rômulo, virá, enfim, Roma, *caput mundi*.

Mas até lá, o percurso será grande e Eneas por onde passar vai construir cidades ou ajudará a construí-las: na Trácia e em Creta (Livro III), na Líbia, ajudando Dido a construir Cartago (Livro IV); em Drépano, na Sicília (Livro V); no Lácio, enfim (Livro VII). Belo recurso de Virgílio para mostrar a expansão de Roma, como senhora do mundo e dona do Mediterrâneo, não sem razão, chamado de *mare nostrum*. Ao mesmo tempo, Virgílio nos mostra o modelo narrativo que tem em mente – a *Odisséia*, de Homero –, pois a exemplo de Odisseu, Eneas viaja, expõe-se a perigos e consegue ultrapassá-los, e ainda narra a uma rainha a sua desdita.<sup>5</sup>

Em sua chegada forçada à Líbia, Eneas se encontra com a mãe, a deusa Vênus, sem saber quem ela é, pois a

---

<sup>4</sup> Isto só acontecerá no Livro XII, concluindo a narrativa da *Eneida*.

<sup>5</sup> O modelo, no entanto, não se restringe à *Odisséia*, pois a narrativa das lutas seja no que se encontra gravado na parede do templo de Juno, em Cartago (Livro I), seja pela própria narrativa de Eneas, contando a Dido como se deu a destruição de Troia (Livro II), remetendo-nos à *Ilíada*. Ao mesmo tempo, leva-nos a perceber a complexidade da construção poética de Virgílio, juntando os dois poemas homéricos e lhes dando outro ponto de vista, o do vencido, não mais o do vencedor.

deusa assume as feições de uma jovem<sup>6</sup>, parecendo uma virgem espartana ou a Trácia Harpálice. Dando uma demonstração de sua piedade e, assim, confirmando o epíteto de pio, Eneias promete à jovem, que ele não sabe ser Vênus, mas que julga tratar-se de uma divindade, fazer muitos sacrifícios em seus altares, após saber onde ele, Eneias, se encontra (*Multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra*, verso 334). O herói sabe, então, que se encontra na Líbia, onde os Tírios, sob o comando da rainha Dido, constroem um cidade púnica. Também conhecendo a história de Dido, o herói resume para sua interlocutora a sua aventura desditosa desde a destruição de Troia até sua chegada à Líbia, passando por dificuldades e pela tempestade enviada por Juno, dizendo também da sua missão de buscar a Itália, berço de sua raça saída do sumo Júpiter (versos 375-385). Condoída com a sorte de Eneias, Vênus lhe anuncia que uma mudança dos Aquilões colocou o que sobrou da frota dele em segurança, de acordo com o que dizem os augúrios anunciados pelos doze cisnes, antes dispersos pela águia de Júpiter, e agora voando em formação, em busca de pouso certo. Eneias deve, portanto, buscar sua frota e reunir-se aos companheiros (versos 390-401). Não é difícil ver no augúrio dos doze cisnes, outro augúrio famoso, o dos doze abutres que sobrevoam o Palatino e dão a Rômulo o direito de fundar a cidade mais importante que a do irmão Remo, no Aventino. Como se vê, para cantar a glória de Roma, é necessário que se construa um poema, cujo herói, submetendo-se aos desígnios divinos, abra espaço para seus sucessores.

Depois de reconhecer a mãe, Eneias se dirige a

---

<sup>6</sup> Ver o encontro de Odisseus e Palas, na volta do herói a Ítaca, *Odisseia*, Canto XIII.

Cartago, não antes sem ser envolvido por Vênus numa nuvem, para que ninguém o veja e, assim, não retarde sua chegada às muralhas que estão sendo levantadas por Dido<sup>7</sup>. Chegando a uma colina, Eneias vê as muralhas de Cartago e admira o trabalho incessante dos colonos Tírios, parecendo abelhas na sua lida de construir a cidade, tanto a edificando, quanto instituindo suas leis (versos 418-440). Conhecendo o seu destino, as dificuldades enfrentadas, as provações conhecidas em sete anos de errâncias, as cidades que construíra, sem que nenhuma fosse aquela designada pelos deuses, e sabendo que teria ainda novas dificuldades a enfrentar, Eneias inveja os que já conseguiram elevar as muralhas de sua cidade (*O fortunati, quorum iam moenia surgunt! Ó Afortunados, dos quais já surgem as muralhas*, verso 437). Trata-se de uma inveja, não malévola, em que se percebe o desalento do herói, a quem, até então, só se revelou o infortúnio: a perda da cidade, a perda da mulher, a fuga compulsória de Troia e as tribulações por terra e por mar, enfrentando tempestades, pestes, naufrágios e perseguições, e a mais suprema das perdas, a morte do pai, Anquises.

Sendo um herói assinalado pelos deuses, Eneias terá que enfrentar todas estas provações, pois não há heroísmo sem ritos de iniciação ou de passagem. Assim, dentre tantas provações, Eneias tem que reviver os sofrimentos da guerra de Troia (*Iliacas pugnas*, verso 456). É um episódio que revela, neste Livro I, o espírito heróico de Eneias, o herói que é capaz de sofrer, para poder ser merecedor da fama. Apesar de todo o sofrimento revivido nas cenas gravadas nas paredes do templo em bronze, construído em honra de Juno, no bosque sagrado de Cartago, Eneias sabe que o

---

<sup>7</sup> Ver Odisseus entre os Feácios, *Odisseia*, Canto VIII.

heroísmo Troiano está salvo, apesar da queda da cidade. É que a Fama havia se encarregado de difundir por toda a terra este heroísmo (*Aeneas ... uidet Iliacas ex ordine pugnas/bellaque iam fama totum uolgata per orbem – Eneias... vê sucessivamente as batalhas ilíacas, e as guerras já a Fama divulgou por todo o mundo, versos 451-457*). Emocionado às lágrimas, diante do que vê, Eneias se dirige a Acates, seu dileto amigo, questionando que região da terra não estaria cheia com a notícia dos sofrimentos dos Troianos.

A maior parte das cenas, que Eneias vê, está relacionada à *Ilíada*. Primeiramente, o herói vê as lutas em torno da cidadela (*Pergama circum*, verso 466), em dois momentos diferentes: a juventude Troiana pondo em fuga o exército Argivo (v. *Ilíada*, Cantos V-XVI), pois após a retirada de Aquiles da guerra, os Troianos são honrados por Zeus com a vitória momentânea sobre os Argivos, como uma maneira de devolver a honra ultrajada de Aquiles por Agamêmnon (v. *Ilíada*, Canto I). Em seguida, Eneias vê a perseguição de Aquiles aos Argivos, sobre o seu carro, paramentado com o seu capacete de crina (v. *Ilíada*, Cantos XIX-XX), quando o Pelida resolve voltar para a guerra. A cena seguinte diz respeito ao Canto X da *Ilíada*, conhecido como a *Dolonia*. Diomedes sai com Odisseus, durante a noite, para tentar descobrir a posição dos Troianos. Em meio do caminho, eles encontram Dólón, Troiano que tinha a mesma incumbência com relação aos Argivos. Arrancando de Dólón o segredo que queriam, Diomedes e Odisseus o matam, avançam pelo acampamento Troiano e matam o rei Trácio Rhesus e seus soldados, roubando-lhes os cavalos.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Eurípides transformaria o Canto X da *Ilíada*, em *Rhesus*, a única peça trágica, que chegou até nossos dias, saída diretamente do poema homérico.

Na sequência, Eneias vê o episódio da morte de Troilo, filho de Príamo, que fica atado ao carro de combate, sendo puxado pelos cavalos, com a cabeça arrastando no chão<sup>9</sup>. O herói vê também a tristeza das mulheres Troianas, levando, súplices, batendo no peito, o peplo à injusta Palas, e a deusa recusando a oferenda, desviando a cabeça e mantendo os olhos fixos no solo. O ultraje ao corpo de Heitor, arrastado por três vezes ao redor de Troia e, depois, sendo vendido por Aquiles a peso de ouro a Príamo, é um dos pontos altos da *Ilíada* (Cantos XXII-XXIV), representado no muro do templo. Eneias vê ainda a súplica de Príamo, alçando as mãos inermes, diante do corpo do filho, e, em seguida, reconhece a si mesmo em luta com os chefes Aqueus, reconhecendo também Mêmnon e suas negras armas, conduzindo os batalhões orientais. O último quadro que Eneias vê é o de Penthesileia, a rainha das Amazonas, conduzindo seus batalhões e ousando enfrentar os homens na guerra<sup>10</sup>.

Após ficar estupefato com tantas cenas prodigiosas, Eneias vê Dido, belíssima, entrar no templo, escoltada pela juventude Tíria, e se sentar no trono para distribuir aos seus as leis e os encargos. Saindo da nuvem em que a mãe o envolveu, Eneias se dirige a Dido. Vênus, que tudo fará para a proteção do filho, torna Eneias belo, com o fulgor dos deuses, com a intenção de fazer Dido por ele apaixonar-se (*Restit Aeneas claraque in luce refulsit/os umerosque deo*

---

<sup>9</sup> Na *Ilíada*, XXIV, verso 257, há apenas uma referência a Troilo e não fica claro no poema homérico que Troilo foi morto por Aquiles. Príamo recriminando os filhos que não haviam morrido na guerra, chamando-os de fracos, lamenta que o cruel Ares tenha lhe levado tantos filhos gloriosos, Mestor, Troilo, Heitor...

<sup>10</sup> Penthesileia foi morta por Aquiles, em episódio narrativo fora da *Ilíada*.

*similis; namque ipsa decoram/caesariem nato genetrix lumenque iuventae/purpureum et laetos oculis adflarat honores:/quale manus addunt ebori decus, aut ubi flauo/argentum Pariusue lapis circumdatur auro. – Eneas parou e na clara luz refulgiu/no rosto e nas espáduas semelhante a um deus; a própria mãe a cabeleira/ornada ao filho e o lume purpúreo da juventude/ e gratas honras aos olhos insufla:/Tal qual mãos adicionam o ornamento ao marfim, ou quando/prata ou mármore de Paros é circundado de fulvo ouro, versos 588-593).* Eneas, então, se dirige a Dido, revelando-se como o que escapou das águas da Líbia e da destruição de Troia, numa viagem sem rumo pela terra e pelo mar, e fazendo, a um só tempo, o elogio a Dido, cujos nome e glória permanecerão.

A intervenção de Eneas e a sua súbita aparição deixam Dido estupefacta, diante da beleza do herói preparada por Vênus, cujas consequências veremos no Livro IV da *Eneida*, em que a febril paixão que arrebatou Dido culmina em seu suicídio. Os muitos infortúnios por que Eneas passou ajudam a marcar no espírito da rainha a presença do herói Troiano. Recebido por Dido no seu luxuoso palácio, com direito a um banquete, a rainha lhe pede para contar as suas aventuras, depois de ter saído há sete anos de Troia. É o que se dará nos Livros II e III.

Filho de Anquises e de Afrodite (Vênus), no *Hino Homérico a Afrodite* (versos 196-199)<sup>11</sup>, explica-se o nome que o herói recebe pela aproximação do nome *Eneas* (Αἰνείας) a *terrível* (αἰνός), tendo em vista que a deusa foi acometida de uma terrível angústia, por se deixar cair no leito de um mortal. Ao mesmo tempo, o destino de Eneas de reinar sobre Troia está traçado (ibidem, verso 196). Para que isto

---

<sup>11</sup> Ver na bibliografia: Homère, *Hymnes*, 1936.

aconteça, Eneias deverá ser nutrido pelas ninfas das montanhas por quatro anos. Decorrido esse tempo, Eneias será entregue a Anquises para complemento de sua educação. Trata-se do rito de iniciação do simples mortal para a condição de herói (ibidem, versos 256-280).

Ovídio, nos *Fastos* (Livro II, versos 543-546), remete a Eneias, digno mestre da piedade – *Aeneas, pietatis idoneus auctor* – a tradição da introdução do culto piedoso aos Manes, que começa com as oferendas anuais ao Gênio do pai Anquises (v. *Eneida*, Livro V). Já no Livro IV dos *Fastos*, Ovídio se refere novamente à piedade provada de Eneias, ao conduzir de Troia os tesouros e o pai, este nas costas, por entre as chamas da cidade (versos 37-38), e, mais uma vez reforça, no Livro V dos *Fastos* (versos 563-564), a piedade de Eneias, aludindo ao episódio narrado por Eneias, no Livro II da *Eneida*, versos 721-723.

Ao lado do epíteto de piedoso, Virgílio também atribui a Eneias a condição de pai, *pater Aeneas* (versos 580 e 699), complementando o perfil do herói, conferindo-lhe a condição de mito fundador de uma nação. Como, ao iniciar o Livro I da *Eneida*, a narrativa se encontra *in medias res*, Anquises, pai de Eneias, já morreu, em Drépano, Sicília (Livro III), e o herói já assumiu a condição de pai dos Troianos por ele liderados e escolhidos pelos deuses para fundar a nova Troia. A este epíteto, junta-se um outro como uma forma de consolidação – *Pai excelente dos Teucros (pater optime Teucrum*, Livro I, verso 555).

Tais designações ao herói surgem quando Eneias, observando Ilioneu falar com Dido e dizer do destino dos Troianos, ouve o companheiro, que ele julgava morto no naufrágio, tratá-lo como *o rei maior que todos na piedade, na justiça, na guerra e nas armas (Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter/ nec pietate fuit, nec bello maior et armis,*

Livro I, versos 544-545). A fala de Ilioneu não só reafirma a piedade de Eneias, mas também a sua condição de pai da pátria, ao ser chamado de *Excelente pai dos Teucros*, com um epíteto semelhante ao que recebe Augusto, *patriae pater*, dado por Ovídio, nos *Fastos* (Livro II, verso 637). Ao mesmo tempo em que Virgílio nos revela a divinização do herói, visto que *optimus*<sup>12</sup> é designativo de epíteto de Júpiter Capitolino (DUMÉZIL, 2000), percebe-se a relação Eneias-Augusto-Júpiter, pais divinos que renovam suas origens, Troia-Roma-Olimpo. Enfim, não podemos esquecer que Eneias representa todas as virtudes que Augusto queria para Roma, ao tempo de seu império: a Roma guerreira, justa, piedosa e pacífica. Daí Eneias representar a própria Roma, cidade que se confunde com o seu fundador, Rômulo, e com o seu recriador, Augusto.

*Milton Marques Júnior*  
*João Pessoa, Equinócio da Primavera 2010*

---

<sup>12</sup> Augusto é também assim designado por Ovídio, *optime Caesar* – *Fastos*, II, verso 637.



## Estrutura Narrativa do Livro I

---

### **Livro I: Eneias na Líbia (756 versos)**

#### **1. Sinopse**

Tendo partido da Sicília em busca da Itália, Eneias é perseguido por Juno, que, com a ajuda de Éolo, faz desabar uma tempestade no mar. Ajudado por Netuno, Eneias aporta na costa da Líbia, onde, pela intercessão de Júpiter e de sua mãe, Vênus, será recebido pela rainha Dido, que se encontra em vias de erigir o reino de Cartago. Após o banquete oferecido pela rainha ao herói e seus companheiros, Dido, já enamorada de Eneias pelas artes de Vênus, pede que ele lhe narre, desde o princípio, as suas provações de sete anos.

#### **2. Versos considerados não-autênticos**

Ille ego qui quondam gracili modulatus auena  
Carmen et egressus siluis uicina coegi  
Ut quamuis auido parent arua colono,  
Gratum opus agricolis, at nunc horrentia Martis  
Arma uirumque cano<sup>13</sup>,

---

<sup>13</sup> Este último verso é o início da *Eneida*, de acordo com uma longa tradição filológica.

(Eu, este, que antigamente em tènue avena modulei  
 O canto e saí das selvas e forcei os campos vizinhos  
 A que, tanto quanto se deseja, obedecessem ao  
 ávido colono,  
 Obra preciosa aos cultivadores, no entanto, agora  
 terríveis de Marte  
 As armas e o herói eu canto,)<sup>14</sup>

Os quatro versos iniciais da *Eneida*, da edição da Les Belles Lettres preparada por Jacques Perret, cujo sentido e sintaxe terminam no verso 5, o primeiro dos versos considerados autênticos, não se encontram nos manuscritos da *Eneida*. Para alguns estudiosos, trata-se de versos apócrifos, por isto mesmo eles foram expurgados pelos poetas Tuca e Varius, incumbidos por Augusto de preparar a edição póstuma do poema. Para outros estudiosos, os versos, preservados por Servius Honoratus, mesmo sem uma autenticidade comprovada, devem constar na edição da *Eneida*. O pretense Virgílio, que aí aparece em primeira pessoa, fala da mudança de poeta lírico para poeta épico. A referência é com certeza às *Geórgicas*, obra de 29 a. C., destinada a ser um poema didático sobre o campo, como diz o poeta, “uma obra preciosa aos cultivadores”. A mudança o leva a cantar em outro tom, não mais um modulado canto em frágil avena, que caracteriza o gênero lírico, mas os horrores de Marte, a guerra, que será levada a cabo pelo herói do poema, Eneias, na *Eneida* (17 a. C.), caracterizando o gênero épico.

---

<sup>14</sup> *Horrentia*, participio presente de *horreo*, neutro plural, relativo a *arma*, com o sentido de colocar em riste, causar medo e eriçar. Ou seja, *as terríveis armas de Marte*, são terríveis pois levantadas para a guerra, causando o medo e o eriçamento dos cabelos.

É interessante comparar estes versos com os versos iniciais da sexta bucólica (*Bucólicas*, VI, v. 1-12), em que o pastor Títiro leva um puxão de orelhas de Apolo por querer cantar os reis e os combates (*reges et proelia*, v. 3). Apolo lhe diz para compor um canto em tom moderado (*deductum dicere Carmen*, v. 5) e Títiro resolve preparar a Musa agreste em tênue flauta (*Nunc ego.../agreste, tenui meditabor harundine musam*, v. 6-8).

### **3. Proêmio** (versos 1-11)

#### **3.1. Proposição** (versos 1-7)

Apresentação do argumento do poema: cantar a guerra e o herói, Eneias, ainda não designado nominalmente (o herói só será chamado pelo nome a partir do verso 92). Sabe-se, no entanto, que este herói saiu de Troia, impelido pelos fados, e chegou aos litorais Lavínios. A viagem foi difícil, por terra e por mar, perseguido que foi pela ira de Juno, tendo enfrentado muitas guerras até fundar a cidade, para onde trouxe os seus Penates. Desta cidade serão provenientes a raça latina, os pais Albanos e as muralhas da altiva Roma.

#### **3.2. Invocação** (versos 8-11)

A invocação é feita à Musa, não especificada. O poeta pede que ela lhe rememore as causas que feriram Juno e que fizeram aquela deusa levar um herói insigne pela piedade a tanto sofrimento, a enfrentar tantos trabalhos. A invocação termina com uma pergunta retórica: *tanta ira cabe nos ânimos celestes?*

### **4. Narração** (versos 12-756)

A narração da *Eneida* inicia-se no verso 12 do Livro I, mas só termina no verso 952 do Livro XII, com a morte de

Turno por Eneias, quando o poema se encerra. Para efeito de estudo do Livro I, a narração vai do verso 12 ao verso 756. Como acontece nos poemas épicos, a narração começa *in medias res*: Eneias já partiu de Troia há sete anos e havia saído da Sicília, onde lhe morrera o pai, para o Lácio, mas foi atingido pela tempestade enviada por Juno, chegando o herói, a contragosto, a terras estranhas, no Norte da África, na Líbia de então.

#### **4.1. Núcleos Narrativos**

- Introdução de Cartago, sua localização, sua fundação por colonos Tírios e apresentação dos motivos do ódio de Juno aos Troianos por ela perseguidos (v. 12-33).
- Os navios Troianos se lançam no mar da Sicília, em busca da Itália. Juno lamenta não poder detê-los, como fez Palas Atena com Ajax de Oileu (v. 34-49).
- Juno vai à Eólia, terra de Éolo, feito rei dos ventos por Júpiter (v. 50-63).
- Juno pede o auxílio de Éolo para soltar os ventos contra a frota troiana, prometendo-lhe uma ninfa, Deiopeia, em casamento (v. 64-75).
- Éolo mostra-se agradecido a Juno por ser o rei dos ventos e acata o seu pedido (v. 76-80).
- Éolo solta os ventos, fazendo a tempestade desabar sobre os Troianos (v. 81-91).
- Sob o risco de morrer na tempestade no mar, Eneias lamenta não ter morrido a bela morte gloriosa e heróica na planície de Troia, junto com outros heróis como Sarpédon e Heitor (v. 92-101).
- A tempestade leva alguns navios ao naufrágio (v. 102-123).

- Netuno se irrita com a intromissão dos ventos no seu domínio e os põe para fugir (v. 124-141).
- Netuno acalma a tempestade (v. 142-156).
- Eneias e os companheiros se lançam para a costa da Líbia, chegando com sete navios a um refúgio tranquilo, chamado de morada das Ninfas (v. 157-173).
- Acates faz o fogo e seus companheiros moem o trigo para fazer o pão (v. 174-178).
- Eneias abate sete cervos, um para cada navio, que com ele se abrigou na morada das Ninfas, e procura consolar os companheiros (v. 179-197).
- Eneias consola os companheiros, falando dos perigos por que já passaram e por que ainda hão de passar, mas com o prenúncio de um futuro feliz, conforme predito pelos destinos (v. 198-207).
- Eneias e os companheiros se alimentam com a carne dos cervos, descansam e lamentam a sorte dos outros que se perderam (v. 208-222).
- Vênus interpela Júpiter em relação à sorte de Eneias, lembrando que ao herói foi prometido o renascimento dos Troianos e que dele deveria surgir uma grande cidade para dominar as terras e os mares. Vênus lembra ainda que Antenor, que não é de sangue divino, repousa na paz, na região de Pádua, enquanto Eneias é perseguido, embora seja piedoso (v. 229-253).
- Júpiter tranquiliza Vênus, dizendo-lhe que nada mudara em relação ao destino de Eneias, e aproveita para antecipar a trajetória do herói, a glória de Roma e o período de paz que se seguirá à dominação romana (v. 254-296).
- Júpiter envia Mercúrio para aplacar o furor dos Cartagineses com relação aos Troianos, que deverão ser bem recebidos pela rainha Dido (v. 297-304).

- Eneias e Acates saem para reconhecimento do local e encontram Vênus travestida de caçadora. Eneias, sem saber que se trata de sua mãe, lhe pergunta sobre o local em que ele se encontra (v. 305-334).
- Vênus diz a Eneias que o povo é Tírio, mas que ele se encontra na Líbia, onde Dido, fugida do irmão Pigmalião, que por ambição e ganância matou o seu marido Siqueu, constroi o reino de Cartago (v. 335-368).
- Interpelado por Vênus sobre quem é, Eneias diz de suas provações com a queda de Troia, a fuga, a viagem errante pelo mar, à procura da terra que lhe foi prometida – a Itália – e, por fim, do naufrágio, de que sobraram apenas sete naus, até chegar à costa da Líbia, expulso da Europa e da Ásia (v. 369-385).
- Vênus interrompe os lamentos de Eneias para lhe dizer que siga até onde está a rainha Dido. A deusa lhe diz que seus navios e seus companheiros estão a salvo, em porto seguro, e que o herói deve seguir caminho para encontrá-los (v. 385-401).
- Ao se despedir, Vênus se revela aos olhos de Eneias, que a reprova por sempre se apresentar aos seus olhos, disfarçada, enganando-o. Ela o envolve numa nuvem, para que ninguém retarde os passos do herói em direção à cidade e se dirige, em seguida, a Pafos, onde os cem altares de seu templo queimam incenso em sua homenagem (v. 402- 417).
- Eneias e Acates, envoltos na nuvem, chegam a Cartago e a encontram em obras, com um grande movimento de construção como se fosse uma colmeia em atividade. Os Cartagineses não só erigem a cidade física, mas também as leis, elegendo juízes, magistrados e um senado. Eneias inveja os que já haviam construído suas muralhas (v. 418-440).

- Eneias chega ao templo de Juno erigido por Dido em meio a um bosque e se maravilha com as cenas pintadas na parede das batalhas em Troia (v. 441-458).
- Ao ver as cenas tão detalhadas da guerra, Eneias chora, mas sabe que a fama que se disseminou é que Ihes trará a salvação. Embora se reconheça na batalha, o momento mais doloroso para Eneias é o que representa a morte de Heitor, a humilhação do seu cadáver por Aquiles e a dor de Príamo, com as mãos estendidas e inermes (v. 459-493).
- Eneias vê Dido, belíssima, chegar ao templo, onde, sobre um trono, distribui a justiça e os trabalhos. O herói, com espanto, vê surgirem alguns dos companheiros que ele julgava perdidos, dentre eles, Anteu, Sergesto e Cloanto. Eneias aguarda para ver como será a recepção dos companheiros por Dido e pelos Cartagineses, para poder sair da nuvem (v. 494-519).
- Ilioneu, o mais velho dos companheiros de Eneias, se dirige à rainha pedindo proteção. Ele lhe conta que são Troianos e seu destino é a Itália. Caso Eneias não esteja vivo, que eles possam, ao menos, reaparelhar os navios e partir para a Sicília, onde o Troiano Acestes habita (v. 520-560).
- Dido tranquiliza Ilioneu e os Troianos e Ihes oferece o reino de Cartago, dizendo que gostaria de que Eneias ali estivesse (v. 561-578).
- Eneias e Acestes, vendo a recepção de Dido aos Troianos, decidem sair da nuvem e falar com a rainha. Vênus faz Eneias parecer belo como um deus e sedutor (v. 579-593).
- Eneias se apresenta a Dido, para espanto de todos, agradece-lhe a recepção e roga aos deuses recompensa para esse ato benevolente da rainha (v. 594-612).

- Dido se admira com Eneias, diz-lhe saber do grande valor dos Troianos por Teucro, que foi acolhido por seu pai, Belo, e se identifica nas provações com o herói e seus companheiros (v. 613-630).
- Dido conduz Eneias ao seu palácio, ao tempo em que envia porcos, touros e cordeiros aos seus companheiros que estão no litoral, ordena honras às divindades nos seus templos e prepara um banquete para o herói (v. 631-642).
- Eneias, cioso de sua condição de pai, despacha Acates aos navios para buscar seu filho Ascânio e para pegar alguns presentes para Dido (v. 643-656).
- Vênus, temerosa dos Tírios e da ira de Juno, apronta um estratagema para defender Eneias. Em lugar de Ascânio, o herói receberá Cupido disfarçado nas feições do menino, que deverá insuflar no seio de Dido o fogo do amor (v. 657-688).
- Cupido obedece à mãe e Vênus adormece Ascânio e o transporta consigo ao monte Idálio, para seu bosque sagrado (v. 689-694).
- Cupido levado por Acates chega ao rico banquete de Dido, levando os ricos presentes para a rainha. Depois de acariciar Eneias, ele se entrega aos abraços de Dido e começa a fazê-la esquecer o amor de Siqueu (v. 695-722).
- Terminado o banquete, Dido faz as libações aos deuses, evocando Júpiter hospitaleiro, Baco dador de alegria e a boa Juno (v. 723-740).
- Após o canto do aedo Iopas, Dido, já enamorada de Eneias, pede-lhe para contar, desde o início as provações de sete anos de errâncias do herói (v. 740-756).

## **Dicionário da *Eneida*, de Virgílio**

---

Livro I: Eneias na Líbia (756 versos)



**Abas** (*Abas*, v. 121): Companheiro de Eneias, cujo navio é atingido pela tempestade desencadeada por Éolo.

**Acates** (*Achatae*, v. 120; *Achates*, v. 174; *Achates*, v. 188; *Achate*, v. 312; *Achate*, v. 459; *Achates*, v. 513; *Achates*, v. 579; *Achates*, v. 581; *Achaten*, v. 644; *Achates*, v. 656; *Achate*, v. 696): Companheiro de Eneias, cujo navio é atingido pela tempestade desencadeada por Éolo. É ele quem faz o fogo para secar o trigo e fazer o pão, após o naufrágio na Líbia (v. 174-179). Juntamente com Eneias, Acates se emociona ao ver as imagens da guerra de Troia gravadas no templo dedicado a Juno, em Cartago (v. 453-493). Vendo chegarem ao templo os companheiros que julgava mortos, Acates se enche, a um só tempo de alegria e medo (*Obstipuit simul ipse, simul percussus Achates/laetitiaque metuque – por um lado, ele ficou paralisado; por outro, Acates foi tomado de alegria e de medo – v. 513-515*). A situação de alegria e medo se justifica pelo fato de que a frota, que se acreditava perdida, foi reencontrada, bem como os companheiros. Apenas um pereceu sob as ondas. O medo é de que Eneias aceite o oferecimento que Dido fez a Ilioneu: permanecer em Cartago e dividir com ela o reino. Despachado por Eneias aos navios, em busca de Ascânio, quando da recepção de Dido a Eneias, no seu luxuoso palácio, Acates, na realidade, conduz Cupido até o banquete de Dido. O pequeno deus do amor, seguindo as ordens da mãe, Vênus, toma as feições de Ascânio, para fazer a rainha apaixonar-se por Eneias.

**Acestes** (*Acestes*, v. 195; *Acestes*, v. 550; *Acasten*, v. 558; *Acasten*, v. 570): Troiano, que vive na Sicília (Vide Livro V), e que supriu Eneias de vinho na sua partida. Nos versos 549-550, haverá outra referência ao herói feita por Ilioneu a Dido: *sunt et Siculis regionibus urbes armaque, Troianoque a sanguine clarus Acestes – e estão nas regiões da Sicília cidades e armas e o ilustre Aceste de sangue troiano*.

**Acidália** (*Acidaliae*, v. 720): Fonte da Beócia, onde as Graças, que pertencem ao séquito de Vênus, costumam banhar-se, junto com a deusa. No caso específico do verso 720, trata-se de um dos epítetos de Vênus. Vide **Vênus**.

**Áfrico** (*Africus*, v. 86): Vento do Sudoeste, liberado por Éolo para fazer naufragar Eneias e seus companheiros. O Áfrico corresponde ao grego Λίψ, Λιβός (*chuvoso*), representado na Torre dos Ventos, em Atenas, descalço, segurando um aplustre (ornamento da popa de uma embarcação), estando, portanto, relacionado com a navegação.

**Agenor** (*Agenoris*, v. 338): Referência a Agenor, filho de Líbia (filha de Épafo, filho de Io e Zeus) e Posídon. Irmão de Belo, o pai de Dido, Agenor reinou sobre Tiro ou Sídon. Quando Eneias pergunta a Vênus, sem saber que se trata de sua mãe, onde ele se encontra, ela responde que o herói está vendo o reino púnico, os tírios e a cidade de Agenor (*Punica regna uides, Tyrios et Agenoris urbem*, v. 338).

**Água Frígia** (*Phrygium...Aequor*, v. 381): Referência ao Mar Frígio, no caso o Mar Egeu, que banha a Ásia Menor e, por conseguinte, Troia.

**Ajax** (*Aiacis*, v. 41): Vide **Ajax de Oileu**.

**Ajax de Oileu** (*Aiacis Oilei*, v. 41): Herói grego na guerra de Troia, proveniente da Lócrida, era filho de Oileu e cognominado Ajax Menor, para diferenciá-lo de Ajax Telamida, o Maior. Por ter estuprado Cassandra dentro do templo de Pallas Atena, ao final da guerra, ele e os Argivos

que não o recriminaram são perseguidos e mortos, pela fúria da deusa (*Odisseia*, Canto IV, v. 499-511). No relato de Proteu a Menelau, que o Atrida, por sua vez, relata a Telêmaco, Posidon é o responsável pelo naufrágio e morte de Ajax. Atenas aparece no trecho como a deusa que odeia o Oilida). Os versos 39-41 (*Eneida*, Livro I) se referem a este fato (*ob noxam et furias Aiakis Oilei? – pelo crime e loucuras de Ajax de Oileu?*), mostrando o lamento de Juno, que se diz impotente, por causa do destino, apesar de rainha dos deuses e esposa e irmã de Júpiter (*diuom...regina louisque/ et soror et coniunx*, v. 46-47), para desviar Eneias e os Troianos de seu objetivo, enquanto Palas pôde perseguir a frota dos Argivos, que são engolidos pelo mar, e matar Ajax Oilida.

**Alba Longa** (*Longam...Albam*, v. 271): Cidade fundada por Ascânio, que transferirá a sede do reino de Lavínio para ela, após a apoteose de Eneias.

**Albanos** (*Albani*, v. 7): V. **Pais Albanos**.

**Aletes** (*Aletes*, v. 121): Companheiro de Eneias, cujo navio é atingido pela tempestade desencadeada por Éolo.

**Amazonas** (*Amazonidum*, v. 490): As Amazonas eram mulheres guerreiras da Cítia, cujo batalhão era conduzido pela rainha Penthesileia (*Amazonidum...agmina*), no contexto da guerra de Troia, mas fora da *Ilíada*. As Amazonas são referidas, por ocasião da visão de Eneias diante da representação da guerra no templo de Juno, em Cartago.

**Âmico** (*Amyci*, v. 221): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio e que ele crê ter morrido.

**Amor** (*Amorem*, v. 663; *Amor*, v. 689): V. **Cupido**.

**Anquises** (*Anchisae*, v. 617): Pai de Eneias, rei dos Dardânidas (*Dardanio Anchisae*, v. 617). Amado por Vênus, Anquises teve com ela o filho Eneias, o fundador da nova Troia, que edificará o reino de Lavínio, na região do Lácio. O

trecho é parte de uma alusão de Dido ao amor de Vênus e Anquises, gerando Eneias. O episódio é narrado no *Hino a Afrodite*, dos *Hinos Homéricos* (HOMÈRE, 1936).

**Antenor** (*Antenor*, v. 242): Herói troiano, tido como fundador da cidade de Pádua, na Itália, depois que consegue fugir da destruição de Troia. Vênus interpela Júpiter a respeito do destino de Eneias, escolhido pelos deuses para fundar uma nova Troia, mas tendo que passar de infortúnio a infortúnio, enquanto Antenor consegue, sem maiores obstáculos, fundar uma cidade na Itália. Poucado pelos Argivos, quando da destruição da cidade, Antenor tem esse privilégio por ter hospedado em seu palácio Menelau e Odisseus [Ulisses], antes do início da guerra, na tentativa de resolver o caso do rapto de Helena pela via diplomática (v. *Ilíada*, Canto III, v. 203-224; Tito Lívio, I, 1-2). Fazendo parte dos anciãos que aconselham Príamo, Antenor está no alto da torre de Troia, junto com os outros, quando Helena se aproxima para revelar a Príamo quem são os guerreiros Argivos na planície, (v. *Ilíada*, Canto III, v. 148) e acompanha o rei Troiano para selar o pacto com Agamêmnon, que resultará no combate singular entre Menelau e Páris por Helena (v. *Ilíada*, Canto III, v. 262 e 312). No Canto VII da *Ilíada* (v. 347-353), na assembléia com os anciãos, Antenor sugere a devolução de Helena e dos tesouros levados por ela, por ocasião do rapto, aos Atridas. A interpelação de Vênus a Júpiter, comparando Antenor a Eneias e mostrando a desigualdade de destinos, tem o sentido de mostrar Antenor como traidor dos Troianos, fama que surgiu na tradição pós-homérica. Como um traidor pôde, sem ter sido assinalado com a piedade pelos deuses, construir uma cidade e viver em paz, e um herói, escolhido pelos deuses por sua piedade, enfrenta tantos obstáculos na sua missão? É este o preço da piedade? (*hic pietatis honos?*, v. 253). Eis a inquietação de Vênus.

**Anteu** (*Anthea*, v. 181; *Anthea*, v. 510): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio. Eneias o procura assim que consegue chegar a terra firme, na Líbia, e vai encontrá-lo no templo de Juno, suplicando a acolhida da rainha.

**Aquilão, Aquilões** (*Aquilone*, v. 102; *Aquilonibus*, v. 391): Vento Norte, liberado por Éolo para naufrágio de Eneias, relacionado ao grego Bóreas (Bo/rea), ou). Vênus anuncia a Eneias que uma mudança dos Aquilões colocou o que sobrou da frota dele em segurança, assim dizem os augúrios anunciados pelos doze cisnes, antes dispersos pela águia de Júpiter, e agora voando em formação, em busca de pouso certo. Eneias deve buscar a sua frota, para reunir-se aos companheiros (v. 390-401). O augúrio dos doze cisnes refere-se ao augúrio dos doze abutres sobrevoando o Palatino, dando a Rômulo a primazia sobre Remo de fundar a cidade mais importante (TITO-LÍVIO, I, VII, 1).

**Aquiles** (*Achilli*, v. 30; *Achillem*, v. 458; *Achilles*, v. 468; *Achilli*, v. 475; *Achilles*, v. 484; *Achilles*, v. 752): Filho de Peleu e Thétis, o maior herói dos Argivos presente na guerra de Troia. No início da *Eneida*, os Troianos são considerados “restos dos Dânaos e do cruel Aquiles” (*reliquias Danaum atque immitis Achilli*, v. 30). Quando Eneias chega ao templo que Dido está construindo para Juno, ele se emociona às lágrimas com as cenas da guerra de Troia ali gravadas. A referência que se faz a Aquiles, nesse instante, é do quanto as ações do Pelida foram danosas para Argivos e para Troianos, conforme se encontra no próêmio da *Ilíada* (Canto I, 1-7). A decisão do Pelida de deixar a guerra (*Ilíada*, Canto I) trouxe sérias baixas entre os Argivos, dentre elas a morte de Pátrocles, seu querido amigo. Quando Aquiles decide retornar à guerra para vingar seu amigo Pátrocles (*Ilíada*, Cantos XVIII-XXIV), ele promove sérias baixas no exército Troiano, dentre elas a morte de Heitor. Aquiles é visto,

portanto, como cruel para os Atridas e para Príamo, ambos, a um só tempo (*Atridas Priamumque et saeuom ambobus Achillem*, v. 458). Aquiles é ainda referido no verso 468, em cima de seu carro perseguindo os Troianos, paramentado com seu capacete de crina, o que o torna terrível, e nos versos 475 e 484, nos episódios respectivos da morte de Troilo (*Ilíada*, Canto XXIV, através de relato de Príamo) e de Heitor (*Ilíada*, Canto XXII).

**Aquivos** (*Achiuis*, v. 242; *Achiuis*, v. 488): O mesmo que Aqueus ou Acaios. Nome com que se designam os Gregos de modo geral. Trata-se de uma referência à Acaia, nome de duas regiões da Grécia, uma situada no Peloponeso e outra na Tessália. A Acaia do Peloponeso, porém, é a que designa os Gregos de modo geral, na *Ilíada*. O termo também se refere a Acaios ( Ἀχαιός), herói epônimo dos Gregos, filho de Xutos e Creúsa (Eurípides, *Íon*, v. 1591-1594).

**Aras** (*Aras*, v. 109): Os Ítalos, povos ancestrais da Península Itálica, chamavam *Aras* – *Altares* – as rochas flutuantes no meio do mar, como se fossem um dorso monstruoso sobre a superfície. Na *Odisseia*, Homero faz referência às rochas Plânctas, as errantes, que se movem no mar e não deixam que os navios a atravessem. Apenas o navio de Jasão, o Argos, conseguiu tal proeza, mas com a ajuda de Hera (Canto XII, v. 61-72). As Aras são mais um obstáculo na tempestade contra os navios de Eneias.

**Arcturo** (*Arcturum*, v. 744): Arcturo, estrela do Norte, é o guardião da Ursa. A sua genealogia masculina nos é dada pelo próprio Virgílio, nas *Geórgicas* – *claramque Lycaonis Arcton* (I, 138) –, numa alusão a Licáon, pai da Ninfa Calisto, que virá a ser a mãe de Arctos. Segundo a tradição de Ovídio (*Metamorfoses*, I, v. 409-531; *Fastos*, II, v. 153-192), Júpiter se inflama de amor pela ninfa Calisto e a aborda sob as feições de Diana, a cujo séquito ela pertence. Grávida de

Júpiter, Calisto é expulsa por Diana de sua companhia, por ter perdido a virgindade. Calisto dá à luz Arcas, o que enfurece Juno, que, enciumada, transforma-a em ursa, *arctos* (ἄρκτος), em grego. Quinze anos depois, quando Arcas já é um caçador, ele encontra uma ursa em seu caminho e intenta matá-la, não reconhecendo no animal a própria mãe. Júpiter impede que o filho mate a mãe e transforma ambos em estrelas próximas, a Ursa Maior (Arctos) e o Guardião da Ursa, *Arctophylax* (Ἀρκτοφύλαξ), que conhecemos mais com o nome de *Arcturo* (Ἄρκτοῦρος). Juno, ainda mais enfurecida, desce até Téthys (Τηθύς), esposa de Oceano, para ordenar-lhe jamais deixar que o *Septentrião* – a *Ursa Maior* – se banhe nas águas de seu marido. Ainda nas *Geórgicas*, Virgílio se refere ao medo das duas Ursas se banharem no oceano (I, 246). Literalmente, o nome *Arcturo* significa, em grego, o mesmo que *Arctophylax*, o *Guardião da Ursa*. Higino também se refere ao mito em *Astronomia* (Livro II, 1, 1-14; 4,1). Na fábula CLXXVII, Higino se refere apenas a Calisto (HYGIN, *Fabulae*, 2003). *Arcturo* é a estrela alfa da constelação do Boieiro.

**Argiva Helena** (*Argivae Helenae*, v. 650): Vide **Helena**.

**Argiva, Argivos** (*Argiuom*, v. 40; *Argivae*, v. 650): *Argivo* significa, primeiramente, proveniente de Argos, o reino de Agamêmnon, o mais importante dos chefes Argivos em Troia. Por extensão, o termo serve a designar os Gregos de modo geral. No verso 40, a palavra se refere à frota dos Argivos (*classem Argiuom*); já na passagem do verso 650, o termo se refere a Helena, por ela ter sido casada com Menelau, irmão de Agamêmnon.

**Argos** (*Argis*, v. 24; *Argis*, v. 285): Reino poderoso a Nordeste do Peloponeso, pertencente a Agamêmnon, Argos será vencida pelos Romanos, descendentes dos Troianos que por ela (Argos) foram vencidos. No verso 285, trata-se de

uma referência irônica à guerra de Troia: a antiga vencedora será vencida pelos descendentes dos antigos vencidos. Vide **Assáraco**.

**Armas Cereálias** (*Cerealia arma*, v. 177): Vide **Ceres**.

**Armas do Negro Mêmnon** (*nigri Memnonis arma*, v. 489): Vide **Mêmnon**.

**Ascânio** (*Ascanius*, v. 267; *Ascanio*, v. 645; *Ascanio*, v. 646; *Ascanio*, v. 659; *Ascanio*, v. 691): Filho de Eneias e Creúsa, caberá ao jovem Ascânio fundar Alba Longa, onde reinará por trinta anos e seus descendentes por trezentos. Ascânio também será chamado de Lulo, de cujo nome e de cuja progênie sairá a *Gens Iulia* e o nome de Júlio César (v. 267-288). No verso 273, Ascânio é relacionado à raça de Heitor (*gente Hectorea*) por metonímia. Como o filho de Príamo era o principal herói Troiano, ele representa Troia e os demais Troianos, de que Ascânio é descendente. No entanto, Ascânio descende diretamente de Cápis, de onde virá Anquises, e não de Laomedonte, de onde virá Príamo, o ramo Troiano considerado ímpio. Ascânio é da raça de Heitor por parte da mãe, Creúsa, irmã do grande herói Troiano. Como, no entanto, no mundo arcaico a linhagem é patri-linear, lulo seria descendente de Eneias ou de Anquises ou de Cápis ou de Assáraco, mas não de Heitor, conforme a genealogia a seguir:



A genealogia de Dárdanos a Eneias encontra-se na *Ilíada* (Canto XX, v. 215-241), no momento do combate singular Aquiles x Eneias. Já a genealogia de Dárdanos até a *Gens Iulia* se encontra no Livro IV dos *Fastos*, de Ovídio (v. 29-56). O próprio Virgílio, na *Eneida*, faz duas vezes a referência à genealogia da Gens Iulia, desde Ascânio/Iulo (Livro I, v. 267-288; Livro VI, v. 756-770). Ascânio ficou a salvo nos navios, enquanto Eneias e Acates exploravam o lugar a que chegaram, na Líbia. Recebido por Dido, Eneias envia Acates para pegar o filho, a fim de que ele conheça a rainha e o reino de Cartago. Ascânio, porém, será substituído por Cupido que, tomando a sua forma, será apresentado a Dido, para inflamar a rainha de amor. Adormecido por Vênus, Ascânio é transportado para a montanha Idália, em cujo bosque sagrado e perfumado, ficará ao abrigo das sombras. Vide **Iulo**.

**Ásia** (*Asia*, v. 385): Referência a Troia, que ficava na Ásia Menor. Vide **Europa**.

**Assáraco** (*Assaraci*, v. 284): Assáraco é o bisavô de Eneias e bisneto de Dárdanos (*Zeus -> Dárdanos -> Erichônios -> Tros -> Assáraco -> Cápis -> Anquises ->*

*Eneias*). O texto fala da casa de Assáraco (*domus Assaraci*, v. 284) que passará a dominar a Ftia, Micenas e os Argivos vencidos, numa inversão irônica do destino: os Argivos dominaram os Troianos, vencendo-os na guerra de Troia; os Troianos poupados da destruição e liderados por Eneias, no futuro, dominarão os Argivos. A referência à dominação da Grécia por Roma, a partir do século III a. C., é clara. Para Virgílio, nas *Geórgicas* (III, v. 35-36), Tros, pai da raça Troiana, e os descendentes de Assáracos formam a gloriosa linhagem de Júpiter.

**Atlas** (*Atlas*, v. 741): Gigante, filho de Jápeto e Clímene. Não fica bem clara a participação de Atlas na luta contra Zeus, na Titanomaquia, mas é certo que o deus o puniu com a sustentação da abóbada celeste sobre os ombros (Vide *Teogonia*, v. 507-520). Sua morada encontra-se no extremo Ocidente, na Hespéria, portanto. Nas tradições tardias, Atlas é considerado o primeiro dos astrônomos, tendo ensinado a lei celeste aos homens. Segundo Ésquilo, em *Prometeu Acorrentado*, o primeiro astrônomo e pai de todas as ciências é Prometeu, irmão de Atlas.

**Atridas** (*Atridas*, v. 458): Os filhos de Atreu, mais especificamente, Agamêmnon e Menelau, presentes na guerra de Troia.

**Aurora** (*Aurorae*, v. 751): Vide **Batalhões Orientais** ou **Aurorais**.

**Austros** (*Austris*, v. 51; *Austris*, v. 536): O Austro é a personificação do vento Sul, relacionado ao grego Nótos (Νότος, ου), encontra-se, a exemplo do Áfrico, representado descalço na Torre dos Ventos de Atenas. Trata-se de vento violento, que traz a chuva e a tormenta, por isso na *Eneida* ele é designado no verso 51 como *Austris furentibus* (pelos Austros furiosos). Já no verso 536, estes ventos são denominados como *procacibus Austris* (pelos

Austros desenfreados ou desencadeados). Para Ovídio, nas *Metamorfoses*, o Austro é o vento Sul e chuvoso (Livro I, v. 65-66).

**Ave de Jove** (*Iouis ales*, v. 394): A águia, animal consagrado a Júpiter.

**Baco** (*Bacchi*, v. 215; *Bacchus*, v. 734): Deus do vinho, filho de Júpiter (Dionisos, para os Gregos) e Sêmele, mas nascido da coxa de Júpiter. A referência que se encontra no verso 215 é metonímica – *ueteris Bacchi* – para designar um vinho velho, literalmente, um velho Baco. No verso 686, Baco aparece com um dos seus muitos nomes, Lieu – para Ovídio, nas *Metamorfoses*, são 22 (Livro IV, v. 9-27) –, quando Vênus diz a Cupido que Dido receberá Eneias entre as mesas e os líquidos/vinhos (libações) Lieus, para celebrar o herói Troiano (*inter mensas laticemque Lyaeum*, v. 686). Já no verso 734, no banquete oferecido a Eneias, Baco é invocado por Dido, que lhe pede esteja presente, como *deus dador da alegria* (*laetitiae Bacchus dator*), epíteto que não se encontra em Ovídio.

**Batalhão das Amazonas** (*Amazonidum...agmina*, v. 490): Vide **Amazonas**.

**Batalhões Orientais** ou **Aurorais** (*Eoas acies*, v. 489): Os batalhões orientais são conduzidos por Mêmnon, aliado dos Troianos, morto por Aquiles. O registro se faz necessário pelo trocadilho existente no latim, vez que Mêmnon é filho de Eos (Ἠώς), a Aurora, uma das deusas mais belas do Olimpo, que tinha os dedos cor de rosa – epíteto frequente em Homero –, com os quais abria as portas do Oriente, para que os cavalos do Carro do Sol pudessem passar e iluminar o mundo.

**Belo** (*Belus*, v. 621; *Belus*, v. 729; *Belo*, v. 730): Pai de Dido, rei de Tiro e Sidon. O herói salamino Teucro o procura, depois de expulso pelo pai, Telamon, para fundar um novo

reino. Belo havia também conquistado Chipre, que mantinha sob seu domínio. Foi depois disso que Dido soube da queda de Troia. Em seu banquete de recepção a Eneias, Dido se serve com a patera pesada de gemas e ouro que servira a Belo e a todos os seus descendentes (*Hic regina grauem gemmis auroque poposcit/impleuitque mero pateram, quam Belus et omnes/a Belo soliti*, v. 728-730).

**Bícias** (*Bitiae*, v. 738): Conviva de Dido a quem a rainha exorta a beber o vinho, durante o banquete oferecido a Eneias.

**Birsa** (*Byrsam*, v. 367): Nome dado à cidadela construída por Dido, a partir de um couro de boi. Vide **Dido**.

**Bosques da Idália** (*Idaliae lucos*, v. 693): Bosques sagrados da Idália, dedicados a Vênus. Vide **Idália**.

**Caico** (*Caici*, v. 183): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio. Eneias o procura assim que consegue chegar a terra firme, na Líbia.

**Campos Satúrnios** (*Saturnia arua*, v. 569): Os campos Satúrnios ou terras Satúrnias são o Lácio. Saturno, Cronos para os Gregos, liberado do Tártaro, refugia-se no Lácio e reina na Itália, durante a Idade de Ouro. A alusão de Dido ao Lácio como campos Satúrnios, considerando que *arua*, em latim, são as terras para o labor agrícola, corresponde à profecia de Creúsa (*Eneida*, Livro II, v. 781-782), quando a esposa de Eneias, naquele momento apenas uma visão, falece das terras de Hespéria, onde o Lácio se encontra, como um lugar onde corre o Lídio Tibre, em marcha lenta, entre os campos férteis dos homens (*et terram Hesperiam uenies, ubi Lydius arua/ inter opima uirum leni fluit agmine Thybris*). Nas *Geórgicas*, Virgílio saúda Roma como grande mãe de colheitas, terra de Saturno e grande mãe de heróis – *magna parens frugum, Saturnia tellus, magna uirum* (II, v. 173-174). A alusão a Saturno e à Idade de Ouro, momento em que a

natureza pródiga se encarregava de prover abundante e generosamente toda a necessidade dos homens, nos remetem a Hesíodo (*Trabalhos e dias*, v. 109-126). Ovídio, nos *Fastos* (Livro I, v. 235-238), mostra o Lácio como a terra que acolheu Saturno, depois de expulso dos reinos celestes por Júpiter (*Caelitibus regnis a loue pulsus erat*, v. 236). O nome Lácio se deve ao fato, ainda segundo Ovídio, de que foi o lugar onde o deus se escondeu (*Dicta quoque est Latium terra latente deo*, v. 238).

**Cápis** (*Capyn*, v. 183): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio. Eneias o procura assim que consegue chegar a terra firme, na Líbia.

**Cartago** (*Karthago*, v. 13; *Karthaginis*, v. 298; *Karthaginis*, v. 366): Cidade na África do Norte, na Líbia de então (no contexto da *Eneida*, provavelmente século XII a. C.), fundada pela Sidônia Dido. Fugida do irmão, que lhe matou o marido, Dido constrói uma nova cidade no Norte da África. Este é o significado do nome Cartago, em Fenício – *Nova Cidade* (segundo ERNOUT e MEILLET, 2001, o nome de Cartago – *Carthago*, em latim –, é oriundo do fenício *qrt hdšt*, significando *nova cidade*). Dido, no banquete oferecido a Eneias invoca Júpiter, o deus hospedador, o equivalente ao Ζεὺς Χένιος, entre os Gregos Cartago é cercada de muralhas, sendo designada como *Karthaginis arces* (*cidadelas de Carthago*, v. 298 e 366). Eneias chega a Cartago, desviado pela ação dos ventos de Éolo. Ali, Eneias, com a ajuda dos deuses é recebido por Dido, permanecendo durante um ano. Advertido por Mercúrio de sua missão, Eneias deixa Cartago e retoma sua viagem em direção ao Lácio (*Eneida*, Livro IV). Na geografia moderna, Cartago se situa na Tunísia, país que faz fronteira com a Líbia.

**Casa de Assáraco** (*domus Assaraci*, v. 284): Vide **Assáraco**.

**Cereália** (*Cerealia*, v. 177): Vide **Ceres**.

**Ceres** (*Cererem*, v. 177; *Cererem*, v. 701): Deusa da Agricultura (Deméter para os Gregos). As armas Cereálias ou armas de Ceres (*arma Cerealia*, v. 177) são os instrumentos para moer, cozer o trigo e fazer o pão; as provisões de Ceres (*Cererem*, v. 177) dizem respeito ao trigo, por extensão o pão (v. 701).

**César** (*Caesar*, v. 286): Júlio César, que na tradição latina é de origem Troiana, pois é oriundo da descendência de Eneias. Seu nome Júlio é proveniente de Iulo, o filho de Eneias. Assim, garante-se a ascendência divina de César, vez que Eneias é filho de Vênus. Virgílio, nas *Bucólicas* (IX, 47), refere-se a César Dioneu (*Dionaei...Caesaris*), que tanto pode ser uma alusão a Dione, mãe de Vênus, quanto pode ser a própria Vênus, frequentemente chamada com o nome da mãe .

**Chipre** (*Cyprum*, v. 622): Ilha de Chipre, no mar Egeu. Belo, pai de Dido, a conquistara e a mantinha sob seu domínio.

**Ciclópios** (*Cyclopi*, v. 201): Vide **Rochedos Ciclóprios**.

**Cidade de Agenor** (*Agenoris urbem*, v. 338): Referência a Cartago. Vide **Agenor**.

**Cidade Sidônia** (*Urbem Sidoniam*, v. 677-678): Referência a Cartago, cidade construída pelos colonos de Sídon e de Tiro, cidades da Fenícia. Vide **Cartago**.

**Cidade Tíria** (*Tyria...urbe*, v. 340; *Tyriam...urbem*, v. 388; *Tyria...urbe*, v. 568): No versos 340 e 568, a referência à cidade Tíria diz respeito a Tiro, de onde Dido partiu. Já no verso 388, a referência é a Cartago, fundada por uma rainha Tíria, Dido.

**Cidadela de Cartago, Cidadelas de Cartago** (*Karthaginis arces*, v. 298; *Karthaginis arcem*, v. 366): Vide **Cartago**.

**Cílea** (*Scyllaeam*, v. 200): Relativo a Cila (*Scylla*), filha de Fórcus, transformada em monstro marinho pelos ciúmes de Circe (Ovídio, *Metamorfoses*, XIV, v. 1-74), habitando em uma caverna na Sicília, no estreito que separa a ilha da Itália, hoje Estreito de Messina. Nesse trecho, Virgílio refere-se à raiva Cílea (*Scyllaeam rabiem*), que Eneias e seus companheiros ouviram, umas das muitas provações por que os Troianos passaram no mar. Cila comia os marinheiros que por ali aventuravam passar, tentando escapar de outro perigo mortal, o redemoinho de Caríbdis. Sua presença é crucial para a *Odisseia* (Canto XII, v. 73-100; v. 222-261). Na *Eneida*, Cila será retomada no Livro III.

**Cimótoe** (*Cymothoe*, v. 144): Uma das Nereidas, filha de Nereu e Dóris, que ajuda Netuno a salvar Eneias e os companheiros, desenganando os navios dos escolhos. Hesíodo se refere a ela no verso 245 da *Teogonia*.

**Cinto** (*Cynthi*, v. 498): Montanha da ilha de Delos. Dido, na sua beleza majestosa, parece, aos olhos de Eneias, Diana (Ártemis) conduzindo o coro das Oréades pelos cimos do Cinto ou pelas margens do Eurotas.

**Citera** (*Cythera*, v. 680): Ilha de Citera, onde Vênus aportara, depois de nascida (*Teogonia*, v. 192 e v. 195-198) e em cujo monte há um templo a ela dedicado.

**Citereia** (*Cytherea*, v. 257; *Cytherea*, v. 657): Um dos epítetos de Vênus, por ter aportado, após o seu nascimento, na ilha de Citera, no mar Egeu. Vide **Citera** e **Vênus**.

**Cloanto** (*Cloanthum*, v. 222; *Cloanthum*, v. 510; *Cloanthum*, v. 612): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio e que ele crê ter morrido. Eneias vai encontrá-lo no templo de Juno, em Cartago, acompanhado dos outros que o herói também julgava mortos, suplicando a acolhida da rainha Dido.

**Confiança** (*Fides*, v. 292): A personificação da *Palavra*

*Dada*, representada por uma mulher idosa, de cabelos brancos (*cana Fides*), mais velha do que Júpiter. Grimal a caracteriza como o respeito à palavra, fundamento de toda a ordem social e política (2000). Ainda para Grimal, a *Fides* é uma das manifestações mais primitivas da *Pietas* romana, aparecendo como o respeito aos compromissos (1981, p. 74). Virtude cardinal romana, a confiança substitui a força pela clemência, reconhecendo o direito de todos os homens “de boa fé” à vida, mesmo se a sorte das armas lhes havia sido contrária (1981, p. 75). A *Virtus* como disciplina das emoções e controle de si mesmo; a *Pietas* como respeito mútuo aos rituais religiosos, e a *Fides* como fidelidade aos compromissos constituíram a trilogia do ideal da moral romana, para a defesa e garantia do grupo social, seja a família, seja a cidade (GRIMAL, 1981, p. 75). Tito-Lívio (Livro I, XXI, 4-5) apresenta Numa Pompílio instituindo uma festa solene para a *Fides*, no dia 01 de outubro. Numa Pompílio sucedeu Rômulo, no período de 717 a 673, quando foi rei (ibidem, Livro I, XXI, 6). Foi com Numa que os Romanos adquiriram uma sólida reputação de *Pietas* e construíram um altar à *Fides*, fundamento da vida social e também das relações internacionais, na medida em que *Fides* implica a substituição das relações de força pelas relações fundadas sobre a confiança mútua (GRIMAL, 1981, p. 18). Na passagem dos versos 292 e 293, da *Eneida*, a tríade *Fides*, *Vesta* e *Remo-Quirino* é fundamental para a *Paz Romana*, representada pelo governo de Augusto. A *Fides* é a confiança que mantém acesa a chama de *Vesta*, como o fogo protetor da cidade e do lar. A dupla *Remo-Quirino* é a reconciliação dos irmãos que estão na origem da fundação de Roma. Juntos, *Fides*, *Vesta*, *Remo-Quirino* instituirão a lei (*iura dabunt*, v. 293) para Roma e para os povos que a ela se submeterem.

**Cupido** (*Cupido*, v. 658; *Cupido*, v. 695): Deus do amor, Eros para os Gregos. Filho de Vênus, ele é caracterizado como uma criança alada (*aligerum Amorem*, v. 663). No Livro I da *Eneida*, ele aparece duas vezes citado como Amor (v. 663 e v. 689). Ele tomará as feições de Ascânio com a missão de inocular o fogo do amor em Dido (comparem-se os versos *ut faciem mutatus et ora Cupido/pro dulci Ascanio ueniat, donisque furentem/incendat reginam atque ossibus implicet ignem*, *Eneida* I, v. 658-660, com *ardet amans Dido traxitque per ossa furorem*, *Eneida*, IV, v. 101). Instruído pela mãe como deveria proceder para enganar Dido, depois de tomar a forma de lulo, Cupido passa a imitar o andar do menino. Já transformado em lulo, Cupido alegremente acompanha Acates, levando presentes aos Tírios. Nos braços de Dido, Cupido começa a apagar da lembrança da rainha a imagem de Siqueu e fazê-la apaixonar-se por Eneas.

**Dador da Alegria** (*laetitiae dator*, v. 734): Vide **Baco**.

**Dânaos** (*Danaum*, v. 30; *Danaum*, v. 96; *Danaum*, v. 598; *Danaum*, v. 754): Descendentes de Dânaos, filho de Belo e pai de cinquenta filhas, as Danaides. Fugindo do irmão Aigiptus ou Egito, Dânaos vai com as filhas para o Peloponeso, voltando a sua origem, vez que lo, de onde surge a sua raça era daquela região. Este é o tema da tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo. O termo designa todos os Argivos, uma metonímia para os Gregos. Eneas e os Troianos são tratados como restos do massacre dos Gregos sobre os Troianos (*reliquias Danaum*, v. 30 e v. 598).

**Dardânidas** (*Dardanidae*, v. 560): Os Dardânidas são os descendentes de Dárdanos, filho de Zeus, ancestral dos Troianos. Trata-se de uma metonímia para designar os Troianos.

**Dardânio Anquises** (*Dardanio Anchisae*, v. 617): Vide **Anquises**.

**Dardânio Eneias** (*Dardanio Aeneae*, v. 494): Vide **Eneias**.

**Dardânio, Dardânia** (*Dardanio*, v. 494; *Dardaniae*, v. 602; *Dardanio*, v. 617): Os Dardânios, nome que designa os Troianos. Vide **Dardânidas**.

**Deiopeia** (*Deiopea*, v. 72): Ninfa do séquito de Juno, oferecida a Éolo em casamento, desde que o rei dos ventos a ajude a atrapalhar a viagem de Eneias ao Lácio, com uma tempestade no mar.

**Deuses Superiores** (*Superum*, v. 4): Os deuses superiores são os deuses Olímpicos. Trata-se de uma referência, digamos, geográfica, por oposição aos *Inferi*, deuses do mundo inferior, do Hades (referência ao deus do inferno, entre os gregos). Os deuses superiores provam a têmpera de Eneias, submetendo-o ao exílio e à errância pelas terras e pelos mares.

**Diana** (*Diana*, v. 499): Deusa da floresta e dos animais, caçadora por excelência. Ártemis para os gregos, Diana é filha de Latona e Júpiter, e irmã de Apolo. Dido parece aos olhos de Eneias, Diana (Ártemis) conduzindo o coro das Oréades pelos cimios do monte Cintos ou pelas margens do rio Eurotas.

**Dido** (*Dido*, v. 299; *Dido*, v. 340; *Dido*, v. 360; *Dido*, v. 446; *Dido*, v. 496; *Dido*, v. 503; *Dido*, v. 561; *Dido*, v. 601; *Dido*, v. 613; *Dido*, v. 670; *Dido*, v. 685; *Dido*, v. 718; *Dido*, v. 749): Rainha Fenícia, proveniente de Sídon, foge de sua terra para a costa da África do Norte, onde fundará o reino de Cartago. Seu irmão Pigmalião, rei de Tiro, tendo matado seu marido Siqueu, para se apossar das riquezas, faz com que ela fuja (*Imperium Dido Tyria regit urbe profecta, germanum fugiens*, v. 340-341). Advertida pelo espírito do marido que lhe aparece em sonho, Dido junta as riquezas de Siqueu e se põe ao mar, fugindo do irmão, comandando uma ação

difícil para uma mulher (*dux femina facti*, v. 364). Ao chegar à costa da África, ela compra a região onde erguerá Cartago. Usando de um estratagema, Dido compra todo o solo que possa ser coberto com o couro de um boi. Depois faz o couro em tiras finas e assim tem uma área muitas vezes maior do que a que havia comprado. Daí o nome dado à cidadela – *Birsa*, proveniente de *byrsa* (bursa), couro, pele (*mercatique solum, facti de nomine Byrsam, / taurino quantum possent circumdare tergo*, v. 367-368). A história da rainha é contada por Vênus a Eneias (v. 335-370). Em Cartago, Dido constrói um grande templo para Juno, em cujas paredes Eneias reconhece as cenas da guerra de Troia, lembrando as dores dos Troianos. Belíssima (*pulcherrima Dido*, v. 496), escoltada pela juventude Tíria, Dido irrompe no templo de Juno, onde encontra Eneias pela primeira vez (v. 494-497). Aos olhos de Eneias, ela parece Diana conduzindo o coro das Oréades pelos cimos do monte Cintos ou pelas margens do rio Eurotas. Dido se senta sobre um trono elevado para distribuir as leis aos homens e os trabalhos que lhes cabem, quando chegam ao templo os companheiros de Eneias: Anteu, Sergesto, Cloanto e Ilioneu. Depois da fala de Ilioneu (v. 522-558) sobre a sorte dos Troianos, Dido se pronuncia (v. 562-579), demonstrando conhecer a raça Enéada, seus heróis, suas virtudes, a guerra e o incêndio que consumiu Troia. Em seguida, Dido se prontifica a ajudar os Troianos, onde quer que eles escolham viver – na grande Hespéria, nos campos Saturnios ou na terra de Érix (Sicília), onde vive Acestes. Oferecendo a cidade que está construindo aos Troianos, Dido diz que não fará diferença alguma entre eles e os Tírios, pedindo ao Céu que Eneias estivesse presente (*utinam rex adforet Aeneas*, v. 575-576). Espantada com a visão de Eneias (*Obstipuit primo aspectu*, v. 613) e com os muitos infortúnios por que o herói passou (*casu deinde uiri tanto*, v. 614), Dido

Ihe dirige a palavra (v. 615-630). Reconhecendo Eneias como filho de Vênus e Anquises, Dido lembra que o Troiano Teucro foi a Sídon, depois de expulso da pátria, em busca do apoio de Belo, pai da rainha, para construir um novo reino. É a partir do conhecimento de Teucro que Dido sabe sobre a derrota de Troia. Ela enfatiza que, mesmo inimigo, Teucro fazia grande elogio aos Troianos e se orgulhava de descender de outro Teucro, um dos ancestrais dos Troianos. Dido, se solidarizando com os Troianos e reconhecendo no sofrimento deles o seu próprio sofrimento e as adversidades por que passara, convida a todos para a sua morada (*Non ignara mali miseris succurrere disco. – Não sendo ignorante do mal, aprendo a socorrer os infelizes*, v. 630). Em seguida, Dido conduz Eneias ao seu palácio e anuncia as honras nos templos dos deuses, além de enviar touros, porcos, cordeiros com as respectivas mães aos companheiros de Eneias, que se encontram no litoral, para celebração daquele dia. No luxuoso palácio, onde se vêem cinzelados em ouro, na pesada prataria, os feitos gloriosos dos ancestrais de Dido, prepara-se o banquete de recepção de Eneias. No palácio de Dido, além da luxuosa tapeçaria e do seu leito de ouro, há cinquenta servas que cuidam dos pratos e dos incensos dos altares dos Penates, e outras cem que cuidam das comidas e dos copos. Dido se encontra embevecida com Ascânio, não sabendo que se trata de Cupido, agitando-se entre as belezas dos presentes e a beleza do menino. E Cupido, depois de encher Eneias de carinho, procura os braços da infeliz Dido (*infelix Phoenissa*, v. 712-714; *infelix Dido*, v. 749), que o agarra e o pressiona contra o peito, sem suspeitar que deus poderoso ela abraça. Cupido começa a apagar em Dido a lembrança de Siqueu, fazendo o que sua mãe, Vênus, lhe pedira. Enchendo uma pesada patera de gemas e ouro, Dido faz uma prece de acolhimento aos

Troianos, invocando Júpiter, deus da hospitalidade, pedindo a Baco e a Juno que estejam presentes, e aos Tírios um coração favorável. Dido, embevecida, prolongava a noite com uma conversa variada e se embebedava de amor por Eneias, perguntando-lhe com insistência sobre Príamo e Heitor, sobre as armas do filho da Aurora (Mêmnon), sobre os cavalos de Diomedes e sobre Aquiles. Enfim, Dido pede a Eneias para começar a contar desde o princípio as armadilhas dos Dânaos, as infelicidades dos Troianos e as viagens de Eneias, pois já se passaram sete anos da sua partida de Troia.

**Diomedes** (*Diomedis*, v. 752): Filho de Tideu, Diomedes foi um dos maiores heróis da guerra de Troia. A guerra começa na *Ilíada* com os feitos de Diomedes (Canto V). Juntamente com Odisseus [Ulisses], no Canto X da *Ilíada*, Diomedes mata Rhesus, o rei da Trácia e rouba seus cavalos. É sobre estes cavalos que Dido pergunta a Eneias. Vide **Tidida**.

**Eacida** (*Aeacidae*, v. 99): O termo significa filho ou descendente de Éaco. Aquiles era neto de Éaco, o pai de Peleu. Vide **Aquiles**.

**Enéadas** ou **Enéades** (*Aeneadae*, v. 157; *Aeneadum*, v. 565): Os companheiros de Eneias, no caso do verso 157, e a raça de Eneias, no caso do verso 565.

**Eneias** (*Aeneae*, v. 92; *Aeneae*, v. 128; *Aeneas*, v. 170; *Aeneas*, v. 180; *Aeneas*, v. 220; *Aeneas*, v. 231; *Aenean*, v. 260; *Aeneas*, v. 305; *Aeneas*, v. 378; *Aeneas*, v. 421; *Aeneas*, v. 438; *Aeneas*, v. 451; *Aeneae*, v. 494; *Aeneas*, v. 509; *Aeneas*, v. 544; *Aeneas*, v. 576; *Aeneas*, v. 580; *Aenean*, v. 581; *Aeneas*, v. 588; *Aeneas*, v. 596; *Aeneas*, v. 617; *Aenean*, v. 631; *Aeneas*, v. 643; *Aeneas*, v. 667; *Aeneae*, v. 675; *Aeneas*, v. 699; *Aeneae*, v. 709; *Aeneae*, v. 715): No início da *Eneida*, temos apenas a referência a uma ação do herói (*uirum*, v. 1), em fuga determinada pelo destino, e a uma qualidade do herói,

insigne pela piedade (*insignem pietate uirum*, v. 10). A ação consiste em sair de Troia destruída para chegar à Itália e lá fundar as bases da futura Roma, com a aquiescência dos deuses, conforme sintetiza e antecipa a *Proposição*. As duas referências iniciais são importantes para introduzir o argumento do poema e aquele mais característico epíteto de Eneias – o pio (*pius Aeneas*). O herói, no entanto, só será designado pelo seu nome – Eneias – a partir do verso 92 do Livro I (*Aeneae*). Na primeira intervenção de Eneias na narrativa (v. 92), o herói se lamenta diante da tempestade (v. 94-101), por não ter morrido diante de Troia e ante os olhos dos pais, como Heitor e Sarpédon. O lamento é semelhante ao de Odisseus [Ulisses] na *Odisseia* (Vide Canto V) e caracteriza a busca pela bela morte, a morte gloriosa no campo de batalha, que tipifica todo grande herói. Salvo da tempestade por Netuno, Eneias se refugia na costa da Líbia, protegendo seus navios na morada das Ninfas (Vide Canto XIII da *Odisseia*, na chegada de Odisseus [Ulisses] a Ítaca), gruta aprazível que guarda água doce (v. 166-171). Chegando a terra firme, Eneias procura pelos companheiros, mas sua atenção é desviada por uma manada de cervos. Eneias mata sete, número igual aos dos navios que se salvaram com ele. Após isto, faz um discurso animando os companheiros, lembrando os perigos passados e a missão de reerguer o reino de Troia no Lácio (v. 198-207). Chorando a sorte dos companheiros – Orontes, Âmico, Lico, Gias e Cloanto – que ele cria ter perdido, depois do banquete com a carne dos cervos mortos, Eneias é, pela primeira vez, tratado como pio (*pius Aeneas*, v. 220). No verso 260, Eneias será chamado pelo epíteto de magnânimo (*magnanimus Aeneas*). Na reafirmação do destino de Eneias, que Júpiter faz a Vênus, temos a primeira demonstração do caráter de mito fundador e civilizador de Eneias, com o herói destinado

a fazer grande guerra na Itália para a destruição dos povos ferozes, dando, em seguida, leis e cidades aos homens (*bellum ingens geret Italia populosque ferocis/contundet moresque uiris et moenia ponet*, v. 263-264). Eneias, após derrotar Turno, reinará por três anos no reino Lavínio, por ele construído (v. 258-267). Chegado a Cartago, Eneias (*pius Aeneas*, v. 305) prepara-se para explorar a região com Acates e se encontra com a mãe, sem saber que se trata da deusa. Vênus assume as feições de uma jovem (Vide o encontro de Odisseus [Ulisses] e Palas, na volta do herói a Ítaca, *Odisseia*, XIII), parecendo uma virgem espartana ou a Trácia Harpálice. Dando uma demonstração de sua piedade e, assim, confirmando o epíteto de pio, Eneias promete à jovem, que ele não sabe ser Vênus, mas julga tratar-se de uma divindade, fazer muitos sacrifícios em seus altares, após saber onde se encontra (*Multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra*, v. 334). Após saber onde se encontra e saber da história de Dido, Eneias (*pius Aeneas*, v. 378) resume a sua mãe a sua aventura desditosa da destruição de Troia até sua chegada a Cartago, passando por dificuldades e pela tempestade enviada por Juno, dizendo também da sua missão de buscar a Itália, berço de sua raça saída do sumo Júpiter (v. 375-385). Condoída da sorte de Eneias, Vênus lhe anuncia que uma mudança dos Aquilões colocou o que sobrou da frota dele em segurança, assim dizem os augúrios anunciados pelos doze cisnes, antes dispersos pela águia de Júpiter, e agora voando em formação, em busca de pouso certo. Eneias deve, portanto, buscar sua frota e reunir-se aos companheiros (v. 390-401). O augúrio dos doze cisnes remete ao augúrio dos doze abutres que sobrevoam o Palatino e dão a Rômulo o direito de fundar a cidade mais importante que a do irmão Remo, no Aventino. Depois de reconhecer a mãe, Eneias se dirige a Cartago, não antes sem ser envolvido por Vênus

numa nuvem, para que ninguém o veja e assim não retarde sua chegada às muralhas (Vide Odisseus [Ulisses] entre os Feácios, *Odisseia*, Canto VIII). Chegando a uma colina, Eneias vê as muralhas de Cartago e admira o trabalho incessante dos colonos Tírios, parecendo abelhas na sua lida de construir a cidade, tanto a edificando, quanto instituindo suas leis (v. 418-440). Eneias inveja os que já conseguiram elevar as muralhas de sua cidade (*O fortunati, quorum iam moenia surgunt!* v. 437). Eneias se depara com um grande templo brônzeas portas, construído em honra de Juno, no bosque sagrado, em cujas paredes se encontravam gravadas cenas da guerra de Troia (*Iliacas pugnas*, v. 456) e que a Fama havia se encarregado de difundir por toda a terra (*Aeneas ... uidet Iliacas ex ordine pugnas/bellaque iam fama totum uolgata per orbem*, v. 451-457). Emocionado, às lágrimas, diante do que vê, Eneias questiona Acates, seu dileto amigo, que região da terra não estaria cheia com a notícia dos sofrimentos dos Troianos. A maior parte das cenas, que Eneias vê, está relacionada à *Ilíada*. Primeiramente, Eneias vê as lutas em torno da cidadela (*Pergama circum*, v. 466), em dois momentos diferentes: a juventude Troiana pondo em fuga o exército Argivo (Vide *Ilíada*, Cantos V-XVI). Depois que Aquiles se retira da guerra, os Troianos são honrados por Zeus com a vitória momentânea sobre os Argivos, como uma maneira de devolver a honra ultrajada de Aquiles por Agamêmnon (Vide *Ilíada*, Canto I). Em seguida, Eneias vê a perseguição de Aquiles aos Argivos, sobre o seu carro, paramentado com o seu capacete de crina (Vide *Ilíada*, Cantos XIX-XX), quando o Pelida resolve voltar para a guerra. A cena seguinte diz respeito ao Canto X da *Ilíada*, conhecido como a *Dolonia*. Diomedes (*Tydides*, v. 471) sai com Odisseus [Ulisses], durante a noite, para tentar descobrir a posição dos Troianos. Em meio do caminho, eles encontram Dólón,

Troiano que tinha a mesma incumbência com relação aos Argivos. Arrancando de Dólón o segredo que queriam, Diomedes e Odisseus [Ulisses] o matam, avançam pelo acampamento Troiano e matam o rei Trácio Rhesus e seus soldados, roubando-lhes os cavalos. Eneias vê na sequência o episódio da morte de Troilo, filho de Príamo, que fica atado ao carro de combate, sendo puxado com a cabeça no chão pelos cavalos (Na *Ilíada*, XXIV, v. 257, há apenas uma referência a Troilo e não fica claro no poema homérico que Troilo foi morto por Aquiles. Príamo recriminando os filhos que não haviam morrido na guerra, chamando-os de fracos, lamenta que o cruel Ares tenha lhe levado tantos filhos gloriosos, Mestor, Troilo, Heitor...). Eneias vê a tristeza das mulheres Troianas, levando súplices, batendo no peito, o peplo à injusta Palas, mas a deusa recusava a oferenda, desviando a cabeça e mantendo os olhos fixos no solo. O ultraje ao corpo de Heitor, arrastado por três vezes ao redor de Troia e, depois, sendo vendido por Aquiles a peso de ouro a Príamo, é um dos pontos altos da *Ilíada* (Cantos XXII-XXIV), representado no muro do templo. Eneias vê ainda a súplica de Príamo, alçando as mãos inermes, diante do corpo do filho, e, em seguida, reconhece a si mesmo em luta com os chefes Aqueus e reconhece também Mêmnon e suas negras armas, conduzindo os batalhões orientais. O último quadro que Eneias vê é o de Penthesileia, a rainha das Amazonas, conduzindo seus batalhões e ousando enfrentar os homens na guerra. Penthesileia foi morta por Aquiles, em episódio fora da *Ilíada*. Após ficar estupefato com tantas cenas prodigiosas, Eneias (*Dardanio Aeneae*, v. 494) vê Dido belíssima entrar no templo, escoltada pela juventude Tíria, como se fosse a própria Diana conduzindo os coros das Oréades pelos cimos do Cintos ou pelas margens do Eurotas. Em seguida, no momento em que Dido se senta no trono

para distribuir aos seus as leis e os encargos, Eneias vê surgirem os companheiros que julgava mortos: Anteu, Sergesto, Cloanto e Ilioneu. Eneias fica ao mesmo tempo alegre e com medo (v. 413-415). Observando Ilioneu falar com Dido e dizer do destino dos Troianos, Eneias é designado como o rei maior que todos na piedade, na justiça, na guerra e nas armas (*Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter/ nec pietate fuit, nec bello maior et armis*, v. 544-545). Além de a fala de Ilioneu reafirmar a piedade de Eneias, o herói é chamado de *Excelente pai dos Teucros* (*pater optime Teucrum*, v. 555). A denominação é importante, pois reafirma a condição de Eneias como *pai da pátria* (epíteto semelhante recebe Augusto, *patriae pater*, concedido pelo Senado e adotado por Ovídio, *Fastos*, II, v. 637), ao mesmo tempo em que nos revela a divinização do herói, visto que *optimus* (Augusto é também assim designado por Ovídio, *optime Caesar*, *Fastes*, Livro II, v. 637) é designativo de epíteto de Júpiter Capitolino (DUMÉZIL, 2000). Não podemos esquecer, ainda, que Eneias representa todas as virtudes que Augusto queria para Roma, ao tempo de seu império: a Roma guerreira, justa, piedosa e pacífica. Daí Eneias representar a própria Roma, cidade que se confunde com o seu fundador, Rômulo, e com o seu recriador, Augusto. Logo em seguida à fala de Dido, a referência ao *pater Aeneas* (v. 580) fecha a ideia. Tendo sido envolvidos, numa nuvem por Vênus, de modo a protegê-los, vez que eles se encontravam em terra estranha, Eneias e Acates rompem a nuvem para se dirigir a Dido. Vênus, que tudo fará para a proteção do filho, torna Eneias belo, com o fulgor dos deuses, com a intenção de fazer Dido por ele apaixonar-se (*Restit Aeneas claraque in luce refulsit/os umerosque deo similis; namque ipsa decoram/caesariem nato genetrix lumenque iuventae/ purpleum et laetos oculis adflarat honores:/quale manus*

*addunt ebori decus, aut ubi flauo/argentum Pariusue lapis circumdatur auro.* – Eneas parou e na clara luz refulgiu/no rosto e nas espáduas semelhante a um deus; a própria mãe a cabeleira/ornada ao filho e o lume purpúreo da juventude/ e gratas honras aos olhos insufla:/Tal qual mãos adicionam o ornamento ao marfim, ou quando/prata ou mármore de Paros é circundado de fulvo ouro, v. 588-593). Eneas, então, se dirige a Dido (v. 595-610), revelando-se como o que escapou das águas da Líbia e da destruição de Troia, numa viagem sem rumo pela terra e pelo mare, fazendo, a um só tempo, o elogio a Dido, cujos nome e glória permanecerão. Em seguida, se confraterniza com os companheiros, Ilioneu, Seresto, Gyas e Cloanto. A intervenção de Eneas e a sua súbita aparição deixam Dido estupefacta, diante da beleza do herói preparada por Vênus. Os muitos infortúnios por que Eneas passou ajudam a marcar no espírito da rainha a presença do herói Troiano. Recebido por Dido no seu luxuoso palácio, Eneas despacha Acates aos navios para buscar Ascânio, a quem mostrará as novidades da nova terra, e que apresentará a Dido. Acates também está incumbido de buscar ricos presentes para oferecer a Dido, dentre eles um rico véu que pertencera a Helena, o cetro, um colar de pérolas e a coroa de Iliona, a mais velha das filhas de Príamo. Mais uma vez, Eneas é chamado de Pai Eneas (*pater Aeneas*, v. 699), quando da chegada de Cupido, sob a forma de Ascânio, e de Acates ao banquete que Dido prepara para os Troianos. Dido lhe pede para contar as suas aventuras, sete anos após ter saído de Troia. Eneas é filho de Anquises e de Vênus/Afrodite. No *Hino Homérico a Afrodite* (v. 196-199), explica-se o nome que Eneas recebe pela aproximação de *Αἰνείας* com *αἰνός*, *terrível*, tendo em vista que a deusa foi acometida de uma terrível angústia, por se deixar cair no leito de um mortal. Ao mesmo tempo, o destino de Eneas

de reinar sobre Troia está traçado (v. 196). Para que isso aconteça, após o nascimento, Eneias deverá ser nutrido pelas ninfas das montanhas por quatro anos. Decorrido este tempo, Eneias será entregue a Anquises para complemento de sua educação. Trata-se do rito de passagem do simples mortal para a condição de herói (ibidem, v. 256-280). Ovídio, nos *Fastos* (II, v. 543-546), remete a Eneias, digno mestre da piedade – *Aeneas, pietatis idoneus auctor* – a tradição da introdução do culto piedoso aos Manes, que começa com as oferendas anuais ao Gênio do pai Anquises (Vide *Eneida*, Livro V). Já no Livro IV dos *Fastos*, Ovídio se refere novamente à piedade provada de Eneias, ao conduzir de Troia os tesouros e o pai, este nas costas, por entre as chamas da cidade (IV, v. 37-38), e, mais uma vez no Livro V (v. 563-564), numa alusão ao que ocorre no Livro II da *Eneida* (v. 721-723).

**Enótrios** (*Oenotri*, v. 532): Antigos povos de quem descendem os Ítalos. Enotros era um dos filhos de Licáon, herói da Arcádia, e de Cilene. Descontente com a partilha dos bens que lhe coube, Enotros emigrou para o território da hoje Península Itálica. Lá, ele dá nome aos Enótrios. A Enótria compreendia os litorais da Itália entre Paestum (Lucânia) e Tarentum (Calábria). Os descendentes dos Enótrios haviam denominado a região com o nome de Itália, em homenagem ao seu rei – Ítalo, às vezes considerado irmão de Enotros.

**Eólia** (*Aeoliam*, v. 52): O reino de Éolo, deus dos ventos.

**Éolo** (*Aeolus*, v. 52; *Aeolus*, v. 56; *Aeole*, v. 65; *Aeolus*, v. 76; *Aeolus*, v. 141): Deus dos ventos, filho de Posídon (Vide *Odisseia*, X), designado por Júpiter para contê-los nas cavernas sombrias em que foram aprisionados, sob grande peso e montes elevados. Juno pede a ajuda de Éolo para afligir Eneias com uma tempestade, prometendo-lhe a ninfa

Deiopeia em casamento (Vide *Ilíada*, XIV, quando Hera promete uma das Graças a Hypnos, se ele adormecesse Zeus, depois do amor, para que ela interferisse na guerra). Éolo mostra-se agradecido a Juno por ter sido agraciado com o poder e o cetro de rei dos ventos e faz o que ela lhe pede. Ele é repreendido por Netuno, através de Euro (v. 140-141).

**Érix** (*Erycis*, v. 570): Érix era rei da Sicília e foi morto por Hércules. Com sua morte, seu nome foi dado a uma montanha no Nordeste da Sicília, onde se erigiu um templo para Vênus. Posteriormente, no sopé do monte se construiu uma cidade com o nome de Éryx. No Livro III da *Eneida*, Eneias faz uma pausa em Érix, antes de chegar a Drépano, onde morre Anquises. Sobre Érix ou Érice relata-nos Robert Graves o seguinte: “Certa vez, para fazer ciúmes a Adônis, Afrodite passou várias noites em Lilibeu com o argonauta Butes, com quem teve o filho Érice, que se tornou rei da Sicília” (GRAVES, 2008, p. 86). O que se sabe a respeito de Butes em primeira mão, é que, atraído pelas Sereias ele se joga ao amar, mas é salvo por Afrodite que o estabelece no Cabo Lilibeu, na Sicília (*Argonáuticas*, IV, 912-920).

**Espartana** (*Spartanae*, v. 316): No encontro de Vênus com Eneias, em Cartago, a deusa assume as feições de uma virgem Espartana armada ou da jovem guerreira Trácia Harpálice. Vide **Vênus**.

**Euro** (*Eurus*, v. 85; *Eurus*, v. 110; *Eurum*, v. 131; *Eure*, v. 140; *Euro*, v. 383): Vento do Sudeste, relacionado ao Grego Euros (Ἔϋρος, ους), representado barbudo e enrolado numa manta, na Torre dos Ventos, em Atenas. Euro é liberado por Éolo para fazer naufragar Eneias e seus companheiros. Três navios são jogados pelo Euro nos baixios e sirtes do mar, quebrando-os contra os bancos de areia (v. 110-112). Sua ação é repreendida por Netuno (v. 131). Quando Vênus aparece a Eneias, lembrando a jovem caçadora Harpálice,

há uma comparação da velocidade da jovem com o Euro (v. 317, assim na edição estabelecida por Henri Goelzer), mostrando-a ainda mais veloz que o vento. Em outras lições, a comparação é com o Hebro, rio da Trácia (vejam-se a edição estabelecida e traduzida por Jacques Perret, 2006, e a edição a partir da qual Luca Canali, 2004, traduz a *Eneida*). Na nossa concepção de leitura, que vê o texto como uma estrutura, acreditamos que a lição de Hebro (*Hebrum*) é melhor que a de Euro (*Eurum*), tendo em vista que a jovem Harpálice é Trácia. Nas *Metamorfoses*, Ovídio mostra o Euro como o vento do Leste (Livro I, v. 61-62).

**Europa** (*Europa*, v. 385): A Europa é referida por Eneias na sua narrativa a Vênus. Falando de sua desdita, ele se diz expulso da Europa e da Ásia, errando, desconhecido, privado de tudo, pelos desertos da Líbia (*Ipse ignotus, egens, Libyaes deserta peragro,/ Europa atque Asia pulsus*, v. 384-385). Expulso da Ásia, pois Troia se encontra na Ásia Menor, e expulso da Europa, numa referência à Sicília (Ilha Trinácia), onde Eneias se encontrava e de onde partia para a Itália, quando foi atingido pela tempestade de Juno.

**Eurotas** (*Eurotae*, v. 498): Rio da Lacônia, região cuja capital é a Lacedemônia ou Esparta, no Peloponeso. Dido parece aos olhos de Eneias, Diana (Ártemis) conduzindo o coro das Oréades pelos cimos do monte Cintos ou pelas margens do rio Eurotas.

**Fama** (*fama*, v. 457): Mito difundido por Virgílio. Eneias se emociona ao ver cenas da guerra de Troia nas paredes do templo de Juno, em Cartago, e diz que a Fama já a difundiu por toda a terra. No Livro IV da *Eneida*, Virgílio nos faz um retrato detalhado dessa divindade (v. 173-197): Eneias e Dido se refugiam em uma gruta, fugindo da tempestade enviada por Juno com o intuito de uni-los e, assim, desviar o herói Troiano de seu destino. A situação favorece a aproximação

dos dois, fazendo Dido dar vazão ao amor que trazia escondido. Depois que eles se amam, Fama se encarrega de difundir essa união, o que vai levar Jarbas, rei da Líbia, a reclamar, furioso, contra Júpiter, a quem ele tinha erguido tantos altares e a quem oferecera tantos sacrifícios, por ter permitido que Dido desse a Eneias o amor que lhe recusara. O retrato mostra Fama percorrendo as grandes cidades Líbias, mais rápido que qualquer calamidade, e quanto mais ela caminha, mais adquire força; de início, humilde e medrosa, subitamente eleva a si mesma às alturas; caminha pelo solo e esconde a cabeça entre as nuvens. Filha da Terra e última irmã de Encélados e Coios, monstro horrendo e enorme, com pés prontos e asas rápidas, tantas são as plumas no seu corpo, quantos são seus olhos vigilantes, tantas línguas, bocas sonantes e orelhas em pé... A Fama voa durante a noite, pelo céu e pela terra, nas sombras, sempre estridente, para que o doce sono não a faça dormir; aterrando as cidades, ela é tenaz mensageira tanto da verdade, quanto da mentira e do disforme. Enchendo os povos de múltiplas palavras, a Fama se rejubilava igualmente em dizer o que acontecera e o que não acontecera.

**Febo** (*Phoebi*, v. 329): Epíteto de Apolo, deus da luz, da medicina, da poesia, da música, da inspiração, da profecia e dos arqueiros, nascido de Zeus e de Leto, irmão de Ártemis. O epíteto *Febo* (Φοῖβος) significa *Brilhante*, em grego.

**Fenícia** (*Phoenissa*, v. 670; *Phoenissa*, v. 714): Referente a Dido.

**Fenícia Dido** (*Phoenissa Dido*, v. 670): Dido, que é de origem Fenícia.

**Fenícios** (*Phoenicum*, v. 344): Relativo à Fenícia, dos Fenícios, dos Púnicos. O termo é usado para falar de Siqueu, marido de Dido, o mais rico da terra dentre os Fenícios (*ditissimus agri/ Phoenicum*, v. 343-344).

**Filho da Aurora** (*Aurorae...filius*, v. 751): Vide **Mêmnon**.

**Filho de Maia** (*Maia genitum*, v. 297): Mercúrio, Hermes para os Gregos, é filho de Júpiter e Maia. Um dos deuses mais complexos do Olimpo, Mercúrio é, entre outras atribuições, o mensageiro de Júpiter e aquele que conduz as almas até o Hades, na condição de *Psicopompus* (*ψυχοπομπός*, *condutor de almas*). Ele terá uma importância crucial na *Eneida*, ajudando Eneias a ser admitido por Dido em Cartago (Livro I, v. 297-300) e advertindo-o para a continuidade de sua missão (Vide Livro IV da *Eneida*).

**Filho de uma Deusa** (*Nate dea*, v. 582; *nate dea*, v. 615): Eneias, filho de Vênus.

**Filho de Vênus** (*Veneris...filius*, v. 325): Eneias.

**Fortíssimo Tidida da Gente dos Dânaos** (*Danaum fortissime gentis Tydide*, v. 96): Referência a Diomedes. Vide **Tidida**.

**Frígio, Frígios, Frígia, Frígias** (*Phrygias*, v. 182; *Phrygium*, v. 381; *Phryges*, v. 468; *Phrygii*, v. 618): Frígios ou relativo à Frígia, região a leste de Troia. O termo pode ser um adjetivo ou tomado substantivamente como no verso 468. Os Frígios, aliados dos Troianos contra os Argivos, designam, por metonímia, os próprios Troianos. No verso 618, Dido diz que Vênus gerou Eneias com Anquises, às margens do Simois Frígio (*Aeneas quem Dardanio Anchisae/alma Venus Phrygii genuit Simoentis ad undam?*).

**Ftia** (*Phthiam*, v. 284): A Ftia é uma região da Tessália, pátria de Aquiles. No texto, Ftia é uma metonímia tanto para a Grécia, quanto para Aquiles, o maior de todos os heróis presentes à guerra de Troia. No futuro previsto para Eneias e seus descendentes, a Ftia, entenda-se a Grécia, será dominada pelos Romanos. Vide **Assáraco**.

**Furor Ímpio** (*Furor impius*, v. 294): Personificação do

ódio e do furor da guerra. A descrição que Virgílio faz é bela e impactante (v. 293-296), mostrando o Furor ímpio aprisionado dentro do templo de Jano, com as mãos amarradas às costas por cem nós de bronze, sentado sobre armas cruéis e com a boca coberta de sangue. É o prenúncio da *Pax Romana* ou *Pax Augusta*. Vide **Portas da Guerra**.

**Ganimedes** (*Ganymedis*, v. 28): Filho de Tros, ancestral dos Troianos, raptado por Zeus/Júpiter pela sua beleza, para servir de escanção no Olimpo. O verso 28 faz referência ao fato, sendo um dos motivos para o ódio de Juno contra os Troianos, originando sua perseguição a Eneias (*rapti Ganymedis honores – as honras do raptado Ganymedis*).

**Genitor** (*genitor*, v. 155; *genitor*, v. 237): Os doze grandes deuses eram chamados de Genitores (Zeus, Hera, Posídon, Héstita, Deméter, Apolo, Ártemis, Afrodite, Ares, Atena, Hefesto e Hermes). No verso 155, o epíteto diz respeito a Netuno/Posídon. No verso 237, o epíteto diz respeito a Júpiter/Zeus.

**Gente Dardânia** (*gentis Dardaniae*, v. 602): Referência aos Troianos. Vide **Dardânio**.

**Gente Heitórea** (*gente...Hectorea*, v. 273): Referência aos Troianos, mais especificamente, aos descendentes de lulo ou Ascânio, sobrinho de Heitor. Vide **Heitor**.

**Gente Romana** (*Romanam...gentem*, v. 33): Vide **Romanos**.

**Gente Togada** (*gentem togatam*, v. 282): A toga era sinal de civilidade. Dumézil nos ensina que todo menino ia ao Capitólio oferecer sacrifícios, no momento em que passava a vestir sua toga viril, entrando na condição de cidadão útil (DUMÉZIL, 2000, p. 295). Vide **Romanos**.

**Gias** (*Gyan*, v. 222; *Gyan*, v. 612): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio e que ele acreditava ter morrido.

**Golfos Ilíricos** (*Illyricos...sinus*, v. 243): Os golfos da

Ilíria, por onde Antenor penetrou, fugindo de Troia, para chegar à Itália. A Ilíria é a região banhada pelo Mar Adriático (compreendendo a Dalmácia). Segundo a tradição, Antenor fugiu pela Trácia e dali alcançou a Ilíria, de onde passou para o vale do Pó, onde fundou Pádua. Trata-se de uma região a Noroeste dos Balcãs, abrigando atualmente vários países, dentre eles, Albânia, Sérvia, Montenegro e Croácia.

**Graios** (*Grai*, v. 467; *Grai*, v. 530): Nome que designa os Gregos, de modo geral. O termo, segundo Chantraine (1999) pode ter sido dado aos Gregos de Dodona, no Épiro, pelos Ilírios, seus vizinhos e, provavelmente, tenha entrado na língua latina sob a forma de *Graius*, emprestado do Etrusco. Para Ernout (2001), o termo pertence à língua épica ou poética e é notável o fato de os Latinos terem usado para designar os Gregos um nome raro na literatura grega, atestado tardiamente, em lugar de Helenos, a forma corrente. Ernout acredita ainda tratar-se de uma forma popular emprestada por via oral, provavelmente da Ilíria.

**Grande Eneias** (*Magno Aeneae*, v. 675): Eneias.

**Grande Rei** (*rex magne*, v. 241): Júpiter.

**Guerra** (*Belli*, v. 294): Personificação da Guerra. Vide **Portas da Guerra**.

**Harpálice** (*Harpalyce*, v. 317): Jovem Trácia, criada pelo pai, o rei Harpálico, como homem, para que o sucedesse, pois ele não tinha tido filhos. Considerada a rainha das Amazonas. Vênus adota suas feições e as armas ou as feições de uma jovem espartana armada, para falar com Eneias em Cartago. A fábula de Harpálico e sua filha se encontra nas *Fábulas* de Higino (CXCIII).

**Hebro** (*Hebrum*, v. 317): Rio da Trácia. As edições preparadas por PERRET (*Les Belles Lettres*, 2006) e CANALI (Oscar Mondadori, 2004) trazem *Hebrum*, em lugar de *Eurum*, constante da edição de GOELZER. Vide **Euro**.

**Heitor** (*Hector*, v. 99; *Hectora*, v. 483; *Hectore*, v. 750):

Maior herói Troiano, na *Ilíada*, filho de Príamo e Hécuba. Heitor comanda os batalhões Troianos, consegue acuar os Argivos em seu próprio território, mas é morto por Aquiles em combate singular. Nas paredes do templo de Juno em Cartago, Eneias revê a cena do ultraje ao cadáver de Heitor (v. 483-487), fato narrado entre os Cantos XXII-XXIV da *Ilíada*, quando se dá a morte do herói Troiano por Aquiles. Já no verso 750, a referência a Heitor diz respeito às perguntas de Dido a Eneias, sobre a guerra de Troia.

**Helena** (*Helena*, v. 650): Helena, filha de Zeus e Leda, criada pelo rei Tíndaro de Esparta. Tendo se casado com Menelau, seu rapto por Páris desencadeia a guerra de Troia. O trecho se refere a um rico véu cor de açafração que servira de ornato a Helena, e que Eneias conseguira retirar das ruínas de Troia, levando-o como presente a Dido. Helena, ao fugir de Micenas (*sic*) levou consigo esse maravilhoso véu, presente admirável de sua mãe Leda. Vide **Páris**.

**Herói Insigne pela Piedade** (*insignem pietate uirum*, v. 10): O mais importante dos epítetos de Eneias. Vide **Eneias**.

**Hespéria** (*Hesperiam*, v. 530; *Hesperiam*, v. 569): Terras ocidentais, terras do poente. No poema, designa a região em que se encontra a Itália. Em outras circunstâncias, pode designar a Espanha.

**Híades** (*Hyadas*, v. 744): Filhas de Atlas e da Oceanina Aethra, irmãs de Hias, jovem de notável beleza, forte e rápido. Hias tendo sido morto por um leão, as irmãs sofrem e choram a sua perda. Elas são transportadas para o céu como constelação, tomando o nome de *Híades*, em homenagem ao irmão (Ovídio, *Fastos*, V, v. 163-182). As *Híades* são um aglomerado da constelação de Touro e estão associadas à chegada das chuvas. Higino, em sua *Astronomia*, situa as *Híades* junto às estrelas que delimitam a cabeça da Constelação de Touro (Higino, II, 21, 1), para, em seguida,

narrar a história das estrelas, conforme nós conhecemos. O elemento novo é colocar as *Híades* como irmãs das Plêiades, sete das outras dez irmãs de Hias, que se suicidam por causa da morte do irmão (Higino, II, 21, 2). Nas *Fábulas* (CXCI), Higino dá o nome das cinco *Híades* – Phaesyta, Ambrosia, Coronis, Eudora e Polyxo –, informando que, para alguns, o nome de *Híades* se dá pela disposição das estrelas em forma de **Y**; para outros, porque o seu surgimento desencadeia as chuvas (chover, em grego ὕειν).

**Idália, Idálio** (*Idalium*, v. 681; *Idaliae*, v. 693): Cidade da Ilha de Chipre, onde Vênus é cultuada, em um templo situado na montanha do mesmo nome.

**Ília** (*Iliā*, v. 268): Referente a Troia, Ílion. Nome de Troia, proveniente de seu fundador, Ilos, filho de Tros, herói epônimo dos Troianos. A tradição atribui a Ilos a construção da cidadela de Ílion na colina do Erro, local onde *Erro*, a divindade, *Ate* (Ἄτη), caiu ao ser expulsa por Zeus do Olimpo (sobre a expulsão de *Ate* do Olimpo, *Ilíada*, XIX, v. 83-133).

**Ília** (*Iliā*, v. 274): Sacerdotisa vestal, também conhecida como Rheia Sílvia, que fica grávida de Marte e dá à luz os gêmeos Rômulo e Remo. Filha de Númitor, último rei de Alba Longa e da dinastia dos Enéades, Ília é obrigada pelo tio Amúlio, usurpador do poder, a ser vestal, para que não tivesse filhos que viessem reivindicar o trono de Alba Longa. Tão logo os meninos nascem, Amúlio manda que eles sejam jogados nas águas do Tibre. Encontrados por uma loba, os gêmeos são criados pelo animal até que são recolhidos por um pastor, Faustulus, que os cria. Rapazes, Rômulo e Remo descobrem a sua linhagem, matam Amúlio e restituem o poder ao avô Númitor. Ao explicar as *Lupercália*, Ovídio (*Fastos*, II, v. 380-422) se refere ao mito da amamentação de Rômulo e Remo, por uma loba. Ainda nos *Fastos*, Ovídio

narra como se dá a sedução de Ília ou Sílvia Rheia por Marte, o nascimento dos filhos, Rômulo e Remo; a exposição dos recém-nascidos no Tibre, a morte de Amúlio por Rômulo, tempos depois, restituindo o reino ao avô, Númitor, e a instituição do mês de março, como mês que inicia o ano no calendário de Rômulo (Livro III, v. 9-76). Higino, nas *Fábulas* (CCLII, 2), referindo-se aos que foram nutridos de leite por uma fera, cita Rômulo e Remo, filhos de Marte e Ília, aleitados por uma loba.

**Íliacas Pugnas** (*Iliacas...pugnas*, v. 456): Referência às cenas da guerra de Troia que Eneias vê gravadas nas paredes do templo de Juno, em Cartago. Vide **Eneias**.

**Íliacas Ruínas** (*Iliacis...ruinis*, v. 647): As ruínas de Troia.

**Íliacos, Íliacos** (*Iliacis*, v. 97; *Iliacas*, v. 456; *Iliacos*, v. 483; *Iliacis*, v. 647): Referentes a Ílion, Troia.

**Íliacos Campos** (*Iliacis...campis*, v. 97): Campos de Troia.

**Íliacos Muros** (*Iliacos...muros*, v. 483): Muralhas de Troia.

**Íliades** (*Iliades*, v. 480): Referência às mulheres Troianas que veem sua oferenda recusada por Palas Atena, na representação das cenas da guerra de Troia, no templo de Juno em Cartago.

**Ílion** (*Ilium*, v. 68): Vide **Troia**.

**Íliona** (*Ilione*, v. 653): Filha mais velha de Príamo. Dentre os presentes concedidos por Eneias a Dido, encontra-se um cetro que Iliona portara.

**Ílioneu** (*Ilionei*, v. 120; *Ilioneus*, v. 521; *Ilioneus*, v. 559; *Ilionea*, v. 611): Companheiro de Eneias, cujo navio é atingido pela tempestade desencadeada por Éolo. Eneias vai encontrá-lo no templo de Juno, em Cartago, acompanhado dos outros que o herói julgava mortos. Como é o mais velho (*maximus Ilioneus*, v. 521), Ilioneu suplica a acolhida da

rainha, contando-lhe os insucessos de que foram acometidos (v. 522-558). Ilioneu diz-se de uma raça piedosa (*pio generi*, v. 526), tranquilizando Dido de uma possível ação danosa da parte dos Troianos. Eles não estão ali para devastar os penates Líbicos com o ferro ou levar para os litorais presas roubadas (*Non nos aut ferro Libycos populare penatis/ uenimus, aut raptas ad litora uertere praedas*, v. 527-528), mas impelidos por uma tempestade. Seu verdadeiro destino é a Itália, nas terras de Hespéria. A fala de Ilioneu é comovente, pois ele pensa que Eneias e todos os demais morreram. Nem mesmo lulo, sua última esperança, deve estar vivo. Ilioneu, diante da possibilidade de todos terem morrido, pensa em voltar à Sicília, para a companhia do rei Acestes, numa alusão ao lugar onde estavam, antes de chegarem à Líbia. Na narrativa de Eneias a Dido, no Livro III da *Eneida*, sabemos que os Troianos se encontravam na Sicília, onde morreu Anquises, e de onde partiram para o Lácio, mas foram jogados na costa da África do Norte pela tempestade desencadeada por Éolo. No Livro V da *Eneida*, todos retornam à Sicília, para a comemoração dos jogos fúnebres, em honra de Anquises.

**Ilo** (*Ilus*, v. 268): Nome de lulo, quando ainda existia Troia. Vide **Ília**, Troia (v. 268).

**Incenso Sabeu** (*Sabaeo ture*, v. 416-417): Relativo ao incenso de Saba ou Sabá, cidade da Arábia fértil (*felix Arabia*), região que subia desde o chifre da África oriental até a atual Arábia Saudita. O famoso incenso sabaio ou sabeu queimava nos cem altares do templo de Vênus em Pafos.

**Infeliz Dido** (*infelix Dido*, v. 749): Vide **Dido**.

**Infeliz Fenícia** (*Infelix...Phoenissa*, v. 712-714): O epíteto se repete no verso 749, *infelix Dido*, antecipando a morte de Dido, que acontecerá no Livro IV. Vide **Dido**.

**Iopas** (*Iopas*, v. 740): Vate de longa cabeleira (*crinitus*

*Iopas*), presente ao banquete oferecido por Dido a Eneias, e que canta os fenômenos da astronomia, segundo o que lhe ensinara Atlas, o gigante considerado o primeiro dos astrônomos. Ao final, Tírios e Troianos o aplaudem repetidas vezes. Trata-se claramente de uma alusão ao aedo Demódoco, o vate na corte dos Feácios, no Canto VIII da *Odisseia*. Os versos que falam do inverno e do verão, na passagem de Iopas (*Eneida*, I, v. 745-746), já se encontram nas *Geórgicas*, quando Virgílio pede às Musas inspiração para falar das coisas da natureza (II, v. 181-182).

**Irmã de Febo** (*Phoebi soror*, v. 329): Eneias, ao ver Vênus com as feições de uma jovem armada, pensa tratar-se de Diana (Ártemis, para os Gregos), a irmã de Febo Apolo. Vide **Vênus**.

**Itália** (*Italiam*, v. 2; *Italia*, v. 38; *Italiam*, v. 68; *Italiam*, v. 233; *Italia*, v. 263; *Italiam*, v. 380; *Italiam*, v. 533; *Italiam*, v. 553; *Italiam*, v. 554): Referência à Península Itálica, região que abriga o Lácio, para onde Eneias, impelido pelos deuses, dirige-se.

**Ítalos, Ítalas** (*Itali*, v. 109; *Italís*, v. 252): Referência aos Ítalos ou às margens Ítalas. Ítalo era o herói ancestral dos Italianos.

**Iulo** (*Iulo*, v. 267; *Iulo*, v. 288; *Iuli*, v. 556; *Iuli*, v. 690; *Iulum*, v. 709): Vide **Ascânio**.

**Jove** (*Iouis*, v. 42; *Iouis*, v. 46; *Iouem*, v. 78; *Ioue*, v. 380; *Iouis*, v. 394): Vide **Júpiter**.

**Julgamento de Páris** (*iudicium Paridis*, v. 27): Julgamento proferido por Páris, a mando de Zeus, no Monte Ida Troiano, para escolher a mais bela entre as deusas Hera, Palas Atena e Afrodite. Subornado pelas três, mas aceitando o suborno de Afrodite – Helena, a mortal mais bela do mundo –, Páris escolhe a deusa do Amor a quem concede o pomo de ouro de Discórdia. Surge daí o estopim para a

guerra de Troia, após o rapto de Helena por Páris. Trata-se de um dos mitos mais difundidos no mundo grego, sendo encontrado tanto na épica, quanto na tragédia. Na *Ilíada*, o mito encontra-se apenas referido (Canto XXIV, v. 26-30). Na tragédia, sobretudo naquelas que dizem respeito à guerra de Troia ou ao mito dos Atridas, o julgamento de Páris é recorrente. A única fonte completa do mito, do casamento de Peleu e Thétis à chegada de Páris e Helena a Troia, é o poema tardio de Colutos, *O rapto de Helena*, na transição do século V para o século VI da nossa era. Higino (*Fábulas*, XCII) trata apenas do julgamento. Nos *Fastos*, Ovídio se refere ao julgamento várias vezes, mas sem desdobrar o mito. Em uma delas (V, v. 99-100), o poeta diz que a forma de julgar levou Pérgamo à ruína, e que duas deusas lesam mais do que a ajuda de uma, numa alusão às consequências do julgamento de Páris: por ter escolhido Afrodite como vencedora, os Troianos terão a ajuda desta deusa, mas sofrerão o ódio das outras duas, Hera e Palas Atenas, que decidem favorecer os Argivos.

**Júlio** (*Iulius*, v. 288): Vide **César**.

**Juno** (*Iunonis*, v. 4; *Iuno*, v. 15; *Iuno*, v. 36; *Iunonis*, v. 48; *Iuno*, v. 64; *Iunonis*, v. 130; *Iuno*, v. 279; *Iuno*, v. 443; *Iunoni*, v. 446; *Iuno*, v. 662; *Iunonis*, v. 668; *Iuno*, v. 734): Esposa e irmã de Júpiter (Livro I, v. 46-47), filha de Saturno (Cronos, para os Gregos) e Rheia, a primeira de todos os filhos que fez Saturno pai (Ovídio, *Fastos*, VI, 29-30). Juno é deusa da primeira geração cósmica do Olimpo, protetora do casamento, dos partos e da família, correspondendo à deusa Grega Hera. A primeira referência à deusa, no verso 4, no *Proêmio* da *Eneida* – mais especificamente na *Proposição* –, refere-se a sua ira, por lembrar-se do que os Troianos lhe fizeram, o que será explicado a partir da *Narração* – o rapto de Ganimedes, por Júpiter; o julgamento

de Páris e a futura destruição de Cartago, pelos descendentes dos Troianos, os Romanos. Duas destas razões, o rapto e o julgamento, estão elencadas por Ovídio, nos *Fastos* (v. 41-44). Já no verso 15 da *Eneida* (*Iuno*), no início da *Narração*, a alusão é à preferência que Juno dá a Cartago, a cidade da Líbia de então, em construção por colonos Tírios, com relação a Samos, na Grécia. Cartago fora por ela escolhida e agraciada com riqueza e poder, para subjugar os povos, desde que o destino permitisse. Juno lamenta-se por não conseguir deter Eneias e acabar com a raça Troiana, como Palas fez com Ajax Menor (v. 37-49. Vide lamento semelhante de Posídon, na *Odisseia*, Canto XIII, com relação a Odisseus [Ulisses]). Por meio de artifícios, subornando Éolo, Juno causa uma tempestade contra Eneias (v. 130 e ss). O futuro brilhante e poderoso de Roma, previsto e confirmado por Júpiter a Vênus, passa necessariamente pelo favorecimento de Juno (*aspera Iuno mecumque fouebit Romanos*, v. 279-282). No banquete oferecido a Eneias, Dido pede a Juno a assistência.

**Junônias** (*Iunonia*, v. 671): Relativo a Juno. O texto refere-se à preocupação de Vênus com as hospitalidades Junônias (*Iunonia...hospitia*, v. 671-672), que podem ser danosas a Eneias.

**Júpiter** (*Iuppiter*, v. 223; *Iuppiter*, v. 522; *Iuppiter*, v. 731): Deus dos deuses (Zeus para os Gregos), responsável pelo destino de Eneias. Com a chegada de Eneias à Líbia, Júpiter apenas olha de cima do Olimpo os Troianos espalhados e poupados da tempestade (*Iatos populos*, v. 225), e é interpelado por Vênus. Diante da interpelação da filha, Júpiter a tranquiliza e reafirma o destino de Eneias, antecipando desde a vitória sobre Turno, rei dos Rútulos, até o governo de Augusto (v. 257-296). Vários epítetos lhe serão atribuídos, tais como *Pai dos deuses e rei dos homens*

(*diuom pater atque hominum rex*, v. 65) e *Semeador dos homens e dos deuses (hominum sator atque deorum*, v. 254). Ilioneu se refere a Júpiter como o deus que concedeu a Dido fundar uma nova cidade (*O regina, nouam cui condere Iuppiter urbem / [...] dedit [...] – Ó rainha, a quem Júpiter concedeu construir uma nova cidade [...]*. v. 522-523), o que a nossos olhos resulta num trocadilho com o significado do nome Cartago.

**Juventude Troiana** (*Troiana iuuentus*, v. 467; *Troiana iuuentus*, v. 699): Na primeira referência, trata-se da representação, no muro do templo de Juno, do exército Troiano impondo derrotas ao exército Argivo, com a saída de Aquiles da guerra (Vide *Ilíada*, Cantos V-XVII). Já no verso 699, trata-se da chegada de Eneias com seus companheiros, ao banquete oferecido ao herói por Dido.

**Lácio** (*Latia*, v. 6; *Latia*, v. 31; *Latium*, v. 205; *Latia*, v. 265; *Latium*, v. 554): Região da Itália ocidental, aonde Eneias chegará para cumprimento do destino. Daí se originará a cidade de Roma. Na tradição de Ovídio (*Fastos*, Livro I, v. 235-238), o Lácio foi a terra que acolheu Saturno, depois de expulso dos reinos celestes por Júpiter, e que está destinada a conquistar a fortuna e a glória pelas armas, pois venera Marte, o deus que preside a guerra (*Fastos*, III, v. 85-86). Vide **Campos Satúrnios**.

**Latina** (*Latinum*, v. 6): Oriunda do Lácio, a raça Latina (*genum Latinum*).

**Latona** (*Latonae*, v. 502): Leto para os Gregos, Latona é a mãe de Apolo e Ártemis (Diana). A referência diz respeito à visão de Dido por Eneias: parecendo-lhe Diana caçadora conduzindo o coro das Oréades pelas margens do rio Eurotas ou pelos cimos do monte Cinto, e portando consigo o carcás de flechas, superando assim todas as demais, esta visão causaria grande satisfação a Latona (*Latonae tacitum pertemtant gaudia pectus*, v. 502).

**Lavínio, Lavínios, Lavínias** (*Lauinia*, v. 2; *Lauini*, v. 258; *Lauini*, v. 270): Reino que será fundado por Eneias (*regnum Lauini*, v. 270), após a vitória sobre Turno, rei dos Rútulos. Depois de chegar aos litorais Lavínios (*Lauinia...litora*, v. 2-3), Eneias constrói as muralhas do reino (*Lauini moenia*, v. 258-259), dando-lhe o nome da esposa, Lavínia, filha do rei Latino. Ascânio mudará a sede do reino para Alba Longa, após a morte de Eneias.

**Leda** (*Ledae*, v. 652): Leda, esposa do rei Tíndaro, amada por Zeus, sob a forma de um cisne, com quem engendra Helena. O véu admirável que Helena leva consigo ao fugir com Páris, e depois dado por Eneias de presente a Dido, fora presente de Leda à filha.

**Líbia** (*Libyae*, v. 22; *Libyae*, v. 158; *Libyae*, v. 226; *Libyae*, v. 301; *Libyae*, v. 384; *Libyae*, v. 556; *Libyae*, v. 577): A referência mais genérica é à Líbia dos tempos arcaicos, que cobria a maior parte do Norte da África, junto com o Egito. A referência mais restrita é a Cartago, na mesma costa da África do Norte, atual Tunísia. É lá que Eneias chega, depois da tempestade enviada por Juno, e encontra a futura grande rival de Roma sendo erigida por Dido.

**Líbicas, Líbicos** (*Libyci*, v. 339; *Libycis*, v. 377; *Libycos*, v. 527; *Libycis*, v. 596): Referência aos habitantes da Líbia de então (todo o norte da África, à exceção do Egito), aos litorais e às terras da Líbia. Vide **Líbia**.

**Liburnos** (*Liburnorum*, v. 244): Reinos dos Liburnos (*regna Liburnorum*), por onde Antenor passou na sua fuga. A Libúrnica é uma província situada entre a Áustria (na Itália) e a Dalmácia (na Ilíria), no Mar Adriático.

**Lícios** (*Lycios*, v. 113): Lícios, povos da Ásia Menor, aliados dos Troianos. Glauco e Sarpédon são os mais famosos Lícios presentes na guerra de Troia. O trecho se refere a Oronte e aos companheiros Lícios atingidos pela tempestade enviada por Éolo.

**Lico** (*Lyci*, v. 222): Companheiro de Eneias atingido pelo naufrágio e que ele crê ter morrido.

**Lieu** (*Lyaeum*, v. 686): Um dos epítetos do deus Baco. O nome em grego (λυαῖος) significa liberador das inquietações.

**Líquido Lieu** (*laticem Lyaeum*, v. 686): Referência ao vinho, líquido de Baco, e às libações ao deus.

**Litorais Ítalos** (*Italís...oris*, v. 252): Litorais da Península Itálica.

**Litorais Lavínios** (*Lauínia...litora*, v. 2-3): Alusão à região do Lácio, aonde Eneias vai chegar e construir o reino de Lavínio, base da futura Roma. Vide **Lavínio**.

**Litorais Líbicos** (*Libycis...oris*, v. 377): Vide **Líbicos**.

**Litoral Trinácrico** (*litore Trinacrio*, v. 196): Litoral da Sicília. A Sicília era chamada Ilha Trinácia por causa dos seus três rochedos (*scopuli*), os promontórios (*cornua*) formando um triângulo. A origem do nome Trinácia se encontra nos *Fastos* de Ovídio (IV, v. 419-420), com o poeta nomeando também os três rochedos: *Pelorias*, *Lilibeu* e *Paquino* (IV, v. 479-480).

**Mãe Acidália** (*matris Acidaliae*, v. 720): V. **Vênus**.

**Magnânimo Eneias** (*magnanimus Aeneas*, v. 260): Vide **Eneias**.

**Manjerona** (*Amaracus*, v. 693): Planta odorífera que cercava o bosque sagrado de Vênus no monte Idálio, enchendo-o de sombra e de perfume.

**Mar Tirreno** (*Tyrrhenum...aequor*, v. 67): Mar que banha a costa ocidental da Península Itálica. Vide **Tirreno**.

**Mares da Sicânia** (*freta Sicaniae*, v. 557): Mares da Sicília. Vide **Sicânia** e **Sicília**.

**Mármore de Paros** (*Parus lapis*, v. 593): Vide **Paros**.

**Marte** (*Marte*, v. 274): Deus da guerra, filho de Júpiter e Juno, Ares para os Gregos, pai dos gêmeos Rômulo e Remo,

na tradição latina. Roma nascerá, portanto, de uma tradição guerreira. Venerado pelo Lácio, como deus que preside as armas, Marte levará a nação Romana à conquista da fortuna e da glória (Ovídio, *Fastos*, III, v. 85-86). O fato de os gêmeos terem sido amamentados por uma loba, animal dedicado a Marte, só reforça o destino guerreiro e predador de Roma. É em homenagem ao deus, seu pai, que Rômulo dedicou o primeiro mês do seu calendário – *março* (Ovídio, *Fastos*, IV, v. 57-60).

**Mêmnon** (*Memnonis*, v. 489): Filho da Aurora (*Aurorae...filius*, v. 751), Eos para os Gregos, e de Titono, irmão de Príamo. Mêmnon, célebre por seu exército negro (*nigri Memnonis arma*, v. 489), é rei dos Etíopes e vai em socorro do tio na guerra de Troia. Tendo matado Antíloco, filho de Nestor, Aquiles o mata para vingar o amigo, ambos episódios fora da *Ilíada*. Hesíodo se refere à genealogia de Mêmnon e a sua condição de rei dos Etíopes, na *Teogonia*, v. 984-985. A dor de Aurora pela morte do filho querido, sob a lança de Aquiles, e as honras fúnebres concedidas ao herói por Júpiter são o tema do Livro XIII, v. 576-622, das *Metamorfoses* de Ovídio.

**Micenas** (*Mycenas*, v. 284; *Mycenis*, v. 650): Micenas é o reino de Agamêmnon, situado a Nordeste do Peloponeso. A poderosa Micenas, que um dia impôs a servidão a Troia, no futuro será serva dos descendentes dos Troianos, os Romanos, numa referência à dominação de Roma sobre a Grécia, a partir do século III a. C. O verso 650 da *Eneida* refere-se a Helena como fugindo de Micenas e não de Esparta, onde reinava Menelau, seu esposo. Vide **Assáraco**.

**Morada das Ninfas** (*Nympharum domus*, v. 168): Local na costa de Cartago, onde Eneias se refugia com seus navios, após a tempestade. Vide **Ninfas**.

**Muralhas de Lavínio** (*Lauini moenia*, v. 258-259):

Muralhas que cercarão o reino Lavínio, conforme o prometido por Júpiter a Eneias.

**Muralhas de Roma** (*moenia Romae*, v. 7): As muralhas que serão construídas por Rômulo, quando este herói delimitar a cidade de Roma.

**Muralhas Mavórcias** (*Mauortia...moenia*, v. 276-277): Relativo a Marte. As muralhas Mavórcias são as muralhas de Roma, cidade protegida por Marte, pai de Rômulo, seu fundador, aleitado pela loba, animal dedicado ao deus.

**Musa** (*Musa*, v. 8): As Musas são divindades filhas de Zeus e Mnemosyne, a deusa da memória. Guardiãs dos saberes, protetoras das artes e inspiradoras da poesia, elas concederam ao mortal comum, homem só ventre, como diz Hesíodo na *Teogonia* (v. 26), portanto perecíveis, o dom de se eternizar pela memória – a poesia. A Musa é invocada genericamente pelo poeta-narrador – trata-se da *Invocação* do poema, uma das partes em que se divide o *Proêmio* – para que ela o lembre do motivo de tanta ira que faz Juno perseguir Eneias. Outras invocações se seguirão ao longo do poema. As Musas são nove irmãs e, possivelmente, aquela aqui referida é Calíope, ainda segundo Hesíodo (*Teogonia*, v. 79), a que vai à frente de todas as demais.

**Netuno** (*Neptunus*, v. 125): Deus do mar, Posídon para os Gregos, irmão de Júpiter, com quem divide as honras cósmicas – além de Hades ou Plutão –, e de Juno. Netuno percebe a tempestade nos seus domínios e chama Euro e Zéfiro para que eles digam a Éolo que se restrinja a seus limites, no palácio onde os ventos estão cativos, pois os mares lhe couberam a ele, irmão de Júpiter, em partilha (v. 132-141). Netuno ameaça os ventos com um castigo e acalma os mares, com a ajuda de Cimótoe e Tritão, salvando, assim, Eneias pela segunda vez (para a primeira vez, v. *Ilíada*, Canto XX, v. 292-308). A referência à partilha das honras

entre os deuses por Zeus, após a vitória sobre os Titãs e sobre Tifeu, encontra-se em Hesíodo, *Teogonia* (v. 71-74 e v. 881-885). Na *Íliada* (Canto XV, v. 185-193), Homero é mais específico: dividido o mundo em três partes, coube, por sorteio, o mar a Posídon (Netuno), a sombra nevoenta a Hades (Plutão) e o céu a Zeus (Júpiter), sendo a terra e o Olimpo um bem comum a todos.

**Ninfas** (*Nymphae*, v. 71; *Nympharum*, v. 168; *Nympharum*, v. 329): Divindades menores habitantes e protetoras da natureza ou presentes no séquito das deusas. Quando Eneias chega a Cartago, após a tempestade, ele agrupa seus sete navios restantes, na morada das Ninfas (*Nympharum domus*, v. 168). Mais uma vez, a relação com um dos poemas Homéricos, a *Odisseia*, se estabelece, pois Odisseus [Ulisses] ao chegar a Ítaca, levado pelos Feácios (Canto XIII, v. 344-371) reconhece sua terra em diálogo com Palas Atena e acata a sugestão de guardar seus tesouros na gruta das Ninfas. Eneias confunde Vênus com uma jovem Ninfa (*an Nympharum sanguinis una?* v. 329), no seu encontro com a mãe em Cartago.

**Noto** (*Notus*, v. 85; *Notus*, v. 108; *Noto*, v. 575): Vento Sul, quente e carregado de umidade, relacionado ao grego No/toj, ou e representado na Torre dos Ventos, em Atenas, como um homem despejando água de uma urna. Foi liberado por Éolo para fazer naufragar Eneias e seus companheiros. Este vento faz três dos navios de Eneias se chocarem contra as rochas invisíveis, escolhos que afloram na superfície marinha, chamados pelos Ítalos de *Altares* (v. 108-110).

**Nova Cidade** (*nouam...urbem*, v. 522): Trocadilho de Virgílio com o nome de Cartago que, em Fenício, significa *nova cidade*. Vide **Cartago**.

**Oceano** (*Oceano*, v. 287; *Oceano*, v. 745): Rio que

circunda a Terra, separando os limites entre o mundo dos mortais e o dos imortais. Sua primeira representação na poesia ocidental encontra-se no escudo de Aquiles (*Ilíada*, Canto XVIII, v. 607-608). A referência na *Eneida* é para mostrar até onde chegará o poder de César, conquistando todo o mundo antigo conhecido, dentro dos limites mortais, representado pelo Oceano. A sua fama, contudo, subirá até os astros, vez que César será divinizado. Em suma, tendo conquistado o espaço dos mortais, César conquistará um lugar também entre os imortais, ultrapassando os limites do Oceano. A segunda referência diz respeito ao canto do aedo Iopas.

**Oileu** (*Oilei*, v. 41): Pai de Ajax Menor, rei dos Lócridas. Vide **Ajax de Oileu**.

**Olimpo** (*Olympo*, v. 374): Morada dos deuses na mitologia greco-latina, sempre relacionado com o céu. O Olimpo é sempre representado como alto e nivoso.

**Oréades** (*Oreades*, v. 500): Ninfas que habitam as montanhas.

**Orientais** ou **Aurorais** (*Eoas*, v. 489): Vide **Batalhões Orientais** ou **Aurorais** e **Aurora**.

**Oriente** (*Orientis*, v. 289): Referência às conquistas de Júlio César no Egito.

**Órion** (*Orion*, v. 535): Constelação de Órion, que aparece no céu ao cair da tarde, durante o verão, acompanhada das constelações do Cão Maior e do Cão menor. A aparição destas constelações coincidia sempre com um período chuvoso de violentas tempestades. O texto se refere ao *nimbusus Orion* (*Órion chuvoso, tempestuoso*), momento da tempestade que acometeu Eneias e os seus. O mito de Órion encontra-se em Higino (*Fábulas*, CXCV). Para Higino, Júpiter, Netuno e Mercúrio foram hóspedes do rei Hyrieu, na Trácia. Diante da generosidade do anfitrião, os deuses

Ihe concederam um desejo. Hyrieu desejava uma criança e os deuses fizeram esta criança nascer, urinando sobre o couro do boi imolado a eles. Recoberto o couro de terra, de lá nasceu Órion, cujo nome está ligado ao verbo urinar ou espalhar o sêmen, em grego (οὐρέω). Tempos depois, como Órion quis violentar Diana, foi morto por ela. Júpiter, condoído, o transformou em constelação. Com algumas variantes, Higino apresenta o mito em *Astronomia* (Livro II, 33). A mesma história se encontra em Ovídio, *Fastos* (V, v. 493-544), mas o poeta tem pudor em dizer que os deuses Júpiter, Netuno e Mercúrio ejacularam sobre o couro de boi do seu hóspede, para fazer nascer Órion. Na versão dos *Fastos*, Diana tomou Órion para seu séquito como guarda de seu corpo, mas Órion se vangloria de não haver fera que ele não pudesse vencer. Irritada, a terra faz surgir um escorpião que tentou atacar Latona. Tendo Órion se colocado entre a o escorpião e a deusa para protegê-la, ela transforma o caçador em constelação.

**Oronte** (*Oronten*, v. 113; *Oronti*, v. 220): Piloto, companheiro de Eneias, cujo navio foi atingido pela tempestade de Éolo, sendo engolido pelo turbilhão. Eneias crê que ele morreu.

**Pádua** (*Pataui*, v. 247): Cidade de Pádua, na Venécia, banhada pelo rio Pó (*Padus*, em latim). Pela tradição, Pádua foi fundada por Antenor. Vide **Antenor**.

**Pafos** (*Paphum*, v. 415): Cidade na costa ocidental de Chipre, onde Vênus tinha um templo com cem altares fumegantes de oferendas.

**Pai dos Deuses e Rei dos Homens** (*diuom pater atque hominum rex*, v. 65): Júpiter. Homero e Hesíodo já tratam Zeus como pai dos homens e dos deuses.

**Pai Eneias** (*pater Aeneas*, v. 580; *pater Aeneas*, v. 699): Um dos epítetos mais importantes de Eneias, o que lhe confere a condição de mito fundador de uma nação. Como

no Livro I da *Eneida*, a narrativa se encontra *in medias res*, Anquises, pai de Eneias já morreu, em Drépano, Sicília, e Eneias já assumiu a condição de pai dos Troianos por ele liderados e escolhidos pelos deuses para fundar a nova Troia. Daí o outro epíteto que se junta ao herói, *Pai excelente dos Teucros* (*pater optime Teucrum*, v. 555). É importante ressaltar que Júpiter era celebrado no Capitólio como *Iuppiter Optimus Maximus*, o que estabelece uma relação entre Eneias e Júpiter, ambos como pais.

**Pai Excelente dos Teucros** (*pater optime Teucrum*, v. 555): Vide **Pai Eneias**.

**Pai Mais Elevado** (*patris summi*, v. 665): Júpiter é o pai do alto ou pai mais elevado.

**Pai Onipotente** (*pater omnipotens*, v. 60): Júpiter.

**Pais Albanos** (*Albani...patres*, v. 7): Os Pais Albanos são uma referência aos “Pais da Pátria”, os primeiros ancestrais dos Romanos, a partir de Alba Longa, cidade fundada por Iulo, filho de Eneias.

**Palas** (*Pallas*, v. 39; *Palladis*, v. 479): Referência a Palas Atena, deusa da sabedoria e da guerra, protetora dos Gregos na guerra contra Troia. A deusa volta-se contra os Gregos porque não recriminaram Ajax Oilida, quando ele estuprou Cassandra dentro de seu templo. Ainda, ressentida com a escolha de Páris, no julgamento do monte Ida, a deusa é representada nas figuras da parede do templo de Juno, em Cartago, recusando a oferenda das Troianas (v. 479-482).

**Parcas** (*Parcas*, v. 22): Deusas do destino, equivalentes às Moiras Gregas, elas são Cloto, Láquesis e Átropos, ocupadas em, respectivamente, tecer, distribuir e cortar o fio da vida, o quinhão que cabe a cada ser humano. As Parcas já haviam decidido que um povo oriundo dos Troianos iria destruir o reino construído na Líbia por Dido e protegido de Juno. Trata-se da antecipação da glória Romana sobre

Cartago (v. 19-22). Para Hesíodo, elas são filhas de Zeus e Thêmis (*Teogonia*, v. 901-906).

**Páριο** (*Parius*, v. 593): Proveniente da Ilha de Paros, uma das Cíclades, no Mar Egeu, célebre pelo seu mármore (*Parius lapis*).

**Páris** (*Paridis*, v. 27): Filho de Príamo e Hécuba, causador da guerra de Troia com o rapto de Helena. Por ter concedido a Afrodite (Vênus) o pomo de ouro de Discórdia, como prêmio para a mais bela deusa presente ao casamento de Peleu e Thétis, ele recebeu Helena, esposa de Menelau, como presente da deusa. O verso 27 faz uma referência ao fato (*iudicium Paridis – o julgamento de Páris*). Vide **Julgamento de Páris**.

**Pelasgos** (*Pelasgi*, v. 624): Nome poético para designar os Gregos, de modo geral. Pelásgia era o antigo nome do Peloponeso e de parte da região da Tessália. O rei do Peloponeso se chamava Pelasgos, considerado em uma das tradições como filho de Níobe e Zeus. Pelasgos teve vários filhos, dentre eles Lycáon, pai de Calisto que, com Zeus, teve Arcas, o herói epônimo da Arcádia. Em outra tradição, Pelasgos é nascido do solo, o primeiro a reinar sobre a Arcádia, inventando a utilidade das casas e distinguindo entre as plantas as boas e as más (GRIMAL, 2007). Na tragédia *As suplicantes* (v. 348-349), Eurípides mostra o rei Pelasgos, filho de Palecton, recebendo Dânaos e as Danaides, fugitivos de Aigiptos, que, chegando ao Peloponeso, buscam a sua proteção. Timothy Gantz, citando Apolodoro (*Biblioteca*, II, 1, 1), dá Pelasgos como um dos dois filhos de Zeus e de Níobe, sendo o outro Argos (GANTZ, 2004, p. 352).

**Penates** (*Penatis*, v. 68; *Penatis*, v. 378; *penatis*, v. 527; *penatis*, v. 704): Deuses Penates, que protegem a casa e a cidade, velando pelo bem-estar de seus habitantes. Eneias

leva consigo os Penates (v. Livro II), na fuga de Troia destruída pelos Argivos, pois o herói tem como missão fundar uma nova Troia com a anuência dos deuses. Na primeira referência, o termo alude aos Penates de Troia levados por Eneias, na sua fuga compulsória. É Juno quem se refere aos Penates vencidos de Troia (*uictos Penatis*, v. 68), quando pede a ajuda de Éolo, para desviar Eneias do seu destino com uma tempestade. A segunda referência diz respeito à fala de Eneias a Vênus, em que ele se dá a conhecer como o pio Eneias que leva consigo os Penates arrancados ao inimigo (*Sum pius Aeneas, raptos qui ex hoste Penatis/classe ueho mecum...*, v. 378-379). No verso 527, Ilioneu alude aos Penates Líbicos, tranquilizando Dido, no seu pedido de ajuda à rainha: os Troianos não estão ali para destruir os Penates Líbicos, nem para pilhar o seu reino (*Non nos aut ferro Libycos populare penatis/uenimus, aut raptas ad litora uertere praedas*, v. 527-528). A última referência alude ao banquete no palácio de Dido, onde existem cinquenta servos cujo trabalho é distribuir os pratos e queimar os perfumes no altar dos Penates (v. 703-704). Em seu comentário ao verso 704, Jacques Perret acredita, com base em Dumézil, que penates ali foi tomado metonimicamente por fogo (VIRGILE, 2006, p. 151-152). Dumézil afirma que os deuses Penates receberam seu nome de *penus*, o quarto das provisões. Os deuses, no entanto, não cuidando da abundância, estariam associados à parte mais íntima, mais interior da casa, perto do fogo, da lareira (*focus*), onde os habitantes da casa se comunicam com essas divindades, daí a metonímia de Penates por fogo, que se encontra no banquete de Dido (DUMÉZIL, 2000, p. 358-361). O rito descrito por Dumézil de se jogar ao fogo para os deuses uma parte da refeição, até que um escravo declare estarem os deuses satisfeitos, no caso os deuses Penates, apóia-se nos

comentário de Servius à *Eneida*, mais especificamente, ao verso 703.

**Penates Líbicos** (*Libycos...penatis*, v. 527): Referência aos Penates Líbicos, mais especificamente, os de Cartago. É o modo de Ilioneu tranquilizar Dido com relação aos Troianos: eles não estão ali para devastar os Penates Líbicos com o ferro ou levar para os litorais presas roubadas (*Non nos aut ferro Libycos populare penatis/ uenimus, aut raptas ad litora uertere praedas*, v. 527-528).

**Pentesileia** (*Penthesilea*, v. 491): Rainha das Amazonas, Pentesileia lutou na guerra de Troia e foi morta por Aquiles. No Livro I da *Eneida*, Pentesileia é apresentada como virgem guerreira (*bellatrix uirgo*, v. 493), conduzindo o batalhão das Amazonas, na representação da guerra, vista por Eneias na parede do templo de Juno.

**Pérgamo** (*Pergama*, v. 466; *Pergama*, v. 651): Referência à fortaleza de Troia, por extensão a própria Troia. A palavra ainda pode servir de metonímia para fortaleza ou cidadela, como se pode perceber em *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo (v. 956). Pérgamo também pode designar (não é o caso das referências em questão) a cidade da região Mísia, na Ásia Menor, próxima a Troia.

**Pigmalião** (*Pygmalion*, v. 347; *Pygmalionis*, v. 364): Irmão de Dido, assassino do cunhado Siqueu. Pigmalião reinava em Tiro, mas era ambicioso e cometeu uma impiedade ao assassinar o marido da irmã diante do altar doméstico, para roubar-lhe as riquezas. Vide **Dido**.

**Pio Eneias** (*pious Aeneas*, v. 220; *pious Aeneas*, v. 305; *pious Aeneas*, v. 378): Epíteto mais importante de Eneias, conferindo-lhe a condição de temente aos deuses, que respeita os ritos sacrificiais, por isto mesmo, por eles escolhido para fundar uma nova Troia. Veja-se, por exemplo, o que Posídon diz, em seu favor, na *Ilíada*, Canto XX, v. 292-

308. Logo no início da *Eneida*, antes mesmo de ser nomeado, o herói é definido como *insignem pietate uirum* (v. 10). Vide **Eneias**.

**Portas da Guerra** (*Belli portae*, v. 294): Trata-se do templo de Jano, deus bifronte associado à guerra. O templo de Jano foi construído por Numa Pompílio, segundo Tito Lívio (I, XIX, 2). Quando aberto, o templo de Jano anunciava Roma em armas; quando fechado, reinava a paz ao redor dele. Júpiter anuncia a Vênus, na confirmação do destino de Eneias, não só a glória guerreira de Roma, mas também o período da *Pax Augusta*, durante o império de Otávio César. Nos *Fastos* (I, 123-124), Ovídio se refere à guerra, que deve ser encerrada sob rígidos ferrolhos (*rigidae serae*) ou toda a terra será transtornada pelo sangue assassino (*sanguine letifero*). Vê-se aí que a idéia é a mesma que se encontra no Livro I da *Eneida*, quando Virgílio se refere ao Furor Ímpio. Vide **Furor Ímpio**.

**Príamo** (*Priamum*, v. 458; *Priamus*, v. 461; *Priamum* v. 487; *Priami*, v. 654; *Priamo*, v. 750): Príamo, rei de Troia, pai de Heitor e Páris. A referência ao nome de Príamo no Livro I é por conta da chegada de Eneias ao templo de Juno, em Cartago, em cujas paredes ele vê gravadas cenas da guerra de Troia. A cena mais tocante é a de Príamo, vendo o ultraje ao corpo do filho e estendendo as mãos inermes (v. 487). Os versos 461-462, referentes à contemplação de Eneias, a nosso ver, dizem respeito ao resgate do corpo de Heitor por Príamo, na tenda de Aquiles (*Ilíada*, Canto XXIV) – *En Priamus. Sunt hic etiam sua praemia laudi;/ sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt* (*Eis Príamo: aqui mesmo, suas prerrogativas foram louvadas; as lágrimas dos fatos existem e os assuntos humanos tocam o espírito*). No verso 654, Príamo é citado, nos presentes que Eneias dá a Dido. Já no verso 750, Dido, interrogando Eneias, quer saber de Príamo e da guerra de Troia.

**Púnicos** (*Poeni*, v. 302; *Poeni*, v. 442; *Poeni*, v. 567): Referência aos Púnicos, os Cartagineses.

**Quirino** (*Quirinus*, v. 292): Quirino é o nome que Rômulo recebe, após a sua apoteose e divinização. É a aparição de Rômulo a Proculus Iulius, após a sua apoteose, que confirma a sua condição divina e a condição de Roma como senhora do mundo (TITO-LÍVIO, I, XVI, 5-8). Juntamente com o irmão, Remo, com Vesta e com a Confiança (*Fides*), Rômulo dará leis aos Romanos como forma de manter a paz e instituir a civilidade. Tratando das *Quirinalia*, festas votadas a Quirino, no dia 7 de fevereiro, Ovídio apresenta três etimologias para o nome Quirino, fala do desejo de Marte que a apoteose do filho aconteça e da aparição de Rômulo, já como deus a Proculus (*Fastos*, II, v. 475-512). Depois que Proculus anuncia ao povo Romano o que viu, obedecendo às determinações do deus Quirino, constrói-se um templo em honra de Quirino, uma colina toma o seu nome, o Quirinal, e fixa-se a data de suas festividades, as *Quirinalia* (OVÍDIO, *Fastos*, II, v. 510-512). Vide **Rômulo**.

**Raça dos Enéades** (*genus Aeneadum*, v. 565): Povos oriundos de Eneias, podendo também significar os que acompanharam Eneias na fuga de Troia, mesmo sem fazer parte especificamente da sua família. No trecho em questão, trata-se de uma interrogação retórica de Dido a Eneias, dizendo não haver quem não conheça a raça dos Enéades.

**Raça Latina** (*genus...Latinum*, v. 6): A raça Latina é oriunda do Lácio. É dela que se originarão os Romanos.

**Raça Piedosa** (*pio generi*, v. 526): Referência aos Troianos. Liderados pelo Pio Eneias e descendentes do ramo de Assáraco, os Troianos estão livres da contaminação que se abate sobre os descendentes do ramo de Ilos, de onde sai Páris. O termo aparece na fala de Ilioneus, suplicando a ajuda de Dido. Vide **Ascânio**.

**Rainha dos deuses** (*diuom...regina*, v. 46): Vide **Juno**.

**Regiões Sículas** (*Siculis regionibus*, v. 549): Referência à Sicília. Vide **Sícula**.

**Rei dos Teucros** (*Teucrorum...regem*, v. 38): Eneias. Os Troianos eram chamados de Teucros por causa de um ancestral com este nome. Vide **Teucro**.

**Reino de Lavínio** (*regnum...Lauini*, v. 270): Vide **Lavínio**.

**Reinos de Tiro** (*regna Tyri*, v. 346): Referência a Tiro, na Fenícia, cujo trono era ocupado por Pigmalião, irmão de Dido.

**Reinos dos Liburnos** (*regna Liburnorum*, v. 244): Vide **Liburnos**.

**Reinos Púnicos** (*Punica regna*, v. 338): Vide **Cartago**.

**Remo** (*Remo*, v. 292): Irmão gêmeo de Rômulo. A morte de Remo por Rômulo, apesar do fratricídio, marca simbolicamente a inviolabilidade futura da cidade (GRIMAL, 1981, p. 12). Segundo Tito Lívio, após terem recolocado o avô Numitor no trono de Alba Longa, Rômulo e Remo receberam terras no lugar onde outrora foram expostos, para ali fundar, cada um uma cidade. Rômulo escolheu o Palatino e Remo, o Aventino, em busca dos augúrios (Tito Lívio, I, VI, 3-4). Para Remo apareceram seis abutres e para Rômulo, doze. Começando a traçar os limites da cidade, Rômulo é ironizado por Remo que salta por cima das muralhas iniciadas, sendo morto pelo irmão. Rômulo teria dito: *Sic deinde, quicumque alius transiliet moenia mea – assim (pereça) qualquer um outro que, a partir de agora, salte minhas muralhas* (Tito-Lívio, I, VII, 1-3). Instituído o reino e Rômulo divinizado, os irmãos se reconciliam, esta é a proposta de Virgílio. A narrativa dos augúrios se encontra representada literariamente nos *Fastos* de Ovídio (IV, v. 811-858), a diferença é que são pássaros não especificados

(*uolucres*), e não abutres (*uultures*), como se encontra em Tito Lívio, e também é Celer, e não Rômulo, que mata Remo. Vide **Vesta**.

**Rhesos** (*Rhesi*, v. 469): Rei da Trácia, recém-chegado a Troia e morto por Diomedes e Odisseus [Ulisses], tendo os seus cavalos roubados por ambos. O fato, além de se encontrar no Canto X da *Ilíada*, no famoso episódio da *Dolonia*, está representado na parede do templo de Juno, em Cartago.

**Rochedos Ciclópios** (*Cyclopia saxa*, v. 201): Referente à morada dos Ciclopes. Os Ciclopes eram monstros filhos de Posídon, com um único olho no meio do rosto, devoradores de carne humana, que habitavam a Sicília. Sua presença é importante no Canto IX da *Odisseia*. Eneias, para dar coragem aos seus companheiros salvos do naufrágio, fala dos perigos já enfrentados, como a passagem pelos rochedos Ciclópios. No Livro III da *Eneida*, haverá ainda alusões aos Ciclopes.

**Roma** (*Romae*, v. 7): Cidade fundada por Rômulo, mas cujas bases seriam construídas por Eneias, na sua chegada ao Lácio, e se tornaria no futuro a altiva Roma (*altae Romae*). Nas *Geórgicas*, Virgílio saúda Roma como grande mãe de colheitas, terra de Saturno e grande mãe de heróis – *magna parens frugum, Saturnia tellus, magna uirum* (II, v. 173-174). Nos *Fastos*, de Ovídio, Juno lembra que Roma foi chamada outrora de Satúrnica, por causa do nome de seu pai, Saturno, de quem ela foi a primeira filha. Roma era para Saturno a terra mais próxima do céu (VI, v. 29-32). Virgílio, nas *Bucólicas*, alça Roma às alturas, colocando-a acima das demais cidades: *Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes/quantum lenta solent inter uiburna cupressi* – *Mas verdadeiramente esta levantou a cabeça entre as outras cidades, tanto quanto os ciprestes têm o hábito entre os arbustos flexíveis* (I, v. 24-25).

**Romana** (*Romanam*, v. 33): Referência à Raça Romana. Vide **Romanos**.

**Romanos** (*Romanos*, v. 234; *Romanos*, v. 277; *Romanos*, v. 282): Vênus interpela Júpiter, seu pai, a respeito do destino de Eneias: do sangue reanimado de Teucro deverá sair a raça Romana, futura dominadora do mar e de todas as terras. Como de Teucro saíam, pela ordem, Erictônio, Tros, Assáraco, Cápis, Anchises, Eneias e Iulo, e de Iulo a *Gens Iulia*, a *Família Júlia*, então estaria explicada a origem dos Romanos, os povos dominadores do mundo antigo entre o século III a. C. e o século V a. D. Pela tradição, os Romanos recebem seu nome de Rômulo, após a fundação da cidade que leva seu nome – Roma (*Romulus excipiet gentem et Mauortia condet/moenia Romanosque suo de nomine dicet. – Rômulo continuará a raça [de Eneias] e construirá as muralhas Mavórcias e nomeará os Romanos de seu nome*, v. 276-277). Na confirmação do destino de Eneias, Júpiter prevê o grande futuro dos Romanos, a gente togada (*gentem togatam*, v. 282), que dominará o mundo, num império sem fim e sem limites (*His ego nec metas rerum nec tempora pono:/imperium sine fine dedi*, v. 278-279), sendo protegidos até por Juno, que, outrora, os perseguiu (v. 279-282).

**Rômulo** (*Romulus*, v. 276): Filho de Ília e Marte, gêmeo de Remo, Rômulo será o fundador e primeiro rei de Roma (753-715 a. C.). Após restituir o reino ao avô Numitor, Rômulo e Remo recebem, cada um, um pedaço de terra. Rômulo no Palatino e Remo no Aventino, para que fundem cidades. Como os augúrios são favoráveis a Rômulo (doze abutres sobrevoam o Palatino, contra seis sobrevoando o Aventino), a Rômulo cabe a primazia de fundar a cidade mais importante. Despeitado, Remo invade os limites recém-estabelecidos pelo irmão, simbolizando a muralha sagrada (*Pomerium*), e é morto por Rômulo. Fundada a cidade,

Rômulo dará seu nome a Roma e aos Romanos. Nos versos 275-277 da *Eneida*, Rômulo é favorecido pelos augúrios (*laetus*), vestido com a fulva pele da loba nutriz, recebendo a raça e construindo os muros da nação Mavórcia, a Roma guerreira, sob a proteção de Marte. Rômulo será depois divinizado com o nome de Quirino. É a aparição de Rômulo a Proculus Iulius, após a sua apoteose, que confirma a condição divina de Rômulo e a condição de Roma como senhora do mundo: *Abi, nuntia Romanis caelestes ita uelle ut mea Roma caput orbis terrarum* – Vai, anuncia aos Romanos querer assim os celestes que minha Roma [seja] a cabeça das terras do mundo (Tito Lívio, I, XVI, 5-8). Quirino forma uma tríade com Júpiter e Marte (depois será substituído por Minerva). Vide **Remo**.

**Rútulos** (*Rutulis*, v. 266): Povos que habitavam o Lácio antes da chegada de Eneias. Seu rei, Turno, será derrotado por Eneias (Vide Livro XII), o que garante ao herói a conquista da terra e da mulher, Lavínia.

**Sabaio, Sabeu** (*Sabaeo*, v. 416): Vide **Incenso Sabeu**.

**Samos** (*Samo*, v. 16): Cidade da Ilha de Samos, no Mar Egeu, no litoral da Ásia Menor, entre a Lídia e a Cária, onde Juno tinha um grande templo.

**Sarpédon** (*Sarpedon*, v. 100): Herói Troiano, originário da Lídia, filho de Zeus, morto por Pátrocles. Em meio à tempestade desencadeada por Éolo, Eneias lamenta não ter morrido a Bela Morte, no campo de batalha, pelas mãos de Diomedes, como Sárpedon pelas mãos de Pátrocles, e Heitor pelas mãos de Aquiles. A morte de Sarpédon é uma alusão ao Canto XVI da *Ilíada* (v. 419-505). Tendo morrido Sarpédon, Zeus ordena a Apolo lavar e purificar o corpo do herói e enviá-lo à Lídia para receber as honras fúnebres (v. 667-675).

**Satúrnica** (*Saturnia*, v. 23): Alusão a Juno, filha de Saturno. Nos *Fastos*, de Ovídio, Juno lembra que Roma foi

chamada outrora de Satúrnia, por causa do nome de seu pai, Saturno, de quem ela foi a primeira filha (v. 29-32). Vide **Juno**.

**Satúrnios** (*saturnia*, v. 569): Vide **Campos Satúrnios**.

**Semeador dos Homens e dos Deuses** (*hominum sator atque deorum*, v. 254): Epíteto de Júpiter como deus disseminador. Vide **Júpiter**.

**Seresto** (*Serestum*, v. 611): Companheiro de Eneias, julgado morto na tempestade, mas reencontrado diante de Dido, no templo de Juno em Cartago.

**Sergesto** (*Sergestum*, v. 510): Companheiro de Eneias atingido pela tempestade de Éolo. Eneias vai encontrá-lo no templo de Juno, em Cartago, acompanhado dos outros que o herói julgava mortos, suplicando a acolhida da rainha.

**Sicânia** (*Sicaniae*, v. 557): Os Sicânios eram antigos povos do Lácio que se radicaram na Sicília. Designava, inicialmente, apenas os povos de uma parte vizinha a Agrigento, no Sudoeste da ilha. Depois passou a designar toda a Sicília.

**Sícula** (*Siculae*, v. 34; *Siculis*, v. 549): Referência à Sicília, onde se encontra Acestes, ilustre Troiano. Sículo foi o rei lendário que conduziu os povos da Ligúria (parte Noroeste da Itália, onde fica o Mar da Ligúria) para a Sicília.

**Sídon** (*Sidona*, v. 619): Cidade na Fenícia, próxima a Tiro, onde reinava Belo, pai de Dido.

**Sidônia** (*Sidonia*, v. 446; *Sidonia*, v. 613; *Sidonia*, v. 678): As duas primeiras referências são a Dido (*Sidonia Dido*); a última é uma alusão a Cartago, fundada por colonos provenientes de Sídon, na Fenícia.

**Sidônia Dido** (*Sidonia Dido*, v. 446; *Sidonia Dido*, v. 613): Vide **Dido**.

**Símois** (*Simois*, v. 100; *Simoentis*, v. 618): Um dos rios que banha a planície de Troia, desaguando no Escamandro.

A primeira referência diz respeito à carnificina realizada por Aquiles, na sua volta à guerra, a partir do Canto XX da *Ilíada*, quando o Símois fica juncado de cadáveres, ali jogados depois de mortos por Aquiles. Trata-se da angústia de Eneias, diante da tempestade que o surpreende. O verso 618 alude ao nascimento de Eneias, perto das ondas do Símois.

**Siqueu** (*Sychaeus*, v. 343; *Sychaeum*, v. 348; *Sychaeum*, v. 720): Marido de Dido, morto por Pigmalião, seu cunhado. Vide **Dido**.

**Sirtes** (*syrtis*, v. 111; *syrtis*, v. 146): Bancos de areia. As Sirtes são dois bancos de areia sobre a costa Norte da África entre Cirena (Líbia) e Cartago (Tunísia). A Sirte Maior fica no Golfo de Surt (atual Golfo de Sidra), na Líbia, e a Sirte Menor, no Golfo de Gabes, na Tunísia. É contra as Sirtes que os navios de Eneias são arremessados, quando da tempestade enviada por Éolo a pedido de Juno. Só com a intervenção de Netuno, impedindo a ação dos ventos, é que as Sirtes são abertas e o mar é acalmado.

**Sol** (*Sol*, v. 568): O deus Sol é o mesmo Hélio para os Gregos. Filho dos titãs Hipérion e Tia, Sol é irmão de Aurora (Eos) e Lua (Selene). Representado como jovem de grande beleza, com uma cabeleira de ouro, formada de raios, Sol cruzava o céu num carro de fogo puxado por quatro cavalos muito rápidos – Pírois, Eoo, Éton e Flégon. Dido, na sua fala a Ilioneu, diz que o Sol não atrela seus cavalos muito longe de sua cidade.

**Terras da Sícula** (*Siculae telluris*, v. 34): Vide **Sícula**.

**Teucro** (*Teucro*, v. 235): Ancestral dos Troianos, filho do rio Escamandro e da ninfa Ideia. Há tradições que dão Teucro (esta seguida por Virgílio, v. Livro III) como emigrado para a Tróade, tendo saído do monte Ida de Creta para aquela região com o pai Escamandro. Sua filha Batiéia ou Arisbe é dada em casamento a Dárdanos, pai de Eriictônio, este pai de Tros. Por este motivo, os Troianos são chamados

de Teucros. A Teucro cabe também a construção de um templo a Apolo Esminteu, o Apolo dos Ratos (V. *Ilíada*, I, v. 39, na invocação de Crises a Apolo Esminteu, para punição aos Argivos).

**Teucro** (*Teucrum*, v. 619; *Teucros*, v. 625): Teucro é meio Grego e meio Troiano, pois é filho de Telamon e Hesíone, irmã de Príamo. Como filho de Telamon, Teucro era meio-irmão de Ajax. Ele é impedido de desembarcar e exilado pelo pai, na sua volta a Salamina, após o fim da guerra de Troia, por não ter evitado ou vingado o suicídio do irmão. Dirigindo-se a Chipre, Teucro funda uma nova Salamina na ilha. Sófocles escreve uma bela peça trágica – *Ajax* –, em que Teucro aparece confrontando os Atridas, para dar as honras fúnebres ao irmão. Nessa mesma peça, Teucro antecipa seu banimento pelo pai (v. 1019-1020). Não se deve confundir este Teucro com aquele ancestral dos Troianos, embora o herói Grego seja, pela via da mãe, Hesíone, seu descendente.

**Teucros** (*Teucrorum*, v. 38; *Teucrorum*, v. 89; *Teucrorum*, v. 248; *Teucris*, v. 299; *Teucros*, v. 304; *Teucrorum*, v. 511; *Teucrum*, v. 555; *Teucris*, v. 562; *Teucrorum*, v. 626): Designação genérica aos Troianos, derivada de seu ancestral, Teucro. Vide **Teucro** e **Troiano**.

**Tiberinas** (*Tiberina*, v. 13): Vide **Tiberinas Embocaduras**.

**Tiberinas Embocaduras** (*Tiberina...Ostia*, v. 13-14): Referência à foz do rio Tibre. O Tibre corta Roma e deságua no mar Tirreno. Esta situação o coloca, se traçada uma leve diagonal, de frente para Cartago, embora esta cidade e Roma estejam a uma boa distância uma da outra, separadas pelo Mar Tirreno. O Tibre assumirá grande importância nos destinos de Eneias (Vide Livro VIII).

**Tidida** (*Tydide*, v. 97; *Tydides*, v. 471): Referência a Diomedes, filho de Tideu, herói da guerra de Troia, que inicia

os combates na *Ilíada*, a partir do Canto V, chegando a ferir Ares e Afrodite. Eneias se refere ao embate entre ele e Diomedes, que se dá no Canto V da *Ilíada*, depois da morte do Troiano Pândoro pelo Argivo. No embate (v. 297-346), na tentativa de evitar que Pândoro fosse despojado de suas armas, Eneias é atingido por uma grande rocha lançada contra ele por Diomedes. Não fosse a ajuda da sua mãe, Afrodite, que o retira do campo de combate e o entrega aos cuidados de Apolo, Eneias teria morrido. A referência do verso 471 da *Eneida* alude a um episódio da guerra de Troia (*Dolonia*, Canto X da *Ilíada*), em que Diomedes, junto com Odisseus [Ulisses], mata o rei Rhesus da Trácia.

**Tifeu, Tifon** (*Typhoea*, v. 665): Tifeu ou Tifon é filho de Géia (a Terra) e Tártaro, de acordo com a tradição de Hesíodo (*Teogonia*, v. 820-868). De aspecto monstruoso, com cem cabeças de serpentes e de dragões, línguas negras silvantes e olhar de fogo; gigantesco e forte, Tifeu atacou o céu, logo após a vitória de Zeus sobre os Titãs (segunda teomaquia na *Teogonia*). Tal foi o vigor da luta que Hades e os Titãs, que se encontravam no Tártaro, tremiam. Tifeu, porém, foi derrotado por Zeus com a ajuda de Palas Atena. Zeus o fulminou com seus raios e depois o jogou no Tártaro. Em outra tradição, antes da vitória final, Tifon conseguiu dominar Zeus e cortar os seus tendões, aprisionando-o na gruta Corícia, na Cilícia (Ásia Menor). Hermes e Pã roubam os tendões de Zeus que, recomposto, consegue vencer finalmente Tifon, jogando sobre ele o monte Etna.

**Timavo** (*Timauis*, v. 244): Rio da Venécia, região onde se encontra a cidade de Pádua. Virgílio o descreve com nove bocas, e grande murmúrio das ondas sonantes, alagando os campos com a violência de um mar (v. 244-246). O Timavo separa a Ístria (península na atual Croácia) da Dalmácia

(região que compreende atualmente a Croácia, Sérvia e Montenegro, e Bósnia e Herzegovina).

**Tíria** (*Tyria*, v. 340; *Tyriam*, v. 388; *Tyria*, v. 568): Referências à cidade de Cartago, como *urbs Tyria*.

**Tírias** (*Tyriis*, v. 336): Referência feita por Vênus a Eneias a respeito das virgens Tírias (*uirginibus Tyriis*). Vide **Tírios**.

**Tírios** (*Tyrii*, v. 12; *Tyrios*, v. 338; *Tyrii*, v. 423; *Tyrius*, v. 574; *Tyrios*, v. 661; *Tyriis*, v. 696; *Tyrii*, v. 707; *Tyriis*, v. 732; *Tyrii*, v. 735; *Tyrii*, v. 747): Proveniente de Tiro, na antiga Fenícia. Foram os colonos Tírios (*Tyrii coloni*, v. 12) que, segundo a tradição, construíram Cartago. Virgílio os compara a um enxame de abelhas em seu trabalho de construção da cidade, admirados por Eneias (v. 421-440). Vênus, por sua vez, teme os Tírios, na acolhida de Dido a Eneias, pois os considera pérfidos, com duas palavras (*Tyriosque bilinguis*, v. 661). Cupido sob as feições de Ascânio leva régios presentes aos Tírios, que chegam, em grande número, ao palácio de Dido, por ocasião do banquete oferecido a Eneias. No banquete oferecido a Eneias, Dido pede aos Tírios para celebrarem favoravelmente aquela reunião.

**Tiro** (*Tyri*, v. 346): Cidade da Fenícia, de onde saíram os colonos comandados por Dido para, no Norte da África, fundarem Cartago.

**Tirreno** (*Tyrrhenum*, v. 67): Mar da costa ocidental da Itália. Juno se refere ao Tirreno para anunciar a navegação dos Troianos rumo ao Lácio e pedir a intervenção de Éolo, no sentido de enviar uma tempestade que impedisse a movimentação daquela gente, sua inimiga (v. 65-75).

**Tomilho ou Erva-Russa** (*Thymus*, v. 436): Planta odorífera, usada como incenso, cujo nome oficial é *Thymus vulgaris*.

**Trácia** (*Threissa*, v. 316): Referente à região do mesmo nome, ao Norte da Grécia. Vide **Harpálice**.

**Trácia Harpálice** (*Threissa...Harpalyce*, v. 316-317):  
Vide **Harpálice**.

**Trinácrio** (*Trinacrio*, v. 196): Referente à Sicília, conhecida como Ilha Trinácia. Vide **Litoral Trinácrio**.

**Triões** (*Triones*, v. 744): As duas Ursas, a Maior e a Menor. Zeus apaixonou-se pela bela ninfa Calisto, a mais cara a Ártemis, dentre todas do seu séquito (Ovídio, *Metamorfoses*, II, 409-531; *Fastos*, II, 153-192) e, tomando a forma de Ártemis, amou-a e com ela teve um filho, Arcas (futuro herói epônimo da Arcádia). Ártemis quando descobre a sua gravidez, a expulsa de seu séquito. Hera, enciumada, transformou Calisto em uma Ursa (a Ursa Maior, Arctos, ἄρκτος, urso, em grego). Ao encontrar-se, 15 anos depois com o filho, Calisto quase é morta por ele. Zeus evita o matricídio, ao transformar Arcas em constelação. Indignada, Hera desce ao mar e pede a Oceano e Téthys que impeçam a Ursa de se banhar em suas águas puras. O seu filho Arcas é transformado em constelação e vira Arcturo (Arcturos ou Arctophylax, guardião da Ursa, em grego), acompanhando de perto a mãe, para não deixá-la se banhar nas águas de Téthys. A palavra *Trião*, *Triões* está associada a *tres hiems*, três invernos, e a *trimus*, de modo a designar o boi de três anos, já destinado ao trabalho no campo. Como as duas constelações da Ursa têm uma parte mais visível que se assemelha a uma carroça, então elas eram chamadas pelos Latinos de *triones*, supondo, assim, os bois que puxam as carroças. As Ursas também são chamadas de *Setentrião* (*septemtrio*, *septemtrionis*), pelo fato de que a parte mais conhecida de cada constelação é formada por sete estrelas. Quando olhamos para a Ursa Maior, visível para nós do Hemisfério Sul, vemos as sete estrelas formando uma caçarola com a boca para baixo (ou uma carroça) e com o cabo voltado para a direita. A Ursa Menor, que só pode ser

vista no Hemisfério Norte, pois ela é uma estrela circumpolar, tem o desenho contrário ao da Ursa Maior. Segundo Higino (*Astronomia*, II, 2,1), a Ursa Menor chamava-se *Cynosure*, vivia com os Curetes – os servidores de Júpiter em Creta, quando o deus ainda era criança –, e foi umas das nutrizes de Júpiter. Outra ninfa, *Helice*, teria sido também nutriz de Júpiter. Ambas, como recompensa, foram colocadas no céu pelo deus como constelação, sendo chamadas de *Sete Bois* (*Septentriones*). Vide **Arcturo**.

**Tritão** (*Triton*, v. 144): Filho de Netuno com Anfitrite, Tritão ajuda o pai a salvar Eneias e os companheiros, desencalhando os navios dos escolhos.

**Troas** (*Troas*, v. 30; *Troas*, v. 129; *Troes*, v. 172; *Troes*, v. 232; *Troes*, v. 524; *Tros*, v. 574; *Troes*, v. 747): Os Troianos.

**Troia** (*Troiae*, v. 1; *Troiam*, v. 24; *Troiae*, v. 95; *Troia*, v. 119; *Troiae*, v. 206; *Troiae*, v. 238; *Troia*, v. 249; *Troia*, v. 375; *Troiae*, v. 376; *Troiae*, v. 473; *Troiae*, v. 565; *Troiae*, v. 597; *Troiae*, v. 679; *Troia*, v. 732): Cidade da Ásia Menor (atual Turquia Ocidental), às margens do Helesponto (atual Estreito de Dardanelos), vencida e destruída pelos gregos na famosa guerra de Troia. Eneias e seu povo são poupados da destruição e escolhidos pelos deuses para construção de uma nova Troia, a futura Roma. Nas *Geórgicas* (I, v. 501-502), Virgílio se refere a essa nova Troia, já há muito livre do perjúrio da Troia Laomendôntia, pelo sangue derramado dos Troianos na guerra contra os Argivos. O início do décimo ano da guerra de Troia está narrado na *Ilíada* de Homero, mas os detalhes da destruição da cidade, em um poema cuja qualidade foi atestada pela tradição, só se encontram no Livro II da *Eneida*.

**Troiano, Troiana** (*Troiano*, v. 19; *Troianus*, v. 286; *Troiana*, v. 467; *Troiano*, v. 550; *Troianae*, v. 624; *Troiana*, v. 699): Oriundo de Troia. Segundo a tradição, foram os

Troianos remanescentes da guerra contra os Gregos, liderados por Eneias, que, chegando ao Lácio o conquistaram e ali fundaram as bases do que seria a futura Roma. A raça proveniente do sangue Troiano, os futuros Romanos (*Progeniem Troiano a sanguine duci*, v. 19), levaria destruição às cidadelas Tírias, no caso, Cartago. Trata-se de uma referência às Guerras Púnicas, travadas entre Roma e Cartago (século III – II a. C.). O próprio Júlio César será considerado por Virgílio como sendo de origem Troiana (*Nascetur pulchra Troianus origine Caesar – Nascerà César, Troiano de bela origem*, v. 286). O termo pode se referir, mais especificamente, à juventude Troiana (*Troiana iuuentus*, v. 467 e 699).

**Troilo** (*Troilus*, v. 474): Filho de Príamo, morto na guerra de Troia, possivelmente por Aquiles. Vide **Aquiles**.

**Troio** (*Troius*, v. 596): De Troia, Troiano. Também uma referência a Eneias (*Troius Aeneas*).

**Tros** (*Tros*, v. 574): Ancestral dos Troianos. Vide **Troianos**.

**Velho Baco** (*ueteris Bacchi*, v. 215): O Vinho, dádiva de Baco. Vide **Baco**.

**Vênus** (*Venus*, v. 229; *Venus*, v. 325; *Veneris*, v. 325; *Venus*, v. 335; *Venus*, v. 386; *Venus*, v. 411; *Venus*, v. 618; *Venus*, v. 691): Afrodite para os Gregos, Vênus é filha de Júpiter e Dione, na tradição homérica adotada por Virgílio. Na tradição de Hesíodo, Afrodite nasce das espumas do mar, originadas pelo esperma de Uranos, cujos órgãos genitais foram cortados pelo filho Cronos e jogados do céu na terra, caindo no mar (*Teogonia*, v. 173-206). Vênus aparece entre os versos 229-253 do Livro I, interpelando o pai sobre o cumprimento do destino dos Troianos, vez que Eneias, o seu Eneias (*meus Aeneas*, v. 231), passou e ainda passará por muitos sofrimentos (compare-se esta queixa de Vênus com

a queixa de Marte a Júpiter pelo cerco dos Gauleses a Roma, em 390 a. C., em Ovídio, *Fastos*, VI, v. 351-374). Na *Eneida*, Vênus instrui Eneias sobre o local onde ele se encontra, diz-lhe quem é Dido e, depois de se revelar ao filho, indo embora, o envolve numa nuvem, para que ele não tenha sua chegada à cidade retardada pelas pessoas (Vide *Odisseia*, VII, quando Palas Atena protege Odisseus [Ulisses] com uma névoa, para que ele possa chegar ao palácio de Alcínoos, na Feácia). Vênus é repreendida por Eneias por não se apresentar de forma inequívoca, com ambos se dando a mão direita (sinal de bons augúrios e expressão de verdade), pois do modo como ela se apresenta, disfarçada, o herói não tem certeza do que aquilo que ela lhe anuncia seja verdadeiro. Vênus, procurando ajudar Eneias em terra estranha, dirige-se súplice ao filho Cupido, invocando seu poder divino, para, transformando-se em Ascânio por uma noite, fazer Dido apaixonar-se por Eneias, inoculada por um fogo oculto – o amor (*occultum ignem*, v. 688). A razão desta trama de Vênus é o fato de Dido ser protegida por Juno, perseguidora de Eneias, deusa exaltada pela rainha com a construção de um grande templo. Adormecendo Ascânio, Vênus o transporta para a montanha Idália, deixando-o ao abrigo das sombras perfumadas do seu bosque sagrado. Vênus é também chamada de mãe Acidália (*matris Acidaliae*, v. 720), por causa da fonte Acidália, na Beócia, onde as Graças, suas companheiras, se banhavam. A ação de Vênus se completará, sobretudo, no Livro IV, da *Eneida*. No *Hino Homérico a Afrodite*, o poeta a define como a deusa que desperta o doce desejo no coração dos deuses e dobra sob a sua lei as raças dos homens mortais, os pássaros de Zeus, todos os animais da terra, pois todos só pensam nos trabalhos de Citereia Coroada (v. 1-6). Como ela consegue desviar até a razão de Zeus (v. 36-37), Zeus a pune, fazendo

nascer no seu coração o desejo de se unir a um mortal, no caso Anquises (v. 45-46). Lucrécio, em *De rerum natura*, abre o seu poema invocando Vênus, como *Aeneadum genetrix*, mãe dos Enéadas (Livro I, v. 1).

**Vésper** (*Vesper*, v. 374): A estrela Vésper, que anuncia o entardecer e a chegada da noite. Vésper recebe este nome, tendo em vista que nasce no Ocidente, nas terras de Hespéria (regiões ocidentais para Gregos e Latinos). O mesmo que o planeta Vênus. Eneias se refere à estrela, para dizer que sua narrativa é longa e antes que ele tivesse terminado de narrar suas desventuras, Vésper encerraria o dia no fechado Olimpo.

**Vesta** (*Vesta*, v. 292): Deusa do fogo sagrado, seja do altar do lar ou da cidade, também é responsável pela paz, juntamente com Quirino, a divinização de Rômulo, agora em concordância com o irmão, Remo. A união da família em torno do fogo sagrado representa a união mesma da cidade. As desavenças entre Rômulo e Remo, no início da fundação de Roma, devem ser postas de lado, em proveito do bem comum. Os três deuses elencados por Júpiter correspondem às três funções do indo-europeu – sacerdotal, guerreira e empreendedora, respectivamente –, aglutinadas em favor da paz:

*Vesta* = Proteção divina da casa e da cidade pelo fogo purificador (paz).

*Quirino e Remo* = desavenças conciliadas (paz).

*Fides* = Firmeza e empenho da Palavra Dada, razão para o progresso (paz).

Nas *Geórgicas*, Virgílio apresenta Vesta como a deusa-mãe que vela sobre o Tibre Toscano e sobre o Palatino (I, v. 498-499). Ovídio, numa louvação a Augusto César, fala de sua elevação a *Pontifex Maximus*, no ano 12 d.C., e de sua função de presidir o fogo eterno de Vesta. Na sequência,

Ovídio fala de como Vesta, deusa da antiga Troia, foi introduzida no Lácio, pelas mãos de Eneias (V. *Eneida* II, v. 296), e, tempos depois, é Augusto, descendente de Eneias quem tem a incumbência de protegê-la (*Fastos*, III, v. 421-427). No Livro VI (v. 267-268), Ovídio identifica Vesta com a Terra, tendo em vista que em ambas existe um fogo vigilante, perpétuo (*uigil ignis*). A idéia de um fogo vigilante e inextinguível se encontra na *Eneida* (IV, v. 200), na referência aos altares dedicados por Jarbas a Júpiter. Como diz ainda Ovídio, sendo Vesta a chama viva, o fogo não deve nunca se extinguir no seu templo, mas nele não se encontra qualquer imagem da deusa ou do fogo (*Fastos*, VI, v. 291-298).

**Xanto** (*Xanthum*, v. 473): Um dos rios que banhava Troia, o outro era o Símois. O Xanto também era conhecido com o nome de Escamandro. Havia um oráculo que dizia ser impossível Troia ser tomada se os cavalos do rei Trácio Rhesos tomassem água do rio Xanto. Odisseus [Ulisses] e Diomedes matam o rei e seus soldados, que se encontravam dormindo, e roubam seus cavalos, levando-os ao acampamento dos Aqueus (*Ilíada*, Canto X). Eneias vê representada a cena nos muros do templo de Juno em Cartago.

**Zéfiro** (*Zephyrum*, v. 131): Vento do Oeste, brando e tépido, relacionado a Ζέφυρος, ου. Na Torre dos Ventos, em Atenas, é Zéfiro que traz as flores primaveris. Para Hesíodo, Zéfiro, juntamente com Bóreas e Notos é um dos filhos de ânimo poderoso ou violento ( Ἀστραίῳ δ' Ἡὼς ἀνέμους τέκε καρτεροθύμους, v. 378), gerados por Aurora e Astreu (*Teogonia*, v. 378-382). Para Ovídio, nas *Metamorfoses*, Zéfiro é vento vizinho do poente, de Vésper e dos litorais tépidos (Livro I, v. 63-64).

# Apêndice

---

*Eneida*, Livro I

Texto em Latim



## *AENEIS*, Liber I

---

### ***AENEIS*, Liber I**

Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris  
Italiam fato profugus Lauiniaque uenit  
litora, multum ille et terris iactatus et alto  
ui superum saeuae memorem Iunonis ob iram,  
multa quoque et bello passus, dum conderet urbem

5

inferretque deos Latio, genus unde Latinum  
Albanique patres atque altae moenia Romae.  
Musa, mihi causas memora, quo numine laeso  
quidue dolens regina deum tot uoluerit casus  
insignem pietate uirum, tot adire labores

10

impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?  
Urbs antiqua fuit (Tyrii tenuere coloni)  
Karthago, Italiam contra Tiberinaque longe  
ostia, diues opum studiisque asperrima belli,  
quam Iuno fertur terris magis omnibus unam

15

posthabita coluisse Samo; hic illius arma,  
hic currus fuit; hoc regnum dea gentibus esse,

si qua fata sinant, iam tum tenditque fouetque.  
 Progeniem sed enim Troiano a sanguine duci  
 audierat Tyrias olim quae uerteret arces;

20

hinc populum late regem belloque superbum  
 uenturum excidio Libyae: sic uoluere Parcas.  
 Id metuens ueterisque memor Saturnia belli  
 prima quod ad Troiam pro caris gesserat Argis  
 necdum etiam causae irarum saeuique dolores

25

exciderant animo, manet alta mente repostum  
 iudicium Paridis spretaeque iniuria formae  
 et genus inuisum et rapti Ganymedis honores;  
 his accensa super iactatos aequore toto  
 Troas, reliquias Danaum atque immitis Achilli,

30

arcebat longe Latio, multosque per annos  
 errabant acti fatis maria omnia circum.  
 Tantaе molis erat Romanam condere gentem.  
 Vix e conspectu Siculae telluris in altum  
 uela dabant laeti et spumas salis aere ruebant,

35

cum luno aeternum seruans sub pectore uolnus  
 haec secum: "Mene incepto desistere uictam  
 nec posse Italia Teucrorum auertere regem?  
 Quippe uetor fatis; Pallasne exurere classem  
 Argiuom atque ipsos potuit submergere ponto

40

unius ob noxam et furias Aiacis Oilei?  
 Ipsa louis rapidum iaculata e nubibus ignem  
 disiecitque rates euertitque aequora uentis,  
 illum expirantem transfixo pectore flammam  
 turbine corripuit scopuloque infixit acuto;

45

ast ego, quae diuom incedo regina louisque  
et soror et coniunx, una cum gente tot annos  
bella gero. Et quisquam numen lunonis adorat  
praeterea aut supplex aris imponet honorem?"  
Talia flammato secum dea corde uolutans

50

nimborum in patriam, loca feta furentibus Austris,  
Aeoliam uenit. Hic uasto rex Aeolus antro  
luctantis uentos tempestatesque sonoras  
imperio premit ac uinclis et carcere frenat.  
Illi indignantes magno cum murmure montis

55

circum claustra fremunt; celsa sedet Aeolus arce  
sceptra tenens mollitque animos et temperat iras;  
ni faciat, maria ac terras caelumque profundum  
quippe ferant rapidi secum uerrantque per auras.  
Sed pater omnipotens speluncis abdidit atris

60

hoc metuens molemque et montis insuper altos  
imposuit, regemque dedit qui foedere certo  
et premere et laxas sciret dare iussus habenas.  
Ad quem tum luno supplex his uocibus usa est:  
"Aeole, namque tibi diuom pater atque hominum rex

65

et mulcere dedit fluctus et tollere uento,  
gens inimica mihi Tyrrhenum nauigat aequor  
Ilium in Italiam portans uictosque penatis:  
incute uim uentis submersasque obrue puppis,  
aut age diuersos et dissice corpora ponto.

70

Sunt mihi bis septem praestanti corpore Nymphae,  
quarum quae forma pulcherrima, Deiopea,

conubio iungam stabili propriamque dicabo,  
omnis ut tecum meritis pro talibus annos  
exigat et pulchra faciat te prole parentem.”

75

Aeolus haec contra: “Tuos, o regina, quid optes  
explorare labor; mihi iussa capessere fas est.  
Tu mihi quodcumque hoc regni, tu scepra louemque  
concilias, tu das epulis accumbere diuom  
nimborumque facis tempestatumque potentem.”

80

Haec ubi dicta, cauom conuersa cuspide montem  
impulit in latus: ac uenti uelut agmine facto,  
qua data porta, ruont et terras turbine perflant.  
Incubuere mari totumque a sedibus imis  
una Eurusque Notusque ruont creberque procellis

85

Africus et uastos uoluont ad litora fluctus;  
insequitur clamorque uirum stridorque rudentum.  
Eripiunt subito nubes caelumque diemque  
Teucrorum ex oculis; ponto nox incubat atra.  
Intonuere poli et crebris micat ignibus aether

90

praesentemque uiris intentant omnia mortem.  
Extemplo Aeneae soluontur frigore membra;  
ingemit et duplicis tendens ad sidera palmas  
talua uoce refert: “O terque quaterque beati,  
quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis

95

contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis  
Tydide, mene Iliacis occumbere campis  
non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,  
saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens  
Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis

100

scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!"  
Talia iactanti stridens Aquilone procella  
uelum aduersa ferit, fluctusque ad sidera tollit;  
franguntur remi, tum prora auertit et undis  
dat latus, insequitur cumulo praeruptus aquae mons;

105

hi summo in fluctu pendent, his unda dehiscens  
terram inter fluctus aperit, furit aestus harenis.  
Tris Notus abreptas in saxa latentia torquet,  
saxa uocant Itali mediis quae in fluctibus Aras,  
dorsum immane mari summo, tris Eurus ab alto

110

in breuia et Syrtis urget, miserabile uisu,  
inliduntque uadis atque aggere cingit harenae.  
Vnam, quae Lycios fidumque uehebat Oronten,  
ipsius ante oculos ingens a uertice pontus  
in puppim ferit; excutitur pronusque magister

115

uoluitur in caput, ast illum ter fluctus ibidem  
torquet agens circum et rapidus uorat aequore uertex.  
Apparent rari nantes in gurgite uasto,  
arma uirum tabulaeque et Troia gaza per undas.  
Iam ualidam Ilionei nauem, iam fortis Achatae,

120

et qua uectus Abas, et qua grandaeuos Aletes,  
uicit hiems; laxis laterum compagibus omnes  
accipiunt inimicum imbrem rimisque fatiscunt.  
Interea magno misceri murmure pontum  
emissamque hiemem sensit Neptunus et imis

125

stagna refusa uadis, grauiter commotus et alto  
prospiciens summa placidum caput extulit unda.

Disiectam Aeneae toto uidet aequore classem,  
fluctibus oppressos Troas caelique ruina.  
Nec latuere doli fratrem Iunonis et irae.

130

Eurum ad se Zephyrumque uocat, dehinc talia fatur:  
“Tantane uos generis tenuit fiducia uestri?  
Iam caelum terramque meo sine numine, uenti,  
miscere et tantas audetis tollere moles?  
Quos ego...! sed motos praestat componere fluctus.

135

Post mihi non simili poena commissa luetis.  
Maturate fugam regique haec dicite uestro:  
non illi imperium pelagi saeuomque tridentem,  
sed mihi sorte datum; tenet ille immania saxa,  
uestras, Eure, domos; illa se iactet in aula

140

Aeolus et clauso uentorum carcere regnet.”  
Sic ait et dicto citius tumida aequora placat  
collectasque fugat nubes solemque reducit.  
Cymothoe simul et Triton adnexus acuto  
detrudunt nauis scopulo; leuat ipse tridenti

145

et uastas aperit Syrtis et temperat aequor  
atque rotis summas leuibus perlabitur undas.  
Ac ueluti magno in populo cum saepe coorta est  
seditio saeuitque animis ignobile uolgus;  
iamque faces et saxa uolant, furor arma ministrat;

150

tum, pietate grauem ac meritis si forte uirum quem  
conspexere, silent arrectisque auribus astant;  
ille regit dictis animos et pectora mulcet:  
sic cunctus pelagi cecidit fragor, aequora postquam  
prospiciens genitor caeloque inuectus aperto

155

flectit equos curruque uolans dat lora secundo.  
Defessi Aeneadae quae proxima litora cursu  
contendunt petere et Libyae uertuntur ad oras.  
Est in secessu longo lócus; insula portum  
efficit obiectu laterum, quibus omnis ab alto

160

frangitur inque sinus scindit sese unda reductos.  
Hinc atque hinc uastae rupes geminique minantur  
in caelum scopuli, quorum sub uertice late  
aequora tuta silent. Tum siluis scaena coruscis  
desuper horrentique atrum nemus imminet umbra;

165

fronte sub aduersa scopulis pendentibus antrum,  
intus aquae dulces uiuoque sedilia saxo,  
Nympharum domus. Hic fessas non uincula nauis  
ulla tenent, unco non alligat ancora morsu.  
Huc septem Aeneas collectis nauibus omni

170

ex numero subit, ac magno telluris amore  
egressi optata potiuntur Troes harena  
et sale tabentis artus in litore ponunt.  
Ac primum silici scintillam excudit Achates  
succepitque ignem foliis atque arida circum

175

nutrimenta dedit rapuitque in fomite flammam.  
Tum Cererem corruptam undis Cerealiaque arma  
expediunt fessi rerum, frugesque receptas  
et torrere parant flammis et frangere saxo.  
Aeneas scopulum interea conscendit, et omnem

180

prospectum late pelago petit, Anthea si quem  
iactatum uento uideat Phrygiasque biremis

aut Capyn aut celsis in puppibus arma Caici.  
Nauem in conspectu nullam, tris litore ceruus  
prospicit errantis: hos tota armenta sequontur

185

a tergo et longum per uallis pascitur agmen.  
Constitit hic arcumque manu celerisque sagittas  
corripuit, fidus quae tela gerebat Achates,  
ductoresque ipsos primum capita alta ferentis  
cornibus arboreis sternit, tum uolguis et omnem

190

miscet agens telis nemora inter frondea turbam;  
nec prius absistit quam septem ingentia uictor  
corpora fundat humo et numerum cum nauibus aequet.  
Hinc portum petit et socios partitur in omnis.  
Vina bonus quae deinde cadis onerarat Acestes

195

litore Trinacrio dederatque abeuntibus heros  
diuidit, et dictis maerentia pectora mulcet:  
“O socii, neque enim ignari sumus ante malorum,  
o passi grauiora, dabit deus his quoque finem.  
Vos et Scyllaeam rabiem penitusque sonantis

200

accestis scopulos, uos et Cyclopia saxa  
experti: reuocate animos maestumque timorem  
mittite; forsan et haec olim meminisse iuuabit.  
Per uarios casus, per tot discrimina rerum  
tendimus in Latium, sedes ubi fata quietas

205

ostendunt; illic fas regna resurgere Troiae.  
Durate, et uosmet rebus seruate secundis.”  
Talia uoce refert curisque ingentibus aeger  
spem uoltu simulat, premit altum corde dolorem.  
Illi se praedae accingunt dapibusque futuris;

210

tergora diripiunt costis et uiscera nudant;  
pars in frusta secant ueribusque trementia figunt,  
litore aena locant alii flammisque ministrant.  
Tum uictu reuocant uiris, fusique per herbam  
implentur ueteris Bacchi pinguisque ferinae.

215

Postquam exempta fames epulis mensaeque remotae,  
amissos longo socios sermone requirunt,  
spemque metumque inter dubii, seu uiuere credant  
sive extrema pati nec iam exaudire uocatos.  
Praecipue pius Aeneas nunc acris Oronti,

220

nunc Amyci casum gemit et crudelia secum  
fata Lyci fortemque Gyan fortemque Cloanthum.  
Et iam finis erat, cum Iuppiter aethere summo  
despiciens mare ueliuolum terrasque iacentis  
litoraque et latos populos, sic uertice caeli

225

constitit et Libyae defixit lumina regnis.  
Atque illum talis iactantem pectore curas  
tristior et lacrimis oculos suffusa nitentis  
adloquitur Venus: "O qui res hominumque deumque  
aeternis regis imperiis et fulmine terres,

230

quid meus Aeneas in te committere tantum,  
quid Troes potuere, quibus tot funera passis  
cunctus ob Italiam terrarum clauditur orbis?  
Certe hinc Romanos olim uoluentibus annis,  
hinc fore ductores, reuocato a sanguine Teucrici,

235

qui mare, qui terras omnis ditione tenerent,  
pollicitus: quae te, genitor, sententia uertit?

Hoc equidem occasum Troiae tristisque ruinas  
solabar fatis contraria fata rependens;  
nunc eadem fortuna uiros tot casibus actos

240

insequitur. Quem das finem, rex magne, laborum?  
Antenor potuit mediis elapsus Achiuis  
Illyricos penetrare sinus atque intima tutus  
regna Liburnorum et fontem superare Timai,  
unde per ora nouem uasto cum murmure montis

245

it mare proruptum et pelago premit arua sonanti.  
Hic tamen ille urbem Pataui sedesque locauit  
Teucrorum et genti nomen dedit armaque fixit  
Troia, nunc placida compostus pace quiescit:  
nos, tua progenies, caeli quibus adnuis arcem,

250

nauibus (infandum!) amissis unius ob iram  
prodimur atque Italis longe disiungimur oris.  
Hic pietatis honos? sic nos in scepra reponis?”  
Olli subridens hominum sator atque deorum,  
uoltu quo caelum tempestatesque serenat,

255

oscula libauit natae, dehinc talia fatur:  
“Parce metu, Cytherea, manent immota tuorum  
fata tibi; cernes urbem et promissa Lauini  
moenia sublimemque feres ad sidera caeli  
magnanimum Aenean; neque me sententia uertit.

260

Hic tibi (fabor enim, quando haec te cura remordet,  
longius, et uoluens fatorum arcana mouebo)  
bellum ingens geret Italia populosque ferocis  
contundet moresque uiris et moenia ponet,  
tertia dum Latio regnantem uiderit aestas,

265

ternaque transierint Rutulis hiberna subactis.  
At puer Ascanius, cui nunc cognomen lulo  
additur (Ilus erat, dum res stetit Ilia regno),  
triginta magnos uoluendis mensibus orbis  
imperio explebit, regnumque ab sede Lauini

270

transferet, et Longam multa ui muniet Albam.  
Hic iam ter centum totos regnabitur annos  
gente sub Hectorea, donec regina sacerdos  
Marte grauis geminam partu dabit Ilia prolem.  
Inde lupae fuluo nutricis tegmine laetus

275

Romulus excipiet gentem et Mauortia condet  
moenia Romanosque suo de nomine dicet.  
His ego nec metas rerum nec tempora pono:  
imperium sine fine dedi. Quin aspera luno,  
quae mare nunc terrasque metu caelumque fatigat,

280

consilia in melius referet, mecumque fouebit  
Romanos, rerum dominos gentemque togatam.  
Sic placitum. Veniet lustris labentibus aetas  
cum domus Assaraci Pthiam clarasque Mycenae  
seruitio premet ac uictis dominabitur Argis.

285

Nascetur pulchra Troianus origine Caesar,  
imperium Oceano, famam qui terminet astris  
Iulius, a magno demissum nomen lulo.  
Hunc tu olim caelo spoliis Orientis onustum  
accipies secunda; uocabitur hic quoque uotis.

290

Aspera tum positae mitescent saecula bellis;  
cana Fides et Vesta, Remo cum fratre Quirinus

iura dabunt; dirae ferro et compagibus artis  
claudentur Belli portae; Furor impius intus  
saeua sedens super arma et centum uinctus aenis

295

post tergum nodis fremet horridus ore cruento.”  
Haec ait et Maia genitum demittit ab alto,  
ut terrae utque nouae pateant Karthaginis arces  
hospitio Teucris, ne fati nescia Dido  
finibus arceret. Volat ille per aera magnum

300

remigio alarum ac Libyae citus astitit oris.  
Et iam iussa facit, ponuntque ferocia Poeni  
corda uolente deo; in primis regina quietum  
accipit in Teucros animum mentemque benignam.  
At pius Aeneas per noctem plurima uoluens,

305

ut primum lux alma data est, exire locosque  
explorare nouos, quas uento accesserit oras,  
qui teneant (nam inculta uidet), hominesne feraene,  
quaerere constituit sociisque exacta referre.  
Classem in conuexo nemorum sub rupe cauata

310

arboribus clausam circum atque horrentibus umbris  
occulit; ipse uno graditur comitatus Achate  
bina manu lato crispans hastilia ferro.  
Cui mater media sese tulit obuia silua  
uirginis os habitumque gerens et uirginis arma

315

Spartanae, uel qualis equos Threissa fatigat  
Harpalyce uolucrumque fuga praeuertitur Hebrum.  
Namque umeris de more habilem suspenderit arcum  
uenatrix dederatque comam diffundere uentis,  
nuda genu nodoque sinus collecta fluentis.

320

Ac prior "heus" inquit, "iuvenes, monstrate, mearum uidistis si quam hic errantem forte sororum succinctam pharetra et maculosae tegmine lyncis, aut spumantis apri cursum clamore prementem."  
Sic Venus et Veneris contra sic filius orsus:

325

"Nulla tuarum audita mihi neque uisa sororum, o quam te memorem, uirgo? namque haud tibi uoltus mortalis, nec uox hominem sonat; o, dea certe, an Phoebi soror? an Nympharum sanguinis una? sis felix nostrumque leues, quaecumque, laborem

330

et quo sub caelo tandem, quibus orbis in oris iactemur doceas; ignari hominumque locorumque erramus uento huc uastis et fluctibus acti: multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra."

Tum Venus: "Haud equidem tali me dignor honore;

335

uirginibus Tyriis mos est gestare pharetram purpureoque alte suras uincire coturno.  
Punica regna uides, Tyrios et Agenoris urbem; sed fines Libyci, genus intractabile bello.  
Imperium Dido Tyria regit urbe profecta,

340

germanum fugiens. Longa est iniuria, longae ambages; sed summa sequar fastigia rerum.  
Huic coniunx Sychaeus erat, ditissimus agri Phoenicum, et magno miserae dilectus amore, cui pater intactam dederat primisque iugarat

345

ominibus. Sed regna Tyri germanus habebat Pygmalion, scelere ante alios immanior omnis.

Quos inter medius uenit furor. Ille Sychaeum  
impious ante aras atque auri caecus amore  
clam ferro incautum superat, securus amorum

350

germanae; factumque diu celauit et aegram  
multa malus simulans uana spe lusit amantem.  
Ipsa sed in somnis inhumati uenit imago  
coniugis ora modis attollens pallida miris;  
crudelis aras traiectaque pectora ferro

355

nudauit, caecumque domus scelus omne retextit.  
Tum celerare fugam patriaque excedere suadet  
auxiliumque uiae ueteres tellure recludit  
thesauros, ignotum argenti pondus et auri.  
His commota fugam Dido sociosque parabat.

360

Conueniunt quibus aut odium crudele tyranni  
aut metus acer erat; nauis, quae forte paratae,  
corripiunt onerantque auro. Portantur auari  
Pygmalionis opes pelago; dux femina facti.  
Deuenero locos ubi nunc ingentia cernes

365

moenia surgentemque nouae Karthaginis arcem,  
mercatique solum, facti de nomine Byrsam,  
taurino quantum possent circumdare tergo.  
Sed uos qui tandem? quibus aut uenistis ab oris?  
quoue tenetis iter?" Quaerenti talibus ille

370

suspiciens imoque trahens a pectore uocem:  
"O dea, si prima repetens ab origine pergam  
et uacet annalis nostrorum audire laborum,  
ante diem clauso componet Vesper Olympo.  
Nos Troia antiqua, si uestras forte per auris

375

Troiae nomen iit, diuersa per aequora uectos  
forte sua Libycis tempestas appulit oris.  
Sum pius Aeneas, raptos qui ex hoste penatis  
classe ueho mecum, fama super aethera notus.  
Italiam quaero patriam et genus ab loue summo.

380

Bis denis Phrygium conscendi nauibus aequor,  
matre dea monstrante uiam, data fata secutus;  
uix septem conuolsae undis Euroque supersunt.  
Ipse ignotus, egens, Libyae deserta peragro,  
Europa atque Asia pulsus.” Nec plura querentem

385

passa Venus medio sic interfata dolore est:  
“Quisquis es, haud, credo, inuisus caelestibus auras  
uitalis carpis, Tyriam qui adueneris urbem.  
Perge modo atque hinc te reginae ad limina perfer.  
Namque tibi reduces socios classemque relatum

390

nuntio et in tutum uersis Aquilonibus actam,  
ni frustra augurium uani docuere parentes.  
Aspice bis senos laetantis agmine cycnos,  
aetheria quos lapsa plaga louis ales aperto  
turbabat caelo; nunc terras ordine longo

395

aut capere aut captas iam despectare uidentur:  
ut reduces illi ludunt stridentibus alis  
et coetu cinxere polum cantusque dedere,  
haud aliter puppesque tuae pubesque tuorum  
aut portum tenet aut pleno subit ostia uelo.

400

Perge modo et, qua te ducit uia, derige gressum.”  
Dixit et auertens rosea ceruice refulsit,

ambrosiaequae comae diuinum uertice odorem  
spirauere; pedes uestis defluxit ad imos  
et uera incessu patuit dea. Ille ubi matrem

405

agnouit, tali fugientem est uoce secutus:  
“Quid natum totiens, crudelis tu quoque, falsis  
ludis imaginibus? Cur dextrae iungere dextram  
non datur ac ueras audire et reddere uoces?”  
Talibus incusat gressumque ad moenia tendit.

410

At Venus obscuro gradientis aere saepsit,  
et multo nebulae circum dea fudit amictu,  
cernere ne quis eos neu quis contingere posset  
moliriuue moram aut ueniendi poscere causas.  
Ipsa Paphum sublimis abit sedesque reuisit

415

laeta suas, ubi templum illi, centumque Sabaeo  
ture calent arae sertisque recentibus halant.  
Corripuere uiam interea, qua semita monstrat,  
iamque ascendebant collem, qui plurimus urbi  
imminet aduersasque aspectat desuper arces.

420

Miratur molem Aeneas, magalia quondam,  
miratur portas strepitumque et strata uiarum.  
Instant ardentes Tyrii: pars ducere muros  
molirique arcem et manibus subuoluere saxa,  
pars optare locum tecto et concludere sulco;

425

iura magistratusque legunt sanctumque senatum.  
Hic portus alii effodiunt; hic alta theatri  
fundamenta locant alii, immanisque columnas  
rupibus excidunt, scaenis decora apta futuris.  
Qualis apes aestate noua per florea rura

430

exercet sub sole labor, cum gentis adultos  
educunt fetus, aut cum liquentia mella  
stipant et dulci distendunt nectare cellas,  
aut onera accipiunt uenientum, aut agmine facto  
ignauom fucos pecus a praesepibus arcent;

435

feruet opus redolentque thymo fraglantia mella.  
“O fortunati, quorum iam moenia surgunt!”  
Aeneas ait et fastigia suspicit urbis.  
Infert se saeptus nebula (mirabile dictu)  
per medios, miscetque uiris neque cernitur ulli.

440

Lucus in urbe fuit media, laetissimus umbrae,  
quo primum iactati undis et turbine Poeni  
effodere loco signum, quod regia luno  
monstrarat, caput acris equi; sic nam fore bello  
egregiam et facilem uictu per saecula gentem.

445

Hic templum lunoni ingens Sidonia Dido  
condebat, donis opulentum et numine diuae,  
aerea cui gradibus surgebant limina nexaeque  
aere trabes, foribus cardo stridebat aenis.  
Hoc primum in luco noua res oblata timorem

450

leniit, hic primum Aeneas sperare salutem  
ausus et adflictis melius confidere rebus.  
Namque sub ingenti lustrat dum singula templo  
reginam opperiens, dum quae fortuna sit urbi  
artificumque manus inter se operumque laborem

455

miratur, uidet Iliacas ex ordine pugnans  
bellaque iam fama totum uolgata per orbem,

Atridas Priamumque et saeuom ambobus Achillem.  
Constitit et lacrimans “Quis iam lócus” inquit “Achate,  
quae regio in terris nostri non plena laboris?”

460

En Priamus. Sunt hic etiam sua praemia laudi,  
sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt.  
Solue metus; feret haec aliquam tibi fama salutem.”  
Sic ait atque animum pictura pascit inani  
multa gemens, largoque umectat flumine uoltum.

465

Namque uidebat uti bellantes Pergama circum  
hac fugerent Grai, premeret Troiana iuuentus,  
hac Phryges, instaret curru cristatus Achilles.  
Nec procul hinc Rhesi niueis tentoria uelis  
agnoscit lacrimans, primo quae prodita somno

470

Tydides multa uastabat caede cruentus,  
ardentisque auertit equos in castra prius quam  
pabula gustassent Troiae Xanthumque bibissent.  
Parte alia fugiens amissis Troilus armis,  
infelix puer atque impar congressus Achilli,

475

fertur equis curruque haeret resupinus inani,  
lora tenens tamen; huic ceruixque comaeque trahuntur  
per terram, et uersa puluis inscribitur hasta.  
Interea ad templum non aequae Palladis ibant  
crinibus Iliades passis peplumque ferebant

480

suppliciter, tristes et tunsae pectora palmis;  
diua solo fixos oculos auersa tenebat.  
Ter circum Iliacos raptauerat Hectora muros  
exanimumque auro corpus uendebat Achilles.  
Tum uero ingentem gemitum dat pectore ab imo,

485

ut spolia, ut currus, utque ipsum corpus amici  
tendentemque manus Priamum conspexit inermis.  
Se quoque principibus permixtum agnouit Achiuis,  
Eoasque acies et nigri Memnonis arma.  
Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis

490

Penthesilea furens mediisque in milibus ardet,  
aurea subnectens exsertae cingula mammae  
bellatrix, audetque uiris concurrere uirgo.  
Haec dum Dardanio Aeneae miranda uidentur,  
dum stupet obtutuque haeret defixus in uno,

495

regina ad templum, forma pulcherrima Dido,  
incessit magna iuuenum stipante caterua.  
Qualis in Eurotae ripis aut per iuga Cynthi  
exercet Diana choros, quam mille secutae  
hinc atque hinc glomerantur Oreades; illa pharetram

500

fert umero gradiensque deas supereminet omnis,  
Latonae tacitum pertemptant gaudia pectus:  
talis erat Dido, talem se laeta ferebat  
per medios instans operi regnisque futuris.  
Tum foribus diuae, media testudine templi,

505

saepa armis solioque alte subnixa resedit.  
lura dabat legesque uiris, operumque laborem  
partibus aequabat iustis aut sorte trahebat:  
cum subito Aeneas concursu accedere magno  
Anthea Sergestumque uidet fortemque Cloanthum

510

Teucrorumque alios, ater quos aequore turbo  
dispulerat penitusque alias auexerat oras.

Obstipuit simul ipse, simul percussus Achates  
laetitiaque metuque; auidi coniungere dextras  
ardebant, sed res animos incognita turbat.

515

Dissimulant et nube caua speculantur amicti  
quae fortuna uiris, classem quo litore linquant,  
quid ueniant; cunctis nam lecti nauibus ibant  
orantes ueniam et templum clamore petebant.  
Postquam introgressi et coram data copia fandi,

520

maximus Ilioneus placido sic pectore coepit:  
“O regina, nouam cui condere Iuppiter urbem  
iustitiaque dedit gentis frenare superbas,  
Troes te miseri, uentis maria omnia uecti,  
oramus: prohibe infandos a nauibus ignis,

525

parce pio generi et propius res aspice nostras.  
Non nos aut ferro Libycos populare penatis  
uenimus, aut raptas ad litora uertere praedas;  
non ea uis animo nec tanta superbia uictis.  
Est locus, Hesperiam Grai cognomine dicunt,

530

terra antiqua, potens armis atque ubere glaebae;  
Oenotri coluere uiri; nunc fama minores  
Italiam dixisse ducis de nomine gentem.  
Hic cursus fuit,  
cum subito adsurgens fluctu nimbosus Orion

535

in uada caeca tulit penitusque procacibus Austris  
perque undas superante salo perque inuia saxa  
dispulit; huc pauci uestris ad nauimur oris.  
Quod genus hoc hominum? quaeue hunc tam barbara  
morem  
permittit patria? hospitio prohibemur harenae;

540

bella cient primaque uetant consistere terra.  
Si genus humanum et mortalia temnitis arma,  
at sperate deos memores fandi atque nefandi.  
Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter  
nec pietate fuit, nec bello maior et armis.

545

Quem si fata uirum seruant, si uescitur aura  
aetheria neque adhuc crudelibus occubat umbris,  
non metus, officio nec te certasse priorem  
paeniteat. Sunt et Siculis regionibus urbes  
armaque, Troianoque a sanguine clarus Acestes.

550

Quassatam uentis liceat subducere classem  
et siluis aptare trabes et stringere remos:  
si datur Italiam sociis et rege recepto  
tendere, ut Italiam laeti Latiumque petamus;  
sin absumpta salus, et te, pater optime Teucrum,

555

pontus habet Libyae nec spes iam restat luli,  
at freta Sicaniae saltem sedesque paratas,  
unde huc aduecti, regemque petamus Acesten.”  
Talibus Ilioneus; cuncti simul ore fremebant  
Dardanidae.

560

Tum breuiter Dido uoltum demissa profatur:  
“Soluite corde metum, Teucri, secludite curas.  
Res dura et regni nouitas me talia cogunt  
moliri et late finis custode tueri.

Quis genus Aeneadum, quis Troiae nesciat urbem,

565

uirtutesque uirosque aut tanti incendia belli?  
Non obtunsa adeo gestamus pectora Poeni,

nec tam auersus equos Tyria Sol iungit ab urbe.  
Seu uos Hesperiam magnam Saturniaque arua  
siue Erycis finis regemque optatis Acesten,

570

auxilio tutos dimittam opibusque iuuabo.  
Voltis et his mecum pariter considerare regnis?  
urbem quam statuo, uestra est; subducite nauis;  
Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.  
Atque utinam rex ipse Noto compulsus eodem

575

adforet Aeneas! Equidem per litora certos  
dimittam et Libyae lustrare extrema iubebo,  
si quibus eiectus siluis aut urbibus errat.”  
His animum arrecti dictis et fortis Achates  
et pater Aeneas iamdudum erumpere nubem

580

ardebant. Prior Aenean compellat Achates:  
“Nate dea, quae nunc animo sententia surgit?  
omnia tuta uides, classem sociosque receptos.  
Vnus abest, medio in fluctu quem uidimus ipsi  
submersum; dictis respondent cetera matris.”

585

Vix ea fatus erat cum circumfusa repente  
scindit se nubes et in aethera purgat apertum.  
Restitit Aeneas claraque in luce refulsit  
os umerosque deo similis; namque ipsa decoram  
caesariem nato genetrix lumenque iuuentae

590

purpureum et laetos oculis adflarat honores:  
quale manus addunt ebori decus, aut ubi flauo  
argentum Pariusue lapis circumdatur auro.  
Tum sic reginam adloquitur cunctisque repente  
improuisus ait: “Coram, quem quaeritis, adsum,

595

Troius Aeneas, Libycis ereptus ab undis.  
O sola infandos Troiae miserata labores,  
quae nos, reliquias Danaum, terraeque marisque  
omnibus exhaustos iam casibus, omnium egenos,  
urbe, domo socias, grates persolvere dignas

600

non opis est nostrae, Dido, nec quidquid ubique est  
gentis Dardaniae, magnum quae sparsa per orbem.  
Di tibi, si qua pios respectant numina, si quid  
usquam iustitiae est et mens sibi conscia recti,  
praemia digna ferant. Quae te tam laeta tulerunt

605

saecula? qui tanti talem genuere parentes?  
In freta dum fluuii current, dum montibus umbrae  
lustrabunt conuexa, polus dum sidera pascet,  
semper honos nomenque tuum laudesque manebunt,  
quae me cumque uocant terrae.” Sic fatus amicum

610

Ilionea petit dextra laeuaque Serestum,  
post alios, fortemque Gyan fortemque Cloanthum.  
Obstipuit primo aspectu Sidonia Dido,  
casu deinde uiri tanto, et sic ore locuta est:  
“Quis te, nate dea, per tanta pericula casus

615

insequitur? quae uis immanibus applicat oris?  
Tunc ille Aeneas quem Dardanio Anchisae  
alma Venus Phrygii genuit Simoentis ad undam?  
Atque equidem Teucrum memini Sidona uenire  
finibus expulsum patriis, noua regna petentem

620

auxilio Beli; genitor tum Belus opimam  
uastabat Cyprum et uictor dicione tenebat.

Tempore iam ex illo casus mihi cognitus urbis  
Troianae nomenque tuum regesque Pelasgi.  
Ipse hostis Teucros insigni laude ferebat

625

seque ortum antiqua Teucrorum a stirpe uolebat.  
Quare agite, o tectis, iuuenes, succedite nostris.  
Me quoque per multos similis fortuna labores  
iactatam hac demum uoluit consistere terra.  
Non ignara mali miseris succurrere disco.”

630

Sic memorat; simul Aenean in regia ducit  
tectata, simul diuom templis indicit honorem.  
Nec minus interea sociis ad litora mittit  
uiginti tauros, magnorum horrentia centum  
terga suum, pinguis centum cum matribus agnos,

635

munera laetitiamque dii.  
At domus interior regali splendida luxu  
instruitur, mediisque parant conuiuia tectis:  
arte laboratae uestes ostroque superbo,  
ingens argentum mensis, caelataque in auro

640

fortia facta patrum, series longissima rerum  
per tot ducta uiros antiquae ab origine gentis.  
Aeneas (neque enim patrius consistere mentem  
passus amor) rapidum ad nauis praemittit Achaten,  
Ascanio ferat haec ipsumque ad moenia ducat;

645

omnis in Ascanio cari stat cura parentis.  
Munera praeterea Iliacis erepta ruinis  
ferre iubet, pallam signis auroque rigentem  
et circumtextum croceo uelamen acantho,  
ornatus Argiuae Helenae, quos illa Mycenis,

650

Pergama cum peteret inconcessosque hymenaeos,  
extulerat, matris Ladae mirabile donum;  
praeterea sceptrum, Ilione quod gesserat olim,  
maxima natarum Priami, colloque monile  
bacatum, et duplicem gemmis auroque coronam.

655

Haec celerans iter ad nauis tendebat Achates.  
At Cytherea nouas artis, noua pectore uersat  
consilia, ut faciem mutatus et ora Cupido  
pro dulci Ascanio ueniat, donisque furentem  
incendat reginam atque ossibus implicet ignem.

660

Quippe domum timet ambiguam Tyriosque bilinguis,  
urit atrox luno et sub noctem cura recursat.  
Ergo his aligerum dictis adfatur Amorem:  
“Nate, meae uires, mea magna potentia, solus,  
nate, patris summi qui tela Typhoea temnis,

665

ad te confugio et supplex tua numina posco.  
Frater ut Aeneas pelago tuos omnia circum  
litora iactetur odiis lunonis acerbae,  
nota tibi, et nostro doluisti saepe dolore.  
Hunc Phoenissa tenet Dido blandisque moratur

670

uocibus, et uereor quo se lunonia uertant  
hospitia: haud tanto cessabit cardine rerum.  
Quocirca capere ante dolis et cingere flamma  
reginam meditor, ne quo se numine mutet,  
sed magno Aeneae mecum teneatur amore.

675

Qua facere id possis nostram nunc accipe mentem:  
regius accitu cari genitoris ad urbem

Sidoniam puer ire parat, mea maxima cura,  
dona ferens pelago et flammis restantia Troiae;  
hunc ego sopitum somno super alta Cythera

680

aut super Idalium sacrata sede recondam,  
ne qua scire dolos mediusue occurrere possit.  
Tu faciem illius noctem non amplius unam  
falle dolo et notos pueri puer indue uoltus,  
ut, cum te gremio accipiet laetissima Dido

685

regalis inter mensas laticemque Lyaeum,  
cum dabit amplexus atque oscula dulcia figet,  
occultum inspires ignem fallasque ueneno.”  
Paret Amor dictis carae genetricis, et alas  
exuit et gressu gaudens incedit Iuli.

690

At Venus Ascanio placidam per membra quietem  
inrigat, et fotum gremio dea tollit in altos  
Idaliae lucos, ubi mollis amaracus illum  
floribus et dulci aspirans complectitur umbra.  
Iamque ibat dicto parens et dona Cupido

695

regia portabat Tyriis duce laetus Achate.  
Cum uenit, aulaeis iam se regina superbis  
aurea composuit sponda mediamque locauit,  
iam pater Aeneas et iam Troiana iuuentus  
conueniunt, stratoque super discumbitur ostro.

700

Dant manibus famuli lymphas Cereremque canistris  
expediunt tonsisque ferunt mantelia uillis.  
Quinquaginta intus famulae, quibus ordine longam  
cura penum struere et flammis adolere penatis;  
centum aliae totidemque pares aetate ministri,

705

qui dapibus mensas onerent et pocula ponant.  
Nec non et Tyrii per limina laeta frequentes  
conuenere, toris iussi discumbere pictis,  
mirantur dona Aeneae, mirantur lulum,  
flagrantisque dei uoltus simulataque uerba,

710

pallamque et pictum croceo uelamen acantho.  
Praecipue infelix, pesti deuota futurae,  
expleri mentem nequit ardescitque tuendo  
Phoenissa, et pariter puero donisque mouetur.  
Ille ubi complexu Aeneae colloque pependit

715

et magnum falsi impleuit genitoris amorem,  
reginam petit. Haec oculis, haec pectore toto  
haeret et interdum gremio fouet inscia Dido  
insidat quantus miserae deus. At memor ille  
matris Acidaliae paulatim abolere Sychaeum

720

incipit et uiuo temptat praeuertere amore  
iam pridem resides animos desuetaque corda.  
Postquam prima quies epulis mensaeque remotae,  
crateras magnos statuont et uina coronant.  
Fit strepitus tectis uocemque per ampla uolutant

725

atria; dependent lychni laquearibus aureis  
incensi et noctem flammis funalia uincunt.  
Hic regina grauem gemmis auroque poposcit  
impleuitque mero pateram, quam Belus et omnes  
a Belo soliti; tum facta silentia tectis:

730

“Iuppiter, hospitibus nam te dare iura loquontur,  
hunc laetum Tyriisque diem Troiaque profectis

esse uelis, nostrosque huius meminisse minores.  
Adsit laetitiae Bacchus dator et bona luno;  
et uos, o coetum, Tyrii, celebrate fauentes.”

735

Dixit et in mensam laticum libauit honorem  
primaque, libato, summo tenus attigit ore;  
tum Bitiae dedit increpitans; ille impiger hausit  
spumantem pateram et pleno se prouit auro;  
post alii proceres. Cithara crinitus lopus

740

personat aurata, docuit quem maximus Atlas.  
Hic canit errantem lunam solisque labores,  
unde hominum genus et pecudes, unde imber et ignes,  
Arcturum pluuiasque Hyadas geminosque Triones,  
quid tantum Oceano properent se tingere soles

745

hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.  
Ingeminant plausu Tyrii, Troesque sequontur.  
Nec non et uario noctem sermone trahebat  
infelix Dido longumque bibebat amorem,  
multa super Priamo rogitans, super Hectore multa;

750

nunc quibus Aurorae uenisset filius armis,  
nunc quales Diomedis equi, nunc quantus Achilles.  
“Immo age et a prima dic, hospes, origine nobis  
insidias” inquit “Danaum casusque tuorum  
erroresque tuos; nam te iam septima portat

755

omnibus errantem terris et fluctibus aestas.”

## Índice Onomástico

---

**Abas** (*Abas*, v. 121)

**Acates** (*Achatae*, v. 120; *Achates*, v. 174; *Achates*, v. 188; *Achate*, v. 312; *Achate*, v. 459; *Achates*, v. 513; *Achates*, v. 579; *Achates*, v. 581; *Achaten*, v. 644; *Achates*, v. 656; *Achate*, v. 696)

**Acestes** (*Acestes*, v. 195; *Acestes*, v. 550; *Acesten*, v. 558; *Acesten*, v. 570)

**Acidália** (*Acidaliae*, v. 720)

**Áfrico** (*Africus*, v. 86)

**Agenor** (*Agenoris*, v. 338)

**Água Frígia** (*Phrygium...Aequor*, v. 381)

**Ajax** (*Aiacis*, v. 41)

**Ajax de Oileu** (*Aiacis Oilei*, v. 41)

**Alba Longa** (*Longam...Albam*, v. 271)

**Albanos** (*Albani*, v. 7)

**Aletes** (*Aletes*, v. 121)

**Amazonas** (*Amazonidum*, v. 490)

**Âmico** (*Amyci*, v. 221)

**Amor** (*Amorem*, v. 663; *Amor*, v. 689)

**Anquises** (*Anchisae*, v. 617)

**Antenor** (*Antenor*, v. 242)

**Anteu** (*Anthea*, v. 181; *Anthea*, v. 510)

**Aquilão, Aquilões** (*Aquilone*, v. 102; *Aquilonibus*, v. 391)

**Aquiles** (*Achilli*, v. 30; *Achillem*, v. 458; *Achilles*, v. 468; *Achilli*, v. 475; *Achilles*, v. 484; *Achilles*, v. 752)

- Aquivos** (*Achiuis*, v. 242; *Achiuis*, v. 488)
- Aras** (*Aras*, v. 109)
- Arcturo** (*Arcturum*, v. 744)
- Argiva Helena** (*Argivae Helenae*, v. 650)
- Argiva, Argivos** (*Argiuom*, v. 40; *Argivae*, v. 650)
- Argos** (*Argis*, v. 24; *Argis*, v. 285)
- Armas Cereálias** (*Cerealia arma*, v. 177)
- Armas do Negro Mêmnon** (*nigri Memnonis arma*, v. 489)
- Ascânio** (*Ascanius*, v. 267; *Ascanio*, v. 645; *Ascanio*, v. 646; *Ascanio*, v. 659; *Ascanio*, v. 691)
- Ásia** (*Asia*, v. 385)
- Assáraco** (*Assaraci*, v. 284)
- Atlas** (*Atlas*, v. 741)
- Atridas** (*Atridas*, v. 458)
- Aurora** (*Aurorae*, v. 751)
- Austros** (*Austris*, v. 51; *Austris*, v. 536)
- Ave de Jove** (*Iouis ales*, v. 394)
- Baco** (*Bacchi*, v. 215; *Bacchus*, v. 734)
- Batalhão das Amazonas** (*Amazonidum...agmina*, v. 490)
- Batalhões Orientais** ou **Aurorais** (*Eoas acies*, v. 489)
- Belo** (*Belus*, v. 621; *Belus*, v. 729; *Belo*, v. 730)
- Bícias** (*Bitiae*, v. 738)
- Birsa** (*Byrsam*, v. 367)
- Bosques da Idália** (*Idaliae lucos*, v. 693)
- Caico** (*Caici*, v. 183)
- Campos Satúrnios** (*Saturnia arua*, v. 569)
- Cápis** (*Capyn*, v. 183)
- Cartago** (*Karthago*, v. 13; *Karthaginis*, v. 298; *Karthaginis*, v. 366)
- Casa de Assáraco** (*domus Assaraci*, v. 284)
- Cereália** (*Cerealia*, v. 177)
- Ceres** (*Cererem*, v. 177; *Cererem*, v. 701)
- César** (*Caesar*, v. 286)

- Chipre** (*Cyprum*, v. 622)
- Ciclópios** (*Cyclopia*, v. 201)
- Cidade de Agenor** (*Agenoris urbem*, v. 338)
- Cidade Sidônia** (*Urbem Sidoniam*, v. 677-678)
- Cidade Tíria** (*Tyria...urbe*, v. 340; *Tyriam...urbem*, v. 388; *Tyria...urbe*, v. 568)
- Cidadela de Cartago, Cidades de Cartago** (*Karthaginis arces*, v. 298; *Karthaginis arcem*, v. 366)
- Cílea** (*Scyllaeam*, v. 200)
- Cimótoe** (*Cymothoe*, v. 144)
- Cinto** (*Cynthi*, v. 498)
- Citera** (*Cythera*, v. 680)
- Citereia** (*Cytherea*, v. 257; *Cytherea*, v. 657)
- Cloanto** (*Cloanthum*, v. 222; *Cloanthum*, v. 510; *Cloanthum*, v. 612)
- Confiança** (*Fides*, v. 292)
- Cupido** (*Cupido*, v. 658; *Cupido*, v. 695)
- Dador da Alegria** (*laetitiae dator*, v. 734)
- Dânaos** (*Danaum*, v. 30; *Danaum*, v. 96; *Danaum*, v. 598; *Danaum*, v. 754)
- Dardânidas** (*Dardanidae*, v. 560)
- Dardânio Anquises** (*Dardanio Anchisae*, v. 617)
- Dardânio Eneias** (*Dardanio Aeneae*, v. 494)
- Dardânio, Dardânia** (*Dardanio*, v. 494; *Dardaniae*, v. 602; *Dardanio*, v. 617)
- Deiopeia** (*Deiopea*, v. 72)
- Deuses Superiores** (*Superum*, v. 4)
- Diana** (*Diana*, v. 499)
- Dido** (*Dido*, v. 299; *Dido*, v. 340; *Dido*, v. 360; *Dido*, v. 446; *Dido*, v. 496; *Dido*, v. 503; *Dido*, v. 561; *Dido*, v. 601; *Dido*, v. 613; *Dido*, v. 670; *Dido*, v. 685; *Dido*, v. 718; *Dido*, v. 749)
- Diomedes** (*Diomedis*, v. 752)

**Eacida** (*Aeacidae*, v. 99)

**Enéadas** ou **Enéades** (*Aeneadae*, v. 157; *Aeneadum*, v. 565)

**Eneias** (*Aeneae*, v. 92; *Aeneae*, v. 128; *Aeneas*, v. 170; *Aeneas*, v. 180; *Aeneas*, v. 220; *Aeneas*, v. 231; *Aenean*, v. 260; *Aeneas*, v. 305; *Aeneas*, v. 378; *Aeneas*, v. 421; *Aeneas*, v. 438; *Aeneas*, v. 451; *Aeneae*, v. 494; *Aeneas*, v. 509; *Aeneas*, v. 544; *Aeneas*, v. 576; *Aeneas*, v. 580; *Aenean*, v. 581; *Aeneas*, v. 588; *Aeneas*, v. 596; *Aeneas*, v. 617; *Aenean*, v. 631; *Aeneas*, v. 643; *Aeneas*, v. 667; *Aeneae*, v. 675; *Aeneas*, v. 699; *Aeneae*, v. 709; *Aeneae*, v. 715)

**Enótrios** (*Oenotri*, v. 532)

**Eólia** (*Aeoliam*, v. 52)

**Éolo** (*Aeolus*, v. 52; *Aeolus*, v. 56; *Aeole*, v. 65; *Aeolus*, v. 76; *Aeolus*, v. 141)

**Érix** (*Erycis*, v. 570)

**Espartana** (*Spartanae*, v. 316)

**Euro** (*Eurus*, v. 85; *Eurus*, v. 110; *Eurum*, v. 131; *Eure*, v. 140; *Euro*, v. 383)

**Europa** (*Europa*, v. 385)

**Eurotas** (*Eurotae*, v. 498)

**Fama** (*fama*, v. 457)

**Febo** (*Phoebi*, v. 329)

**Fenícia** (*Phoenissa*, v. 670; *Phoenissa*, v. 714)

**Fenícia Dido** (*Phoenissa Dido*, v. 670)

**Fenícios** (*Phoenicum*, v. 344)

**Filho da Aurora** (*Aurorae...filius*, v. 751)

**Filho de Maia** (*Maia genitum*, v. 297)

**Filho de uma Deusa** (*Nate dea*, v. 582; *nate dea*, v. 615)

**Filho de Vênus** (*Veneris...filius*, v. 325)

**Frígio, Frígios, Frígia, Frígias** (*Phrygias*, v. 182; *Phrygium*, v. 381; *Phryges*, v. 468; *Phrygii*, v. 618)

**Ftia** (*Phthiam*, v. 284)

- Furor Ímpio** (*Furor impius*, v. 294)  
**Ganimedes** (*Ganymedis*, v. 28)  
**Genitor** (*genitor*, v. 155; *genitor*, v. 237)  
**Gente Dardânia** (*gentis Dardaniae*, v. 602)  
**Gente Fortíssima dos Dânaos** (*Danaum fortissime gentis*, v. 96)  
**Gente Heitórea** (*gente...Hectorea*, v. 273)  
**Gente Romana** (*Romanam...gentem*, v. 33)  
**Gente Togada** (*gentem togatam*, v. 282)  
**Gias** (*Gyan*, v. 222; *Gyan*, v. 612)  
**Golfos Ilíricos** (*Illyricos...sinus*, v. 243)  
**Graios** (*Grai*, v. 467; *Grai*, v. 530)  
**Grande Eneias** (*Magno Aeneae*, v. 675)  
**Grande Rei** (*rex magne*, v. 241)  
**Guerra** (*Belli*, v. 294)  
**Harpálice** (*Harpalyce*, v. 317)  
**Hebro** (*Hebrum*, v. 317)  
**Heitor** (*Hector*, v. 99; *Hectora*, v. 483; *Hectore*, v. 750)  
**Helena** (*Helena*, v. 650)  
**Herói Insigne pela Piedade** (*insignem pietate uirum*, v. 10)  
**Hespéria** (*Hesperiam*, v. 530; *Hesperiam*, v. 569)  
**Híades** (*Hyadas*, v. 744)  
**Idália, Idálio** (*Idalium*, v. 681; *Idaliae*, v. 693)  
**Ília, cidadela de Troia** (*Ilia*, v. 268)  
**Ília, sacerdotisa vestal** (*Ilia*, v. 274)  
**Ilíacas Pugnas** (*Iliacas...pugnas*, v. 456)  
**Ilíacas Ruínas** (*Iliacis...ruinis*, v. 647)  
**Ilíacas, Ilíacos** (*Iliacis*, v. 97; *Iliacas*, v. 456; *Iliacos*, v. 483; *Iliacis*, v. 647)  
**Ilíacos Campos** (*Iliacis...campis*, v. 97)  
**Ilíacos Muros** (*Iliacos...muros*, v. 483)  
**Ilíades** (*Iliades*, v. 480)  
**Ílion** (*Ilium*, v. 68)

**Iliona** (*Ilione*, v. 653)

**Ilioneu** (*Ilionei*, v. 120; *Ilioneus*, v. 521; *Ilioneus*, v. 559; *Ilionea*, v. 611)

**Ilo** (*Ilus*, v. 268)

**Incenso Sabeu** (*Sabaeo ture*, v. 416-417)

**Infeliz Dido** (*infelix Dido*, v. 749)

**Infeliz Fenícia** (*Infelix...Phoenissa*, v. 712-714)

**Iopas** (*Iopas*, v. 740)

**Irmã de Febo** (*Phoebi soror*, v. 329)

**Itália** (*Italiam*, v. 2; *Italia*, v. 38; *Italiam*, v. 68; *Italiam*, v. 233; *Italia*, v. 263; *Italiam*, v. 380; *Italiam*, v. 533; *Italiam*, v. 553; *Italiam*, v. 554)

**Ítalos, Ítalas** (*Itali*, v. 109; *Italis*, v. 252)

**Iulo** (*Iulo*, v. 267; *Iulo*, v. 288; *Iuli*, v. 556; *Iuli*, v. 690; *Iulum*, v. 709)

**Jove** (*Iouis*, v. 42; *Iouis*, v. 46; *Iouem*, v. 78; *Ioue*, v. 380; *Iouis*, v. 394)

**Julgamento de Páris** (*iudicium Paridis*, v. 27)

**Júlio** (*Iulius*, v. 288)

**Juno** (*Iunonis*, v. 4; *Iuno*, v. 15; *Iuno*, v. 36; *Iunonis*, v. 48; *Iuno*, v. 64; *Iunonis*, v. 130; *Iuno*, v. 279; *Iuno*, v. 443; *Iunoni*, v. 446; *Iuno*, v. 662; *Iunonis*, v. 668; *Iuno*, v. 734)

**Junônias** (*Iunonia*, v. 671)

**Júpiter** (*Iuppiter*, v. 223; *Iuppiter*, v. 522; *Iuppiter*, v. 731)

**Juventude Troiana** (*Troiana iuuentus*, v. 467; *Troiana iuuentus*, v. 699)

**Lácio** (*Latio*, v. 6; *Latio*, v. 31; *Latium*, v. 205; *Latio*, v. 265; *Latium*, v. 554)

**Latina** (*Latinum*, v. 6)

**Latona** (*Latonae*, v. 502)

**Lavínio, Lavínios, Lavínias** (*Lauinia*, v. 2; *Lauini*, v. 258; *Lauini*, v. 270)

**Leda** (*Ledae*, v. 652)

**Líbia** (*Libyae*, v. 22; *Libyae*, v. 158; *Libyae*, v. 226; *Libyae*, v. 301; *Libyae*, v. 384; *Libyae*, v. 556; *Libyae*, v. 577)

**Líbricas, Líbicos** (*Libyci*, v. 339; *Libycis*, v. 377; *Libycos*, v. 527; *Libycis*, v. 596)

**Liburnos** (*Liburnorum*, v. 244)

**Lícios** (*Lycios*, v. 113)

**Lico** (*Lyci*, v. 222)

**Lieu** (*Lyaeum*, v. 686)

**Líquido Lieu** (*laticem Lyaeum*, v. 686)

**Litorais Ítalos** (*Italis...oris*, v. 252)

**Litorais Lavínios** (*Lauinia...litora*, v. 2-3)

**Litorais Líbicos** (*Libycis...oris*, v. 377)

**Litoral Trinácrio** (*litore Trinacrio*, v. 196)

**Mãe Acidália** (*matris Acidaliae*, v. 720)

**Magnânimo Eneias** (*magnanimum Aenean*, v. 260)

**Manjerona** (*Amaracus*, v. 693)

**Mar Tirreno** (*Tyrrhenum...aequor*, v. 67)

**Mares da Sicânia** (*freta Sicaniae*, v. 557)

**Mármore de Paros** (*Parius lapis*, v. 593)

**Marte** (*Marte*, v. 274)

**Mêmnon** (*Memnonis*, v. 489)

**Micenas** (*Mycenas*, v. 284; *Mycenis*, v. 650)

**Morada das Ninfas** (*Nympharum domus*, v. 168)

**Muralhas de Lavínio** (*Lauini moenia*, v. 258-259)

**Muralhas de Roma** (*moenia Romae*, v. 7)

**Muralhas Mavórcias** (*Mauortia...moenia*, v. 276-277)

**Musa** (*Musa*, v. 8)

**Netuno** (*Neptunus*, v. 125)

**Ninfas** (*Nymphae*, v. 71; *Nympharum*, v. 168; *Nympharum*, v. 329)

**Noto** (*Notus*, v. 85; *Notus*, v. 108; *Noto*, v. 575)

**Nova Cidade** (*nouam...urbem*, v. 522)

**Oceano** (*Oceano*, v. 287; *Oceano*, v. 745)

**Oileu** (*Oilei*, v. 41)

**Olimpo** (*Olympo*, v. 374)

**Oréades** (*Oreades*, v. 500)

**Orientais** ou **Aurorais** (*Eoas*, v. 489)

**Oriente** (*Orientis*, v. 289)

**Órion** (*Orion*, v. 535)

**Oronte** (*Oronten*, v. 113; *Oronti*, v. 220)

**Pádua** (*Pataui*, v. 247)

**Pafos** (*Paphum*, v. 415)

**Pai dos Deuses e Rei dos Homens** (*diuom pater atque hominum rex*, v. 65)

**Pai Eneias** (*pater Aeneas*, v. 580; *pater Aeneas*, v. 699)

**Pai Excelente dos Teucros** (*pater optime Teucrum*, v. 555)

**Pai Mais Elevado** (*patris summi*, v. 665)

**Pai Onipotente** (*pater omnipotens*, v. 60)

**Pais Albanos** (*Albani...patres*, v. 7)

**Palas** (*Pallas*, v. 39; *Palladis*, v. 479)

**Parcas** (*Parcas*, v. 22)

**Pário** (*Parius*, v. 593)

**Páris** (*Paridis*, v. 27)

**Pelasgos** (*Pelasgi*, v. 624)

**Penates** (*Penatis*, v. 68; *Penatis*, v. 378; *penatis*, v. 527; *penatis*, v. 704)

**Penates Líbicos** (*Libycos...penatis*, v. 527)

**Pentesileia** (*Penthesilea*, v. 491)

**Pérgamo** (*Pergama*, v. 466; *Pergama*, v. 651)

**Pigmalião** (*Pygmalion*, v. 347; *Pygmalionis*, v. 364)

**Pio Eneias** (*pius Aeneas*, v. 220; *pius Aeneas*, v. 305; *pius Aeneas*, v. 378)

**Portas da Guerra** (*Belli portae*, v. 294)

**Príamo** (*Priamum*, v. 458; *Priamus*, v. 461; *Priamum*, v. 487; *Priami*, v. 654; *Priamo*, v. 750)

- Púnicos** (*Poeni*, v. 302; *Poeni*, v. 442; *Poeni*, v. 567)
- Quirino** (*Quirinus*, v. 292)
- Raça dos Enéades** (*genus Aeneadum*, v. 565)
- Raça Latina** (*genus...Latinum*, v. 6)
- Raça Piedosa** (*pio generi*, v. 526)
- Rainha dos deuses** (*diuom...regina*, v. 46)
- Regiões Sículas** (*Siculis regionibus*, v. 549)
- Rei dos Teucros** (*Teucrorum...regem*, v. 38)
- Reino de Lavínio** (*regnum...Lauini*, v. 270)
- Reinos de Tiro** (*regna Tyri*, v. 346)
- Reinos dos Liburnos** (*regna Liburnorum*, v. 244)
- Reinos Púnicos** (*Punica regna*, v. 338)
- Remo** (*Remo*, v. 292)
- Rhesos** (*Rhesi*, v. 469)
- Rochedos Ciclópios** (*Cyclopia saxa*, v. 201)
- Roma** (*Romae*, v. 7)
- Romana** (*Romanam*, v. 33)
- Romanos** (*Romanos*, v. 234; *Romanos*, v. 277; *Romanos*, v. 282)
- Rômulo** (*Romulus*, v. 276)
- Rútulos** (*Rutulis*, v. 266)
- Sabaio, Sabeu** (*Sabaeo*, v. 416)
- Samos** (*Samo*, v. 16)
- Sarpédon** (*Sarpedon*, v. 100)
- Satúrnia** (*Saturnia*, v. 23)
- Satúrnios** (*saturnia*, v. 569)
- Semeador dos Homens e dos Deuses** (*hominum sator atque deorum*, v. 254)
- Seresto** (*Serestum*, v. 611)
- Sergesto** (*Sergestum*, v. 510)
- Sicânia** (*Sicaniae*, v. 557)
- Sícula** (*Siculae*, v. 34; *Siculis*, v. 549)
- Sídon** (*Sidona*, v. 619)

- Sidônia** (*Sidonia*, v. 446; *Sidonia*, v. 613; *Sidonia*, v. 678)
- Sidônia Dido** (*Sidonia Dido*, v. 446; *Sidonia Dido*, v. 613)
- Símois** (*Simois*, v. 100; *Simoentis*, v. 618)
- Siqueu** (*Sychaeus*, v. 343; *Sychaeum*, v. 348; *Sychaeum*, v. 720)
- Sirtes** (*syrtis*, v. 111; *syrtis*, v. 146)
- Sol** (*Sol*, v. 568)
- Terras da Sícula** (*Siculae telluris*, v. 34)
- Teucro, ancestral dos Troianos** (*Teucri*, v. 235)
- Teucro, filho de Telamon** (*Teucrum*, v. 619; *Teucros*, v. 625)
- Teucros** (*Teucrorum*, v. 38; *Teucrorum*, v. 89; *Teucrorum*, v. 248; *Teucris*, v. 299; *Teucros*, v. 304; *Teucrorum*, v. 511; *Teucrum*, v. 555; *Teucri*, v. 562; *Teucrorum*, v. 626)
- Tiberinas** (*Tiberina*, v. 13)
- Tiberinas Embocaduras** (*Tiberina...Ostia*, v. 13-14)
- Tidida** (*Tydide*, v. 97; *Tydides*, v. 471)
- Tifeu, Tifon** (*Typhoea*, v. 665)
- Timavo** (*Timaui*, v. 244)
- Tíria** (*Tyria*, v. 340; *Tyriam*, v. 388; *Tyria*, v. 568)
- Tírias** (*Tyriis*, v. 336)
- Tírios** (*Tyrii*, v. 12; *Tyrios*, v. 338; *Tyrii*, v. 423; *Tyrius*, v. 574; *Tyrios*, v. 661; *Tyriis*, v. 696; *Tyrii*, v. 707; *Tyriis*, v. 732; *Tyrii*, v. 735; *Tyrii*, v. 747)
- Tiro** (*Tyri*, v. 346)
- Tirreno** (*Tyrrhenum*, v. 67)
- Tomilho ou Erva-Russa** (*Thymus*, v. 436)
- Trácia** (*Threissa*, v. 316)
- Trácia Harpálice** (*Threissa...Harpalyce*, v. 316-317)
- Trinácrio** (*Trinacrio*, v. 196)
- Triões** (*Triones*, v. 744)
- Tritão** (*Triton*, v. 144)
- Troas** (*Troas*, v. 30; *Troas*, v. 129; *Troes*, v. 172; *Troes*, v. 232; *Troes*, v. 524; *Tros*, v. 574; *Troes*, v. 747)

**Troia** (*Troiae*, v. 1; *Troiam*, v. 24; *Troiae*, v. 95; *Troia*, v. 119; *Troiae*, v. 206; *Troiae*, v. 238; *Troia*, v. 249; *Troia*, v. 375; *Troiae*, v. 376; *Troiae*, v. 473; *Troiae*, v. 565; *Troiae*, v. 597; *Troiae*, v. 679; *Troia*, v. 732)

**Troiano, Troiana** (*Troiano*, v. 19; *Troianus*, v. 286; *Troiana*, v. 467; *Troiano*, v. 550; *Troianae*, v. 624; *Troiana*, v. 699)

**Troilo** (*Troilus*, v. 474)

**Troio** (*Troius*, v. 596)

**Tros** (*Tros*, v. 574)

**Velho Baco** (*ueteris Bacchi*, v. 215)

**Vênus** (*Venus*, v. 229; *Venus*, v. 325; *Veneris*, v. 325; *Venus*, v. 335; *Venus*, v. 386; *Venus*, v. 411; *Venus*, v. 618; *Venus*, v. 691)

**Vésper** (*Vesper*, v. 374)

**Vesta** (*Vesta*, v. 292)

**Xanto** (*Xanthum*, v. 473)

**Zéfiro** (*Zephyrum*, v. 131)



## Referências

---

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Édition revue et augmentée. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982.

COLLOUTHOS. *L'enlèvement d'Hélène*; texte établi et traduit par Pierre Orsini. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque* (avec un appendice sur la religion des Étrusques). 2e. éd. Paris: Payot, 2000.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Réimpression de la 4e. édition augmentée d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 2001.

ÉSQUILO. *Tragédias: Os persas, Os sete contra Tebas, As suplicantes, Prometeu cadeeiro*; estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EURIPIDE. *Tragédies: Héraclès, Les suppliantes, Ion*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Troyennes; Iphigénie en Tauride; Électre*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Rhésos*; texte établi et traduit par François Jouan. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

GANTZ, Timothy. *Mythes de la Grèce archaïque*; traduit par Danièle Auger et Bernadette Leclercq-Neveu. Paris: Belin, 2004.

GRAVES, Robert. *O grande livro dos mitos gregos*; tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*; préface de Charles Picard. 15e. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

HÉRODOTE. *Histoires* (livre I, Clio); texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HÉSIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*; texts établis et traduits par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*; tradução e ensaio crítico de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

HOMÈRE. *Hymnes*; texte établi et traduit par Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1936.

HOMÈRE. *Iliade*; texte établi et traduit par Paul Mazon; notes d'Hélène Monsacré. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

HOMÈRE. *Odyssée*; texte établi et traduit par Victor Bérard, notes de Sílvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2001 (3 vol.).

HYGIN. *Fables*; texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HYGIN. *L'astronomie*; texte établi et traduit par André Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

LUCRÈCE. *De la nature (De rerum natura)*; traduction, introduction et notes de José Kany-Turpin. Paris: Aubier, 1993.

LUCRÈCE. *De la nature*; texte établi, traduit et annoté par Alfred Ernout; introduction et notes par Élisabeth de Fontenay. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

MORKOT, Robert. *Atlas de la Grèce antique*; traduit de l'anglais par Carine Chichereau. Paris: Éditions Autrement, 1999.

OVIDE. *Les fastes*; texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003 (2 vol.).

OVIDE. *Les Métamorphoses*; texte établi par Georges Lafaye, émendé, présente et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

RHODES, Apollonios de. *Argonáutica*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

ROBERT, Jean-Noël. *Les étrusques*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

SOPHOCLE. *Tragédies: Ajax, Oedipe roi, Electre*; texte établi par Alphonse Dain et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Third edition revised. Edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth. New York: Oxford University Press, 2003.

TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*; texte établi et traduit par Gaston Baillet, introduction et notes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

VIRGILE. *Bucoliques*; texte établi et traduit par E. de Saint-Denis; nouvelle édition revue et augmentée d'un commentaire; cinquième tirage revu, corrigé et augmenté d'un complément bibliographique par Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Quatrième tirage de l'édition revue et corrigée par R. Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 2006 (3 vol.).

VIRGILE. *Énéide*; texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Belessort. 7. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

VIRGILE. *Géorgiques*; texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis, introduction et notes de Jakie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*; tradução de José Vitorino Barreto Feio (Livros I-VIII) e José Maria da Costa e Silva (Livros IX-XII). Edição organizada por Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIRGILIO. *Eneide*; traduzione di Luca Canali; introduzione di Ettore Paratore. Milano: Oscar Mondadori, 2004.





